



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**SENTIDOS DO TRABALHO PARA IDOSOS EM EXERCÍCIO
PROFISSIONAL REMUNERADO**

Maris Stela da Luz Stelmachuk

**FLORIANÓPOLIS
2005**

**SENTIDOS DO TRABALHO PARA IDOSOS EM EXERCÍCIO
PROFISSIONAL REMUNERADO**

Maris Stela da Luz Stelmachuk

**Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina, sob
orientação do Prof^a. Dr^a. Maria Juracy Filgueiras
Toneli.**

**FLORIANÓPOLIS
2005**

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE PENSA

Quem construiu a Tebas de Sete Portas?

Nos livros estão os nomes dos reis.

Os reis arrastaram os pedaços de rocha?

E a Babilônia várias vezes destruída?

- Quem a ergueu tantas vezes?

Em que casas da Lima irradiante de ouro moravam os construtores?

Para onde foram, na noite em que ficou pronta a Muralha da China, os
pedreiros?

A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.

Quem os erigiu?

Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio só tinha palácios para seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida na noite em que o mar a engoliu os que se
afogavam gritavam por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.

Ele sozinho?

César bateu os gauleses.

Não tinha ao menos um cozinheiro consigo?

Felipe de Espanha chorou quando sua frota soçobrou.

Ninguém mais chorou?

Frederico Segundo venceu na Guerra dos Sete Anos.

Quem venceu, além dele?

A cada página uma vitória.

Quem cozinhou o banquete da vitória?

A cada dez anos um grande homem.

Quem pagou as despesas?

Tantos relatos.

Tantas perguntas.

Nós vos pedimos com insistência:

Não digam nunca:

ISSO É NATURAL !

Diante dos acontecimentos de cada dia, numa época em que reina a confusão,
em que corre o sangue, em que o arbitrário tem força de lei, em que a
humanidade se desumaniza,

Não digam nunca:

ISSO É NATURAL !

Para que nada possa ser

IMUTÁVEL !

Bertold Brecht

Dedico esse trabalho aos meus pais, que me ensinaram, desde cedo, a valorizar o conhecimento. Dedico também aos participantes da pesquisa, pessoas trabalhadoras e felizes, que estão escrevendo com suas próprias vidas formas criativas e saudáveis de viver a velhice.

AGRADECIMENTOS

Ao Ledo, companheiro incentivador e amoroso;

Aos colegas Marly, Franciane, Gustavo, Ana Patrícia e Marínea, pela parceria na construção desse trabalho;

À Dulce, pela colaboração constante;

À Jura, por ensinar o caminho;

À Universidade do Contestado, pela oportunidade.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1. Velhice.....	10
1.1. Da infância à velhice – A construção e a significação das idades.....	11
1.2. O que é envelhecer.....	15
1.3. A configuração estatística do envelhecimento.....	18
1.3.1. Os velhos na história.....	19
1.4. Memória – Narrativas.....	20
1.4.1. Memória e Trabalho.....	21
1.5. Idoso e Trabalho.....	23
1.5.1. Trabalho e velhos trabalhadores.....	23
1.5.2. Os significados do trabalho.....	25
1.6. Relevância científica.....	30
2. Método.....	34
3. Trabalho – O que efetivamente se faz ou se fez.....	48
3.1. Trabalho atual e progresso	48
3.1.1. Situações Gratificantes e situações frustrantes no trabalho.....	69
3.2. Hobby.....	72
3.3. Trabalho na família de origem.....	80
3.4. Atividade profissional dos filhos.....	90
4. Sentidos do trabalho.....	94
Referências	105
ANEXO A – Roteiro de Entrevista.....	109
ANEXO B – Estatuto do Idoso – Título II – Dos Direitos Fundamentais –	
 Capítulo VI – Da Profissionalização e do Trabalho.....	112

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados de pesquisa realizada com seis pessoas (três homens e três mulheres), com idades entre 63 e 82 anos, em atividade profissional remunerada após sua aposentadoria. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com roteiro organizado em blocos temáticos: identificação dos sujeitos, trabalho atual e progresso, outras ocupações e hobbies trabalho na família de origem. Finalizavam o roteiro perguntas sobre se houvesse possibilidade de recomeço se o fariam na mesma atividade e sobre o desejo de que seus filhos seguissem sua profissão. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e o material foi categorizado e submetido à análise tendo como base teórica a Psicologia histórico-cultural de Vigotski. As profissões e hobbies dos participantes são: reparador de fogões/antiguidades, professora/pintura, industriário/fotografia, médica/jogo de cartas, cozinheira e bordadeira/dança folclórica, e, médico/imagem e som. Todos os participantes relatam situações de gratificação e de frustração em sua história de trabalho, embora o prazer associado ao trabalho esteja sempre presente em seus relatos com maior evidência. A permanência no trabalho parece ser uma gratificação comum a todos, pois é relatada ao longo de seus discursos com conotação de entusiasmo e orgulho. Associam deixar o trabalho com o afastamento de uma atividade motivadora e impregnada de significados, tanto em âmbito pessoal, como social de pertencimento ao grupo. Significam o trabalho como sua própria vida, o que faria com que o afastamento do trabalho significasse a perda do sentido de viver.

Palavras-chave: pós-aposentadoria, idosos e trabalho, sentidos do trabalho na velhice.

ABSTRACT

The current work presents the results of a research carried out with six people (three men and three women), aged 63 to 83 years old, in paid labor activity after their retirement. Semi-structured interviews were made, with the route organized in theme blocks: subjects identification, current and previous jobs, other occupations and hobbies, job in the origin family. Ending the route, questions about the possibility of a restart and if they would do it in the same activity and the wish that their children followed the same profession. The interviews were recorded and fully written and the material was selected and submitted to analysis having as theoretical basis the Vigotski's historical and cultural psychology. The participants' professions and hobbies are: stove repairer/antiquities, teacher/painting, industrialist/photography, physician /card games, cook and embroider/folk dance, and physician/image and sound. All participants reported situations of pleasure and frustration in their labor history, although the pleasure associated to labor is always present in their reports with more evidence. The permanence at work seems to be a common pleasure to all, because it is reported during their statements with a connotation of enthusiasm and pride. They associate leaving the work to getting away of a motivating and meaningful activity, as much personal as social of belonging to the group. They understand their work as their own life, what would make the job distance a loss in their own sense of living.

Key words: powder-retirement, senior and work, senses of the work in

1

VELHICE

O envelhecimento tem sido alvo de abordagens as mais variadas que partem de todos os segmentos da sociedade. O fenômeno é visto como motivo de preocupação pela saúde pública e pelos governos, uma vez que aumenta o número de inativos em relação aos ativos no trabalho. Do ponto de vista profissional, o marco do envelhecimento é o término do período produtivo, que culmina com a aposentadoria. Esse fato é visto como motivo de alegria para uns, tempo de descanso para outros, frustração e sofrimento, afastamento social e outras formas de sentir e vivenciar a despedida oficial do trabalho ao qual as pessoas se dedicaram ao longo de sua vida.

A realidade demográfica do final do Século XX, início do Século XXI e, muito provavelmente, em sua continuidade aponta para o aumento da expectativa da vida humana em mais ou menos 20 anos para a média da população. Como utilizar esse tempo a mais de vida é uma preocupação para muitos, mas também configura o desafio maior da construção de uma nova forma de viver a velhice, diferente dos quadros de doença, miséria e abandono que tanto desrespeitam cidadãos que viveram sua vida produtivamente até o período da aposentadoria. A continuidade da vida de trabalho representa uma possibilidade cada vez mais utilizada por pessoas idosas, como vêm constatando as estatísticas e como demonstram os trabalhos de Neri (2000) e Grünewald (1997), que retrata essa realidade também em outros países. Este estudo verificou, por meio de entrevistas semi-estruturadas, os sentidos¹ do trabalho junto a seis sujeitos com idade entre sessenta e três e oitenta e dois anos, que permanecem em exercício profissional remunerado e trouxe uma contribuição a mais no avanço do conhecimento relativo a essa forma de viver os anos posteriores à aposentadoria.

¹ Sentidos - conceito pertinente à teoria de Vygotski, tendo em vista o processo de constituição do sujeito, compreendendo a experiência da subjetividade que são sentidas e vividas como íntimas, pessoais e únicas, embora tendo sua origem no contexto histórico e cultural.

1.1. Da infância à velhice - a construção e as significações das idades

Até o século XVI o conceito de idade não tinha a relevância e o caráter de identificação de que hoje ele é constituído, como vemos em Ariès (1981). Esse fato é ilustrado pelo autor quando menciona Sancho Pança em “Dom Quixote” falando de sua filha, a quem muito amava, mas da qual não sabia a idade exata: “deve ter quinze anos, dois a mais ou a menos, mas é alta como uma lança e fresca como uma manhã de abril...” (in: ARIÈS, 1981, p.31). Também era usual até essa época que, mesmo sabendo sua idade, as crianças não a revelassem, sendo que essa omissão fazia parte das boas maneiras. A arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la não por incompetência ou falta de habilidade, mas talvez porque não houvesse lugar para ela nesse mundo, sendo a criança representada como uma figura humana pequena em tamanho, mas com traços e músculos semelhantes ou iguais ao adulto (ARIÈS, 1981).

Ainda segundo Ariès, somente no Século XIV a representação iconográfica da criança passa a ocorrer não só nos registros religiosos, mas também nos leigos e coincide com seu aparecimento nas lendas e contos religiosos. Nessas representações as crianças aparecem ora como protagonistas, ora como figuras secundárias, o que pode sugerir que no cotidiano elas estavam misturadas aos adultos, uma vez que aparecem tanto em reuniões de trabalho, como em passeios e jogos ou, pode sugerir ainda, que os pintores a representavam preferencialmente por sua graça e gostavam de retratá-la dentro do grupo ou da multidão. De qualquer forma, há aqui a evidência do início de estruturação da referência à infância como um período diferenciado das outras idades.

A configuração da adolescência se dá pela personagem literária Querubim em que prevalece a ambigüidade da puberdade com ênfase no lado efeminado de um menino que saía da infância, passa pela expressão da virilidade ressaltada em cartazes de recrutamento para o regimento do Royal Piemont, em Nevers, 1789, e chega a Wagner, na Alemanha, na figura de Siefried que exprime pela primeira vez a mistura de pureza (provisória), força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver que faria do adolescente o herói do século XX, o século da adolescência (ARIÈS, 1981). O fenômeno penetra na França, em torno de 1900, e tornou-se um tema literário e interessou a políticos e moralistas. Queria-se saber o que pensa o adolescente e foram realizadas pesquisas para que revelassem mais a respeito desse período da vida humana. O autor não esclarece sobre as mencionadas pesquisas, mas a partir de então a juventude torna-se cada vez mais visível e depositária de valores novos, “capazes de reavivar a sociedade”.

Esse valor consagrado no século XVIII se impõe a partir dos anos 60 do século XX, como cabível e utilizável pelas pessoas a partir da meia idade. A história se repete e é como se, ao se perceber o envelhecimento populacional, houvesse agora um esforço no sentido de reavivar a importância desta faixa da população, impondo-lhe modos e estilos jovens de viver. Com ela a supervalorização da alegria e da vivacidade como valores desejáveis e dos quais não se deve abrir mão, como se estados e sentimentos diferentes destes fossem erros ou fatos inconfessáveis, de menor importância e valor.

A infância, antes desconhecida, ganha espaço e muitos estudos a consagraram como os de Freud, Piaget, Vigotski, Wallon, Bowlby, Klein, Mahler e outros. No século XXI, não se discute mais a sua especificidade. A adolescência, por sua vez, se expande e empurra para frente à maturidade, passando de uma época sem o reconhecimento da adolescência para uma em que a adolescência é a fase de vida favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo (ARIÈS, 1981). O idoso, por outro lado, ainda tem que construir sua forma de ser.

Pertencer a uma faixa etária ou a menção de uma idade remete o interlocutor a uma série de significações que o enquadram em uma imagem referencial de formas de comportamento, como ocorre quando se menciona a nacionalidade, religião, ideologia política, etc. A idade adquiriu significado e caráter de identificação pessoal por meio das peculiaridades a ela atribuídas. Mencionar a idade continua sendo algo feito com reservas, no final do século XX e início do século XXI, quando não mais se pertence à faixa etária jovem. Essa é uma revelação que remete à inclusão “oficial” do sujeito em uma categoria significada como desvalida e inferiorizada sócio-culturalmente.

A associação da velhice com a idéia de decrepitude, entendendo-se esse termo como relativo à decadência e à precariedade física e sócio-econômica, em países em desenvolvimento, faz com que ser velho seja uma realidade carregada do estigma da decadência, do feio, do estagnado e do indesejado, a ponto de quase não haver naturalidade na forma de referência às pessoas de mais idade e às características desse tempo de vida. Fala-se com comiseração, com excessivo respeito ou, ainda, em tom pejorativo sobre a idade ou possível idade daqueles que não são jovens. Beauvoir (1990) denomina *conspiração do silêncio* a resistência, a negação do ser humano em falar sobre o envelhecimento e a morte. Além disso, portar-se de algumas formas, tais como com isolamento, desânimo, afastamento social remete àquele que assim vive a ser visto como velho, mesmo estando com pouca idade, como se o gosto pela agitação, pelo movimento, pelo contato social constante fosse o melhor jeito de viver, significando que não viver assim não pode ser uma escolha, uma preferência, mas o resultado de uma “anomalia existencial” ou...

velhice. Como houve um tempo em que a infância não era vista como uma faixa etária específica, também até nos dias de hoje a faixa etária idosa é vista como aquela dos adultos que estão se acabando, que não produzem mais, para mencionar a forma como o capitalismo significa a pessoa que não mais se enquadra nas categorias produtivas (HADDAD, 1986).

No entanto, uma outra forma de referência e de significação da velhice tem sido utilizada com a criação, na França, nos anos 70 do século XX, das *Universités du Troisième Age* (DEBERT, 1997). A utilização do termo “terceira idade” configura o que foi designado como eufemismo medroso (MOTTA, 1996) que objetiva desviar a atenção do idoso das perdas físicas e modelos vivenciais tidos como típicos da velhice, como isolamento, diminuição do ritmo de movimentos e outros semelhantes que vão ocorrendo com o avanço da idade. Esse modelo, por meio de uma tentativa de controle de expressão da velhice (BARROS, 1981) força a continuidade ou a imposição de um ritmo de vida o mais semelhante possível com o da juventude. Essa forma de abordar a velhice configura-se a partir do momento em que a gestão da velhice deixou de ser restrita à esfera familiar e se tornou uma realidade a ser gerida na esfera pública, tentando reduzir o desconforto e a desvalia atribuídos à condição de velho. A ideologia disseminada a partir da invenção da terceira idade mostra que a forma jovem de viver pode ser estendida com o acréscimo da vantagem da inatividade remunerada, proporcionada pela aposentadoria (DEBERT, 1997).

A partir da segunda metade do século XX, as idades em número significam relações, funções psicológicas e comportamentais. A velhice está em processo de construção de sua forma peculiar e específica de ser, sendo este um momento histórico em que, pela primeira vez, o idoso é percebido como idoso e não como um representante de uma etapa da vida desprovida de identidade própria, com atributos de crise e desvalor. Segundo Ariès (1981), as descrições das idades se faziam por meio de termos que as designavam, como os regulamentos das pequenas escolas de Port-Royal, no século XVIII, que prescreviam falar de uma nova forma, referindo-se às crianças como “pequenas almas”, “pequenos anjos” ou como Mademoiselle Lhéritier em seus contos dirigia-se às crianças como “jovens ...”, “jovens pessoas” acreditando que essas imagens levariam os jovens a reflexões que aperfeiçoassem sua razão, sua forma de se perceber. O mesmo tem ocorrido atualmente com relação à velhice. Prescreve-se que, com a substituição do termo velhice por terceira idade, a vida após os 60 anos é um período tão bom ou melhor do que os anteriores, desde que se viva de modo jovem, ou seja, impõe-se que a juventude seja estendida para além dos anos jovens. Essa prescrição, ainda que equivocada, pode ser entendida como um início de familiarização com o fenômeno do envelhecimento pessoal a partir da forçosa

percepção do envelhecimento populacional cada vez mais visível demograficamente. Partindo de um fator conhecido, que é a valorização da juventude, a sociedade adentra a compreensão da próxima etapa, a velhice, e vai criando a condição de ir, aos poucos, desconstruindo o estigma que ainda a acompanha, levando à possibilidade de elaboração de uma forma mais digna de envelhecer e de viver a velhice. Ao se falar em terceira idade e em formas dignas de envelhecer, ao se reconhecer os ganhos e prerrogativas que essa idade adquire, tais como serenidade, equanimidade e sabedoria nas decisões (SKINNER, 1985), torna-se possível construir um valor real, porém ainda não inteiramente configurado para a velhice. Com isso, o estigma de que é revestido o envelhecimento vai sendo enfraquecido e envelhecer passa a ser algo não mais significado como o inevitável, o temível, mas mais um período de vida a ser vivido. A velhice se descobre e a sociedade descobre o envelhecimento, construindo-se assim a forma idosa de viver a velhice.

Enquanto não se constrói a forma idosa e digna de viver, vamos temer a passagem da vida adulta para meia idade e desta para a idade velha, pois segundo Ariès (1981), do mesmo modo que significamos a menção do sexo às funções atribuídas a gênero, revela os comportamentos, as expectativas, as especificidades de se ter 20 ou 40 anos. Se dissermos “ser humano”, pouco está revelado do que queremos identificar nesta descrição, mas se dizemos “ser humano do sexo masculino”, torna-se possível configurar uma visualização a mais do que queremos dizer a respeito desta descrição. E ao dissermos “ser humano, do sexo masculino, com 30 anos”, quase é possível visualizá-lo a partir das significações sócio-culturais de que essa identificação foi se constituindo ao longo da História. Porém, quando se diz “homem de 30 anos, que viveu na década de 30 do Século XX”, ou “homem de 30 anos, que vive no ano de 2003”, adentra-se a dimensão histórica e social da constituição desse sujeito e tornam-se visíveis as diferenças de época e do que era social e culturalmente um homem de 30 anos na década de 30 do século XX e outro da mesma idade no ano de 2003. Esta é uma realidade que se deve ao que Stuart-Hamilton (2002) chamou de *expectativas sociais*, referindo-se à idade social, que indica como se espera que as pessoas se comportem em determinada idade. Conforme o modo como é significada hoje a velhice ao se referir a alguém com 70 anos, por exemplo, a forma mental de representá-lo, se for homem é uma, se for mulher é outra, sendo que o homem é mais comumente associado à dependência funcional. A mulher nessa idade, em fins do século XX e início do século XXI, está em processo de desconstrução da imagem de dependência e sendo associada a alguém que está saindo de seu antigo reduto, o lar, vivendo experiências que antes não lhe eram permitidas, vislumbrando a busca de realização pessoal (PEIXOTO, 1997).

Baseados no conceito de velhice e envelhecimento que está sendo construído e sustentado em estudos como os de Neri (1991, 1993), é possível afirmar que a importância, no início de século XXI, recai não sobre a longevidade, mas sobre a qualidade de vida, como está enfatizado na afirmação da Organização Mundial de Saúde “o importante não é dar anos à vida, mas vida aos anos” (in DUARTE, 1999).

A não visibilidade da infância como uma faixa de idade no século XIV é semelhante à não visibilidade da velhice como fenômeno particular e específico de realidade existencial até meados do século XX. A velhice está se tornando visível pelo aumento da quantidade de seus representantes, mas não por sua especificidade. São os próprios velhos que estão forçando sua inserção social utilizando-se do modelo jovem de viver por ainda carecerem de modelo próprio. Nisso eles são ajudados pelas Ciências Humanas por meio da Gerontologia, conjunto das disciplinas que intervêm no mesmo campo, o da velhice, segundo definição de Haddad (1986). A presença maciça de eufemismos e atenuações para se referir ao envelhecimento expressa o que se pode entender como dificuldade em visualizar uma forma diferente da conhecida dos jovens até então para a vivência da velhice.

A humanidade até o atual estágio parece estar em nível de desenvolvimento da percepção de si mesmo, anterior ao do estágio do pensamento operacional formal, de Piaget, condição em que só se apreende o que está ao alcance dos sentidos ou dos órgãos sensoriais. Baseada nesta proposição, Neri (1991) denuncia a necessidade de um redimensionamento conceitual da existência humana no mundo e da inclusão da noção de quarta dimensão em Gerontologia, como ocorreu na Física, em que a noção mecanicista newtoniana sobre o tempo foi substituída pela dos princípios da relatividade de Einstein. Essa revolução interna que Neri (id.) aponta necessária à Gerontologia, consiste em considerar a interação entre o passado, o presente e o futuro na determinação da experiência humana, dando possibilidade a que os pontos de vista sobre velhice e envelhecimento se modifiquem, bem como as relações de causa e efeito ao longo do desenvolvimento humano.

1.2. O que é envelhecer

Para Goldfarb (1998) envelhecer e envelhecimento são conceitos indefiníveis, sendo possível reconhecer um velho, mas difícil defini-lo sem considerar parâmetros específicos do ponto de vista biológico, que leva em conta a aparência e as patologias clássicas desse período de

vida (cabelos brancos, rugas, osteoporose, etc.). Entretanto, essas patologias podem surgir antes de uma pessoa ser definida como velha e, além disso, a ciência está colaborando para superar a maioria delas. Assim esses sinais, por si, não definem velhice. Do ponto de vista psicológico, parâmetros como enrijecimento do pensamento, certo grau de regressão e tendência à reminiscência são, antes, um apanhado de negatividades e não falam de todas as velhices. Do ponto de vista social, a autora afirma que a aposentadoria não faz do sujeito um velho, assim como o direito de voto não faz do adolescente um adulto.

Neri (1991) também descreve as várias dimensões da experiência temporal humana e defende que, no aspecto biológico, o envelhecimento se dá gradualmente, como resultante do processo natural e de acordo com as condições de vida daquele que envelhece. Referindo-se à dimensão individual da experiência temporal, Neri (id.) inclui os eventos biológicos, psicológicos e sociais que afetam os campos temporais das pessoas, mediados por sua subjetividade. As pessoas orientam-se no mundo de acordo com sua realidade privada de seus esquemas temporais, que é referenciada por eventos biológicos (sono e vigília, gravidez, parto, menarca), sociais (como casamento e aposentadoria) e psicológicos (como adolescência e “crises da idade”).

Cada categoria de indivíduos é multidimensional e é arbitrariamente controlada por relógio e calendário que regulam a seqüência, a cadência e o ritmo das atividades sociais. Assim, a infância é tempo de brincar, a idade adulta é de trabalhar e a velhice é para descansar. Há idade para casar e ter filhos. Ainda segundo Neri (1991), a pontualidade é um valor nas sociedades desenvolvidas. O lazer e o tempo livre não são valorizados nas sociedades que cultuam o trabalho como valor superior. Demarcações como essas conduzem as pessoas a grandes distorções por ocasião de sua aposentadoria. A experiência pessoal de tempo seria explicada pela mediação de eventos interacionais encobertos (ou estímulos substitutos), cuja função é colocar o organismo em contato com estímulos que não estejam presentes (memória e reminiscência).

Neri (1991) enfatiza a importância de se colocar o conceito de 4ª dimensão no envelhecimento, apontando a necessidade de uma alteração nas concepções sobre velhice na Gerontologia, provavelmente denunciando a necessidade do desenvolvimento de uma forma mais ampla de significar a velhice. Essa ampliação deve transpor os aspectos de preocupação relativos ao aumento das possibilidades de doenças pelo declínio biológico e pelo isolamento social imposto pela aposentadoria aos velhos. Essa preocupação pode ser entendida como uma forma de minimizar a surpresa do envelhecimento que, segundo Goldfarb (1998) é percebida pelo ser humano nos outros e não em si mesmo.

Para ilustrar essa colocação, Goldfarb (id.) menciona Freud que, em viagem de trem deparou-se com um velho que, equivocadamente, adentrou sua cabine e nela, insistentemente, permanecia mesmo sendo energicamente encarado por muitos segundos. Para seu espanto, o velho era ele mesmo no espelho! Até então ele não havia percebido que sua aparência física tinha passado por tal transformação. Essa ilustração revela, em dimensão individual, que o homem vai construindo concepções e conceitos e lhes atribuindo significações à medida que os vai configurando em seu aparelho perceptual.

Durante o século XX e início do século XXI a demografia revela a realidade do envelhecimento populacional mundial e a espécie humana começa a *perceber* a velhice. À medida que esta vai sendo percebida, deixa de ter o aspecto de estranheza e de anomalia existencial, de estigma com que vem sendo percebida e significada através do último século. Começa-se a considerar a possibilidade de compensação de perdas por benefícios da experiência adquirida que vai sendo transformada em sabedoria, atributo já valorizado na velhice (SKINNER, 1985).

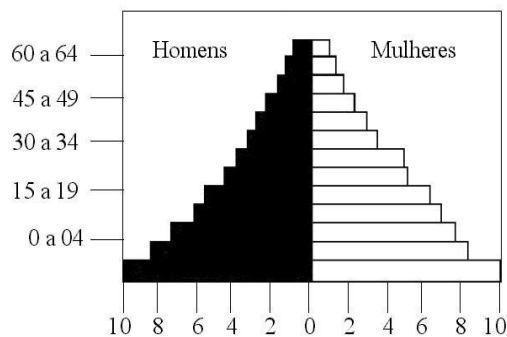
Idades do homem, faixas etárias são constructos que foram consagrados pela repetição da prática e pelo reconhecimento científico elevando-as a fatores causais de seqüência e taxionomias de comportamento. Isto se dá a ponto de, diante de um adolescente que não seja rebelde, de um idoso que não seja marginalizado e de uma criança de três anos que não seja negativista, se perguntar o que há de errado com eles. Criou-se a expectativa de que cada idade tem suas manifestações específicas. Essa concepção adentra a dimensão social da experiência temporal, pois para os sociólogos o tempo social é a síntese, a multiplicidade dos esquemas individuais de tempo e funciona como referencial para a sincronização das temporalidades individuais e para a determinação dos ritmos sociais coletivos (NERI, 1991). O relógio social regula as várias áreas da vida das pessoas e, graças a ele, elas têm consciência de estarem ou não de acordo com sua geração quanto à emergência de papéis e à ocorrência de eventos demarcadores do desenvolvimento. Resulta disso um senso pessoal de ciclo normal ou esperado, ligado ao autoconceito e que permite às pessoas um grau de ajustamento, além de apontar os comportamentos aceitáveis para os indivíduos em uma dada fase do ciclo vital. Esses fenômenos culturais permitem a construção de um roteiro para uma vida normal e esperada, criando previsibilidade e reduzindo a incerteza; tornando-se referencial para a avaliação do progresso individual e quando as mudanças na vida ocorrem de acordo com o esperado, a existência do roteiro impede que elas sejam vivenciadas como crises. (NERI, 1991)

1.3. A configuração estatística do envelhecimento

Stuart-Hamilton (2002) considera que o envelhecimento não é um fenômeno exclusivo dos tempos modernos, mas enfatiza que nos últimos 100 anos ele tornou-se bem mais comum. Segundo o autor, o aumento da taxa de envelhecimento populacional é algo que vem ocorrendo ao longo dos tempos, sendo que na pré-história o envelhecimento era raro e, até o século XVII, uma ínfima porcentagem de pessoas chegava aos 65 anos.

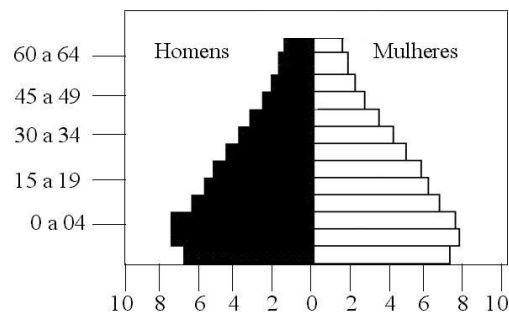
Berquó (1996) demonstra que a taxa de envelhecimento desde 1940, com projeção até 2025, configura-se uma realidade sempre crescente, ocasionando o que Stuart-Hamilton (2002) denomina *sociedade retangular*, em que existem mais ou menos os mesmos números de pessoas vivas em cada década de idade. Trata-se de uma situação diferente da que ocorria até fins do século XIX, na *sociedade piramidal*, em que a taxa de natalidade era alta e a taxa de mortalidade, após os 50 anos de idade, era reduzida. A configuração gráfica da transição demográfica é notada ao longo do século XX e início do século XXI, como demonstram os gráficos a seguir:

Estrutura Etária do Brasil de 1950



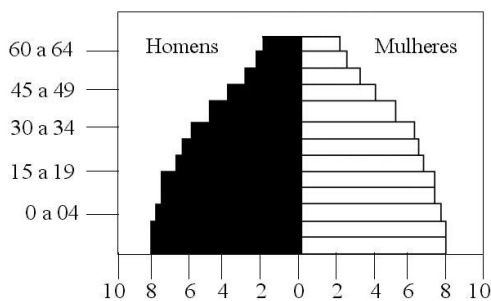
Fonte: Fundação IBGE – Censo Demográfico de 1950.

Estrutura Etária do Brasil de 1991



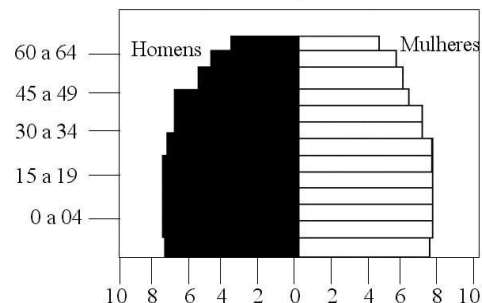
Fonte: Fundação IBGE – Censo Demográfico de 1991.

Estrutura Etária Projetada - Brasil 2000



Fonte: Machado C.C. 1993

Estrutura Etária Projetada - Brasil 2020



Fonte: Machado C.C. 1993

Uma das preocupações apontadas por autores como Hamilton (2002), Berquó (1996), Haddad (1986) e outros refere-se às preocupações com esse aumento da população idosa, uma vez que, concomitantemente há diminuição de nascimentos e menor número de adultos ativos profissionalmente. Esses adultos seriam então responsáveis economicamente, por meio do pagamento de impostos (além de cuidados relativos à sua sobrevivência) pelos inativos aposentados. A aposentadoria é um capítulo dramático na história dos países em desenvolvimento, pois representa, sob o aspecto econômico, a diminuição da *dependência* na velhice (número de pessoas em idade de aposentadoria dividido pelo número de pessoas em idade produtiva), que no início de século XXI é de um quinto em nações industrializadas, deve aumentar para um terço ou mais, até 2040. A dependência traz uma condição de desvantagem aos velhos, pois os limita em sua autonomia, uma vez que, em muitos casos, necessitam passar a morar com filhos ou recebe-los em casa para morar, e ainda colaborar com dinheiro e cuidados aos netos para que suas mães possam trabalhar.

1.3.1. Os velhos na História

O envelhecimento populacional nas proporções estatísticas deste início do século XXI parece não ter sido prevista em nenhuma instância e em nenhum momento do desenvolvimento histórico e humano. Exemplo disso é o despreparo das nações e dos governos, como também das famílias para administrar o fenômeno do envelhecimento. Em agosto de 2003 jornais noticiaram o desaparecimento de um grande contingente da população idosa na França que foi assolada por um excesso de calor no último verão. Idosos deixados em casa, enquanto as famílias viajavam de férias, morreram devido às condições climáticas e à falta de um programa de assistência e saúde governamental que cuidasse de suas necessidades.

Zimerman (2000) alerta para a contrapartida do *baby-boom*, ocorrido entre 1945 e 1960, no pós-guerra, na Europa e Estados Unidos, que se transformará em *old-boom*, em torno de 2025, com repercussão social, médica e econômica. Além das conseqüências econômicas, as conseqüências sociais seriam observadas na convivência de três ou quatro gerações, cada família com um ou mais velhos, com prevalência das mulheres, e o grande número de pessoas idosas vivendo em instituições.

Quanto às conseqüências médicas, preocupam o aumento na demanda para serviços de saúde, gastos com medicação, internamentos, que no caso de idosos é de maior duração, visto que

demoram mais para se recuperarem quando doentes, e incidência de doenças mentais em consequência de degenerações demenciais.

Beauvoir (1990), ao analisar sociedades históricas, afirma que a pessoa idosa tem mais poder nas sociedades mais organizadas e repetitivas do que nas fragmentadas. Na China, em Esparta, em Roma (até o II século a.C.) e entre os judeus, os jovens reconheciam sua autoridade política e econômica. Na Idade Média, os velhos eram assistidos pelas famílias ou pela caridade dos castelos e conventos (NERI, 1991). Com o advento do capitalismo, o processo de industrialização e a generalização dos sistemas públicos e privados de aposentadoria, as políticas sociais de apoio ao idoso, ao mesmo tempo em que o beneficiaram, contribuíram para sua estigmatização.

Essa breve revisão demonstra a diversidade de formas com que o velho é visto e tratado ao longo da história. Pouco se fala de uma outra forma de envelhecer, ou seja, a forma da continuidade de uma vida produtiva nos termos da forma capitalista de produzir.

1.4. Memória e narrativas

O presente, entregue às suas incertezas e
voltado apenas para o futuro imediato,
seria uma prisão.

Ecléa Bosi

Ao longo da existência muitos são os acontecimentos que vão se desenrolando na vida das pessoas. Nem todos esses acontecimentos, porém, estão disponíveis nas lembranças de quem os vive. A maior parte dos conteúdos experienciados pelos sujeitos transfere-se para os meandros da memória e lá permanecem voltando a ser lembrados quando um estímulo sensorial, cognitivo ou afetivo incide sobre o ponto de sua inserção no que se pode chamar de arquivo da memória ou matriz central de informações. Esse arquivo processa uma seleção que não é igual para todos que presenciaram os mesmos fatos, conforme Bosi (1994) e Neufeld e Stein (2001).

Historicamente a memória e seu funcionamento têm sido estudados desde 1885, com Ebbinghaus, mas outros antes dele já se interessavam pela memória como objeto de estudo. Posner (1980) aponta que, na Antiga Grécia, Diógenes de Apalônia relacionava a memória com o ar, pois segundo observava, as pessoas respiram melhor quando recordam um fato esquecido, sendo que isso é notado porque a lembrança é acompanhada pelo ato de tomar fôlego. Platão

comparava a memória a um aviário em que cada pássaro seria uma determinada memória e resgatar uma lembrança era o mesmo que segurar um pássaro desse aviário (MOTA, 2000). Bartlett (in NEUFELD & STEIN, 2001) entende que a memória não apenas recorda, mas que essas recordações estão relacionadas com o significado que se atribui às informações, descartando a idéia de neutralidade da memória na busca de entender o que chega através dos órgãos sensoriais e do que as pessoas sentem. O que ocorre, então, é que a partir de determinados esquemas extraem-se informações daquilo que se relaciona com os significados que são atribuídos às mesmas, reestruturando-as de uma forma que seja coerente. Assim, existem informações que são comuns a todos, mas as significações a respeito delas são pessoais, como no caso de um restaurante, por exemplo. Sabe-se que restaurantes servem comida, mas as formas de se portar em um restaurante dizem respeito à maneira com que cada pessoa o significa. Sendo a memória construtiva, o que fica armazenado não são somente as informações específicas em si, mas aquilo que se incorporou delas aos esquemas já existentes, ou seja, o entendimento e a interpretação de quem as experimentou.

As proposições da Teoria dos Esquemas são visíveis se observarmos a intensificação nos relatos de vida de idosos no fenômeno que Barros (1997) chamou de *densidade da memória* em que as lembranças relatadas se adensam nos momentos em que se recordam das mudanças na trajetória de suas vidas: casamento, nascimento dos filhos, nascimento dos netos, a morte do(a) companheiro(a), separação, mudanças. Estes momentos são relatados com detalhes e coloridos que evidenciam, por meio da seletividade, as diferenças de pessoa para pessoa de acordo com a compreensão e o sentido que lhes atribuem em particular. Bosi (1994) afirma ser a memória um fenômeno dependente do relacionamento com a família, classe social, escola, igreja, profissão; enfim, grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo, instâncias essas que participam fundamentalmente nas construções e significações que fazem parte da constituição do sujeito no decorrer de sua vida.

1.4.1. Memória e trabalho

Eckert (1997) traduz de forma relevante o alcance que o significado do trabalho pode atingir, tanto em âmbito individual, como coletivo. Em artigo intitulado *A saudade em festa e a ética da lembrança* relata a história de uma comunidade carbonífera do Rio Grande do Sul que foi extinta. Até 1950, a vida da comunidade girava em torno do trabalho nas minas que, ao sofrer

retrocesso econômico, entra em processo de desmobilização da atividade carbonífera e se esvazia com a mudança de seus moradores para diversas localidades da região. Esses moradores, ocasionalmente se encontravam e conversavam sobre os tempos da mineração. Dessas conversas, surgiu a idéia de voltarem a se reunir e para essa reunião foram convidados os demais ex-moradores que conseguiram localizar. O encontro seria festivo e deveria reproduzir a tradição da “família corporativa” (ECKERT, 1997, p. 185).

O primeiro encontro aconteceu em uma cidade da região e não exatamente na ex-cidade carbonífera. A avaliação desse primeiro encontro foi positiva, mas entenderam os organizadores que havia deslocamento da legitimidade temporal e espacial e o ambiente não foi recriado, como as expectativas do grupo tinham vislumbrado. Assim, a festa é transferida “como um movimento de reatualização do lugar consagrado na imaginação coletiva como palco legítimo da teatralização presente, como contexto propício para reanimar, na memória atual, o lugar do passado” (id., p. 185). Para essa iniciativa foram apoiados pela prefeitura do local onde moravam e trabalhavam na época da mineração. O evento foi associado a outro programa concebido pela prefeitura e que tinha objetivos econômicos e culturais.

Dessa associação surgiu o Museu do Carvão, local que recriou o cenário ideal para a evocação do antigo mundo do trabalho que os mineradores queriam eternizar e sacralizar. Assim, a *Festa da Saudade* passa ser comemorada oficialmente, promovida pelo Museu do Carvão, pela prefeitura local e organizada por uma comissão especialmente constituída para esse fim. Nesse contexto reafirma-se o valor trabalho e a comunidade de ex-operários/ex-moradores é “reatualizada ética e esteticamente nesse tempo-recordação, presentificando o esforço de construção de uma imagem que é a representação da visão ideal do grupo” (ib., p. 186).

No entanto, nem todos os ex-mineradores têm saudades dos tempos da mina e evitam a reunião e o retorno ao local onde antes trabalharam. Os que aceitam e os que não aceitam demonstram o fenômeno que a autora chama de *capacidade performativa da saudade*. Essa capacidade evidencia as diferentes significações construídas e atribuídas a respeito de fatos semelhantes, mas vivenciados de modo particular e pessoal pelos ex-trabalhadores, como preconizam as proposições de Bosi (1994) ao citar Bergson a respeito da diferença que há entre a percepção do fato ocorrido e a significação a ele associada.

Eckert (1997) conclui que a memória tem o papel de reprodução do passado, transformação do presente, espelhando o passado e idealizando um devir coletivo, como também a evidência do afrontamento de forças conservadoras e forças transformadoras, destacando ainda, a forma de harmonizar ritmos para construir um tempo que assegure a continuidade de um tempo

de vida não mais presente além da memória. O texto de Eckert demonstra a força do entrelaçamento entre vida e trabalho e a não diferenciação dessas instâncias na atribuição de importância que lhes é dada pelos trabalhadores, enquanto estão ativos e mesmo depois de aposentados. As significações se constroem, seja positivamente seja negativamente, e passam a *ser* a pessoa e o que elas percebem de si, do mundo e das relações.

1.5. Idoso e trabalho

1.5.1. Trabalho e velhos trabalhadores

O ser humano, desde os primeiros tempos da civilização, utiliza-se do trabalho para sobreviver. Ao longo da História sua forma de desenvolver esse meio de sobrevivência vem sofrendo transformações que são objeto de estudo de áreas como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Medicina e muitas outras. Também vem se transformando a forma como o ser humano se relaciona com seu meio de sobreviver. A princípio, de maneira autônoma, o homem percorria territórios em busca de alimento, por meio da caça e da coleta de ervas e raízes disponíveis na natureza. Com o aumento da população, a necessidade de ordenar e organizar as formas de sobrevivência, o que constituía fonte de sobrevivência passou a ser organizado como formas de trabalho, tendo como característica a participação do trabalhador em toda extensão do processo produtivo. O homem plantava, cuidava e colhia a sua produção e para isso contava consigo mesmo ou, quando muito, com seus familiares. Com a Revolução Industrial, no Século XIX, ocorre o advento da forma de trabalho caracterizada pelo vínculo entre empregador e empregado. A partir de então, o trabalhador perde o contato com a totalidade do processo de produção e passa a dividi-lo como muitos outros trabalhadores cada um desenvolvendo uma parcela dessa totalidade.

Em fins do Século XX e início do Século XXI, como consequência do sistema globalizado, o capitalismo muda de configuração, colocando o mundo do trabalho e da produção em situações de desafio que desencadearam crises econômicas que são do conhecimento geral e, novamente, o trabalho volta à sua forma autônoma, pelo recurso à economia informal para a qual grande parte da força trabalhadora se direciona a fim de continuar provendo sua sobrevivência. Essa nova forma, ou melhor, esse retorno ao modelo antigo de sobrevivência é ilustrado, com nova configuração, evidentemente, pelo aumento da busca de trabalho autônomo por

desempregados que todos os dias surgem nas grandes e pequenas cidades. O mesmo ocorre entre os velhos após sua aposentadoria. Artigo de Neri (2000) mostra a porcentagem cada vez maior de pessoas idosas que permanecem ou voltam ao mercado de trabalho, após suas aposentadorias:

“O declínio forte em fertilidade e taxas de mortalidade e a longevidade crescente de populações conduziu a mudanças nos perfis de idade da mão-de-obra em muitos países ao redor de mundo. Nos Estados Unidos, em 1950, 87% de homens e 27% de mulheres entre 55 e 64 estavam na mão-de-obra, e 46% de homens e 10% de mulheres ainda estavam trabalhando depois dos 65 anos. Em 1990, essas taxas mostraram uma mudança significativa, ou seja, 65% de homens e 42% de mulheres entre 55 e 64 estava na mão-de-obra e 14% de homens e 7% de mulheres que tinham 65 anos ainda estava trabalhando.”²

Mesmo com o grande número de pesquisas sobre o envelhecimento, quando se trata do trabalho do idoso, ainda são poucos os estudos em relação a outros da área gerontológica no início do século XXI.

Em trabalho assinado por Bruns e Abreu, (1997) publicado na revista ABOP³, sob o título *O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria*, os autores elegeram o momento da aposentadoria para buscarem compreender como mulheres e homens envelhecem e que significados atribuíram ao trabalho ao longo de suas vidas. Foram entrevistados 50 mulheres e 50 homens de várias classes sociais. Pela análise do discurso dos sujeitos de sua pesquisa foi revelado que o sentido e o significado do trabalho para eles são permeados pelos valores veiculados pelo liberalismo, sendo que a realização pessoal fica esboçada como projeto para depois da aposentadoria. Porém, ainda que tenham vivido sua vida profissional com insatisfação, nem sempre conseguem administrar a aposentadoria com satisfação. Os autores concluem afirmando que a ausência de projetos provoca sentimentos de angústia e solidão.

Isso ocorre mesmo com a existência de legislação direcionada à proteção do idoso quanto ao seu direito a participar do mercado de trabalho, conforme regulamenta a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que assim dispõe sobre Política Nacional do Idoso, o artigo 11⁴

² Boletim do Centro de Referência do Envelhecimento. SESC-RS. ANO V. Nº 09 – 2000

³ Associação Brasileira de Orientadores Profissionais.

⁴ Ver atualização no Estatuto do Idoso no anexo 2.

traz: “Ao Ministério do Trabalho, por meio de seus órgãos, compete garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto à sua participação no mercado de trabalho”. A maior parte dos trabalhos científicos relativos aos idosos e ao mercado de trabalho mostra que a discriminação em relação à idade dos que pretendem trabalhar ocorre, conforme se vê em artigos relacionados nos endereços eletrônicos dos bancos de teses e dissertações pesquisados até o mês de março de 2004 e mencionados no item 1.6 deste trabalho.

1.5.2. Os significados do trabalho

Andrade e Mourão (2000) procederam a revisão geral das pesquisas relativas ao significado do trabalho realizadas no período entre 1987 e 2001. O artigo abrange pesquisas nacionais e internacionais, tendo como cenário as mudanças organizacionais na área do Comportamento Organizacional. Consta do artigo que os estudos sobre comportamento organizacional têm produzido conhecimento de importância ao investigar aspectos como envolvimento com o trabalho, satisfação, comprometimento e significado do trabalho.

Para Borges (1998) citado na revisão de Andrade e Mourão, o significado do trabalho pode ser entendido como cognição subjetiva, na qual se observam os aspectos individual e social, associados às condições históricas da sociedade em que os indivíduos vivem. O significado do trabalho, por ser um constructo dinâmico, é inacabado e multifacetado, definindo-se por faceta, aspectos sobre os quais o indivíduo atribui significado ao apreender o trabalho. As facetas que foram consideradas pelos autores são *centralidade, objetivos valorizados, resultados esperados, normas societárias e hierarquia de atributos*. Sendo assim, conhecer o que o ser humano pensa sobre o trabalho e seu significado, exige entender mais a natureza humana. Esse é um fator de importância para o conhecimento dos sentidos que os trabalhadores idosos atribuem ao trabalho. A partir do momento em que a transição demográfica exige a inserção do velho de forma apropriada às suas condições pessoais (físicas, psicológicas, sociais) e ressignificada na sociedade atual e no mercado do trabalho. Conhecer seu pensamento sobre o trabalho pode vir a contribuir para a valorização de sua pessoa, não só pela continuidade da produtividade, mas também pelo valor que ele próprio se atribuiu, quando em contato com a dimensão pessoal, social e econômica que o exercício profissional proporciona.

Andrade e Mourão (1998) relacionam o significado do trabalho à percepção e à importância que o indivíduo atribui a ele. Para fundamentar essa colocação citam Harpaz (1990)

quando ele afirma que para a maioria das pessoas, o significado do trabalho baseia-se em três proposições: 1) função maior do trabalho é instrumental e econômica; 2) trabalho é algo inseparável da natureza e das necessidades humanas e 3) trabalho em sua natureza sócio-psicológica.

Ainda os mesmos autores citam publicação de 1986, relativa à pesquisa com aproximadamente quinze mil (15.000) sujeitos de oito países (Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Iugoslávia, Israel, Japão, Holanda e Estados Unidos), com estudantes, empregados, autônomos, aposentados, desempregados e representantes de diversas profissões e ocupações, com nível de escolaridade variado. A pesquisa foi desenvolvida durante seis (6) anos pela Equipe MOW (Meaning of Working International Research Team) e os resultados obtidos consideram quatro dimensões sobre o significado do trabalho:

a) centralidade do trabalho, que verifica a importância que o indivíduo atribui ao trabalho em relação a outras áreas de vida humana (família, lazer, religião e comunidade); b) objetivos valorizados no trabalho, se intrínsecos (relacionados ao conteúdo da tarefa) ou extrínsecos (não relacionados ao conteúdo da tarefa); c) resultados esperados relativos às funções atribuídas ao trabalho em que alguns esperam realizar-se no trabalho, enquanto outros esperam obter rendimentos necessários ou manter-se ocupados e d) normas sociais, que indicam como o indivíduo se relaciona com as normas de seu grupo, ou seja, que percepções ele tem do trabalho como dever e direito.

Desses resultados, a equipe identificou quatro padrões de significados. O *padrão instrumental*, relativos à importância dos resultados econômicos do trabalho associado a baixo valor aos aspectos intrínsecos. *Padrão expressivo e de centralidade* em que o significado está na importância da expressão por meio do trabalho, esfera central da vida do sujeito, sendo que o salário não é o que mais importa. *Padrão de significado com orientação para direito* e contato em que as pessoas apresentam valorização às normas de direito, contrastadas com deveres e alto valor à dimensão do contato social no trabalho. E o *padrão significado com baixo direito*, em pessoas que apresentam baixa orientação para as normas de direito e com orientação média para a obrigação relativa ao trabalho. Sob esse aspecto o estudo revela que o padrão que concentrou a maior parte da amostra foi o instrumental, com 30% de primazia.

O estudo demonstra que pessoas mais idosas valorizam mais o trabalho e que o significado do trabalho pode ser mediado pela educação e pelo processo de socialização do indivíduo e, ainda, que os valores podem ser modificados ao longo da vida pelas experiências de trabalho.

Outro aspecto destacado pelo trabalho da Equipe MOW, referido por Andrade e Mourão, foi o de que as pessoas desenvolvem significados do trabalho como resultado das experiências e condições de trabalho e lhe atribuem significados para mudar organizações e estruturas sociais.

Codo (1993) em abordagem semelhante traz o processo de trabalho e a construção da subjetividade, quando afirma que o trabalho faz o homem e o homem faz o trabalho, que faz o homem, que faz o trabalho... O autor considera ainda o aspecto quantitativo do trabalho como a forma capitalista de produção de mercadorias e a organização de trabalho (empresa, indústria, instituição) como a síntese da existência objetiva do trabalhador e da existência objetivada do capitalista. Essa determinação quantitativa, no entanto, não elimina o caráter qualitativo e o valor de uso do trabalho. Assim, a máquina potencializa a ação do homem, amplia sua força, estende a capacidade do seu corpo, mas é trabalho acumulado que se construiu a partir do conhecimento do homem e depende dele para sua manutenção. Ainda o mesmo autor observa que o trabalho transformado em mercadoria “elimina” o trabalhador individual, como agente transformador de seu meio próximo e o recria como classe social, agente de transformação da história, dono coletivo da força de trabalho.

Ros e Grad (1991), consultados por Andrade e Mourão, pesquisando a evolução do significado do trabalho demonstraram que entre os jovens ocorre a associação do valor trabalho a todos os demais valores, enquanto que os mais velhos o associam com busca de melhoria e mudança pessoais.

Outros dois pesquisadores estudados por Andrade e Mourão, Davidson e Cadwell (1994), apresentaram estudos associando religião (aspecto pouco considerado a respeito do significado do trabalho) e significado do trabalho, sendo aqui o trabalho significado não como carreira, mas como *chamado*⁵, não importando as dificuldades para sua realização ou a remuneração que possa proporcionar. A tendência para referenciar o trabalho como chamado aumenta com o grau de escolaridade e os que têm menor escolaridade tendem a ver o trabalho como *tarefa*. O trabalho com carreira inclui a importância do mesmo, sendo sua escolha feita para toda vida. O trabalho como tarefa aponta para o desempenho de determinado serviço, mas com desejo de vir a realizar, no futuro, outro tipo de trabalho. Sob o aspecto da renda familiar os pesquisadores verificaram que sujeitos com renda mais elevada tendem a ver o trabalho como carreira e os de renda mais baixa como tarefa. Em relação a gênero, mulheres pendem para significar o trabalho como *chamado* e os homens como *carreira*. Para os servidores públicos, a visão sobre o trabalho é

⁵ Este termo se refere à vocação, do latim *vocatione*, associado à predestinação, pendor (FERREIRA, 1999).

predominantemente *chamado*, em relação aos trabalhadores do setor privado. Por outro lado, a contribuição de Dollarhide (1997), ainda no trabalho de Andrade e Mourão, examina o trabalho sob o aspecto da espiritualidade e oferece uma visão na qual é possível integrar religião com outras dimensões da vida. Sua percepção é do trabalho como sacrifício, como punição à desobediência pregada pela tradição judaico-cristã pelo do Velho Testamento.

Posição semelhante em relação ao trabalho, mas destacando o trabalhador idoso, é apresentada por Haddad (1986) que aponta o fato de que o aposentado não pode sobreviver sem o trabalho que o massacrava durante os períodos anteriores de sua vida, pois dele ainda depende para sobreviver, diferente do idoso que permanece no trabalho, sobretudo por sentir-se realizado e produtivo.

Voltando ao significado religioso do trabalho, Harpaz (1998), citado no artigo de Andrade e Mourão, argumenta que a religião tem um papel importante, marcado por acontecimentos de âmbito mundial, mas também presente nas percepções individuais e nas atitudes dos seres humanos. Desta forma, a fé interfere nas expectativas sociais nos desejos, expressões e atividades individuais e repercute no nível prático de procedimentos organizacionais e de negócios. Entrevistados na pesquisa de Harpaz, residentes na Alemanha e Holanda que tinham recebido educação religiosa demonstraram alto índice de centralidade no trabalho, o que condiz com a ética protestante do trabalho. Porém para os judeus religiosos que tem uma visão do trabalho como menos importante do que a religião deu-se o contrário, ou seja, a centralidade no trabalho foi menos expressiva. Sobre o trabalho significado com obrigação dos empregados para com a organização e a sociedade (norma societal) os resultados encontrados também revelam diferenças entre sujeitos de orientações religiosas distintas.

Gill (1999), também mencionada no trabalho de Andrade e Mourão, indica o significado psicológico do trabalho, apontando o impacto do desgaste financeiro e do aspecto econômico do trabalho que permite assegurar as necessidades da vida familiar e do lazer. Sob o aspecto sociológico, a ênfase está na centralidade do trabalho pago, viabilizando identidade pessoal e dignidade individual e estes dependem da estrutura social. Quanto ao ponto de vista político, aponta para o fato de que o projeto de trabalho é apresentado com as interações entre administração e trabalhadores e, como na Sociologia e na Psicologia Social, não pode ser percebido apenas como conduta individual, porém com a diferença de que os relacionamentos interpessoais e os processos que selecionam os resultados finais são dirigidos pela busca do poder. A mesma autora mostra que o trabalho pago deve ser entendido como vital, mas também

como uma instituição social central e que o conflito de interesses econômicos se passa em três níveis: o nível do dinheiro, o das razões sociais e o das políticas estruturais.

Outro trabalho citado por Andrade e Mourão foi o de Feedman e Fesko (1996), que pesquisaram pessoas portadoras de incapacidade física e os resultados relacionados demonstraram que essas pessoas realçaram a importância da produtividade no trabalho, os benefícios recebidos como troca de seu trabalho e a superação da discriminação e do estigma que sofriam.

Wolfe (1997) destaca o aspecto moral como significado do trabalho e mostra a relação do trabalho desgastante como chamado, obrigação moral. Para as minorias raciais o autor identificou que a tendência é significar o trabalho como possibilidade de superar a pobreza e como a colaboração com o trabalho e com seu ambiente é incentivada no capitalismo com base em conceitos morais de trabalho, enfatizando, mais uma vez a relação entre religião (moral) e trabalho.

A revisão de literatura de Andrade e Mourão enfoca também as pesquisas nacionais sobre o significado do trabalho realizadas de 1987 a 2001. Os autores citam Lima (1986), que desenvolveu pesquisa com um grupo do qual participaram operários, trabalhadores de escritórios, executivos, profissionais liberais e aposentados, crianças da classe operária e da classe média. Além desse grupo, pesquisou também um grupo indígena do nordeste de Minas Gerais. Sua conclusão foi que, mesmo com as transformações que o trabalho vem tendo e com a evidência de que ele não pode oferecer às pessoas tudo o que elas dele esperam, seu valor continua existindo. Entende a autora que isso se deve ao culto a mitos, tais como realização profissional, progresso, eficiência e produtividade. O trabalho pode ser colocado como mito para grande parte das pessoas. Isso é percebido no sentimento dos sujeitos entrevistados que já estão aposentados, uma vez que eles demonstraram o desejo da aposentadoria, mas que ao se aposentarem quiseram prosseguir com outro trabalho remunerado, o que demonstra o valor fundamental que o trabalho representa para uma parcela significativa da sociedade. A autora conclui com a marcante colocação de que na pesquisa entre o grupo indígena verificou que o trabalho não é o centro, por não estarem sempre em busca de conforto material e realização de desejos. Dessa forma, o trabalho representa apenas uma parte de seu cotidiano, sendo o restante do tempo utilizado no descanso e em atividades de interesse do grupo.

Moraes (1986), citado por Andrade e Mourão, pesquisou sujeitos em cargos de gerência e empregados de organizações públicas. Os resultados revelaram aspectos como satisfação, crescimento e auto-realização, ou seja, resultados que os autores classificam como de *inspiração*

humanista. Outra pesquisadora consultada pelos mesmos foi Soares, em trabalho de 1992. Sua pesquisa foi feita em Brasília, com seis categorias profissionais: profissionais⁶, gerentes/assessores, trabalhadores administrativos; técnicos de nível médio, trabalhadores semi-especializados e atendentes. Sua conclusão foi a de que a categoria profissional media a construção de significado do trabalho. Atendentes e gerentes/assessores são os que mais valorizam o fator econômico do trabalho.

De modo geral as pesquisas até aqui relacionadas demonstram que o trabalho é significado como importante à medida que os trabalhadores vêm nele possibilidades de melhorar os outros aspectos de sua vida, seja a melhoria para a família, para o lazer, para atender a comunidade ou servir a Deus. Assim, o trabalho é visto como um meio e não como fim em si mesmo, concluem Andrade e Mourão.

Os significados do trabalho talvez sejam tantos quantos forem os entrevistados ou, mais provavelmente ainda, quantos forem os trabalhadores. Isso, porém, não lhes tira a importância e o caráter pessoal de significação como parte da constituição dos sujeitos, seja para a participação protagonista e reconhecida de eminências reconhecidas e nomeadas, como grandes estadistas, grandes empresários, grandes artistas, seja da constituição de sujeitos anônimos, como os lembrados no poema de Bertold Brecht *Perguntas de um trabalhador que pensa*, quando pergunta onde estão os trabalhadores que participaram das grandes conquistas, dando nome e notoriedade apenas aos seus líderes, mas não a si mesmos. Semelhante a estes, existem também os velhos trabalhadores anônimos que, indiferentes aos estigmas ou por causa deles, indiferentes ao decreto da aposentadoria ou por medo dela, indiferentes aos que reivindicam seu lugar no mercado de trabalho ou a despeito deles, permanecem levando em frente sua vida profissional, seja no trabalho que sempre exerceram, seja em trabalhos a que deram início somente depois da aposentadoria.

1.6. Relevância científica

Em busca realizada em bancos de dados eletrônicos em abril de 2005, com o intuito de mapear o universo dos trabalhos científicos realizados sobre velhice e trabalho, foram encontrados no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

⁶ Os autores não identificam a que tipo de profissionais se referem, contudo pode aqui ter ocorrido uma omissão na digitação que pode ser suposta como se tratando de “profissionais liberais”

Superior) com os descritores *idosos e trabalho, trabalho na terceira idade, permanência de idosos no trabalho e velhice e trabalho*, três resumos de produções científicas na área.

A contribuição de Caldas (1993), *Memórias de Velhos Trabalhadores* é uma dissertação de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na área de Saúde Coletiva. Nele foram analisados aspectos relativos a valores, representações, percepções e sentimentos manifestos por indivíduos de classes subalternas, por intermédio de suas histórias de vida, buscando uma perspectiva do idoso como elemento detentor de um conhecimento que precisa ser preservado. A pesquisa foi realizada em hospital universitário, no Estado do Rio de Janeiro, com 14 indivíduos acompanhados pela equipe multidisciplinar do núcleo de atenção ao idoso e, para sua análise, foram utilizadas as categorias trabalho, velhice, memória, submissão, resistência, dignidade, autonomia. A conclusão da autora foi a de que quando o trabalho possibilitou o desenvolvimento de áreas de conhecimento ou da efetividade, os sentimentos de utilidade, dignidade e autonomia foram preservados na velhice.

Cecílio (1989), também em dissertação de Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de Psicologia Social, desenvolveu pesquisa na área do trabalho dos idosos, a qual intitulou *Aposentadoria como velhice: um subproduto do culto ao trabalho?* O estudo enfoca a natureza das relações trabalho e velhice a partir dos efeitos da aposentadoria na dinâmica e estruturação do espaço vital das pessoas. Parte da hipótese de que não é o trabalho em si mesmo o fator único na identificação da aposentadoria com velhice, mas as condições de seu desempenho ligadas ao momento histórico e às características psíquicas do trabalho. Foram entrevistados 50 sujeitos e foi detectado que para os trabalhadores de grupos sócio-econômicos mais privilegiados, aposentadoria não é velhice. Já para os de nível sócio-cultural inferior, o momento da aposentadoria é o início do fim e para os que não se identificavam com seu trabalho, aposentar era adquirir liberdade. A pesquisa concluiu que o trabalho pode ser causa de velhice apenas quando ligado a condições de trabalho e profissionais negativas

Na área da Sociologia, Haddad (s.d.), em trabalho cuja natureza, instituição e data não estão identificadas no banco de teses consultado, realizou pesquisa buscando analisar as relações entre previdência social, políticas sociais para idosos e velhice. Suas fontes de dados foram: documentos e depoimentos de líderes e associados de entidades que representam interesses dos aposentados e pensionistas; documentos relativos à organização e ao desencadeamento do movimento de aposentados e pensionistas; documentos e entrevistas com técnicos, dirigentes e associados de instituições públicas e privadas que oferecem programas para idosos e, ainda, relatos orais de operários idosos aposentados. Haddad (id.) verificou que, no contexto

pesquisado, não é possível falar da velhice sem referência à aposentadoria, à saúde, ao Estado, aos benefícios sociais, aos aspectos ligados à Previdência.

Sant'Anna (1999) afirma que a velhice não é um fator isolado na vida do indivíduo, mas uma decorrência de sua história pessoal. A autora pesquisou trabalhadores idosos que tiveram sua vida profissional no Brasil, no período anterior à revolução de 1964, localizando as experiências somadas e trazidas para a velhice que esse tempo propiciou. Concluiu que a forma mais ou menos assistida e satisfatória de viver a velhice é a seqüência das condições oferecidas pelo contexto social, histórico e político da época. Essas condições eram distintas havendo três grandes segmentos de inserção em relação ao trabalho e à cidadania: cidadania como privilégio dos senhores representantes da classe dominante; aos trabalhadores, não o poder, mas a caridade e corretivos em caso de rebeldia, como eram interpretadas possíveis manifestações de protesto contra a ordem vigente e, por último, os anarquistas, que lideravam um segmento social discriminado pela classe social dominante. Em relatos dos representantes dos trabalhadores e dos anarquistas a pesquisadora encontrou declarações de trabalhadores que entendiam o “trabalho como o critério possível para a dignidade, liberdade e para a própria existência” (SANT'ANNA, 1999, p.76).

Outra pesquisa dentro da temática *trabalho e idoso* foi desenvolvida por Grünewald (1997) em dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Engenharia de Produção. O título da dissertação é *Considerações sobre Ergonomia e Terceira Idade* e aborda a melhoria da qualidade de vida das pessoas de terceira idade e sua relação com o trabalho. Para isso foram utilizados questionários para identificar o significado dos termos “qualidade de vida” e “trabalho” junto à população alvo. Os sujeitos entrevistados foram idosos vinculados ao NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade), da Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os entrevistados responderam que gostariam de trabalhar. A pesquisadora concluiu que idosos farão parte da força de trabalho no futuro e que os sistemas de produção deverão se adequar a essa nova realidade.

Também foi encontrada em entrevista da psicóloga Beatriz Magadan a Patrícia Bispo intitulada “As dificuldades do mercado de trabalho na terceira idade”⁷, a referência da necessidade de colocação de uma forma mais inclusiva de participação de idosos no trabalho. Magadan afirma que a inserção de profissionais idosos no mercado de trabalho depende de como é feita a gestão de recursos humanos na empresa contratante. Segundo sua experiência, para

⁷ Disponível no endereço www.instrumentacao.hpg.ig.com.br

admissão de um profissional, a empresa deve ter claro o objetivo pretendido com o cargo e os critérios mais adequados para facilitar seu alcance. Propõe que a idade não deve ser analisada isoladamente, pois para cada situação há uma necessidade peculiar. Faixa etária não se relaciona necessariamente com produtividade e outros fatores podem ser mais significativos do que a idade no desempenho das pessoas. Entre eles estão o grau de satisfação com o trabalho, o desafio proposto pelo trabalho e a valorização que é dada ao profissional. A entrevistada destaca o papel da administração de Recursos Humanos como o diferencial que contribuirá com aspectos de relacionamento entre diferentes faixas de idade para que essa diferença possa ser um grande potencial a ser explorado pela empresa. À pergunta sobre se o mercado de trabalho brasileiro tem sido preconceituoso em relação aos profissionais de terceira idade, a psicóloga responde que sim e que é comum as empresas incluírem a faixa etária até 35 anos como um dos requisitos para admissão. Segundo sua avaliação isto se deve ao culto à juventude estimulado pela mídia e à cultura de desvalorização do velho no Brasil, lembrando ainda a disseminação do estereótipo de que os mais velhos são menos produtivos. Como perspectiva para o futuro, a entrevistada diz que a tendência de comportamento do mercado de trabalho em relação aos profissionais de terceira idade é de maior aproveitamento dos de mais idade sempre que a experiência for importante para a responsabilidade do cargo.

Além dos trabalhos relatados foram encontrados no Boletim do CRE – Centro de Referência do Envelhecimento do SESC (Serviço Social do Comércio), do Rio Grande do Sul, relação de trabalhos e endereços eletrônicos relativos ao Idoso e o Mercado de Trabalho que se encontra em anexo neste trabalho (Anexo 2).

Com base nos trabalhos relacionados percebe-se que é restrito o número de artigos científicos atuais em relação ao idoso na vida profissional e que esses apontam na direção da aposentadoria e do afastamento social que o término da vida profissional impõe aos sujeitos, não contemplando os que representam uma pequena, mas atuante parcela da população idosa: os que desenvolvem atividade profissional remunerada.

MÉTODO

*O sujeito da pesquisa faz parte do processo. Curta-o...*⁸

Luna

Identificação dos sujeitos

Nome	Sexo	Idade	Etnia	E.Civil	f/n/b/	Escol.	Profissão	Hobby	Renda
Ivo	M	82	Alemã/ polonesa	Casado	4/9/0	1ª série	Reparador de fogões	Colecionador de antiguidades	1-3 sm
Neide	F	70	Italiana	Viúva	4/7/0	Pós-gr	Professora	Pintura e bordado em ponto de cruz	Ac. 6 sm
Nelson	M	78	Francesa	Viúvo	5/21/8	2º grau	Industriário	Fotografia	Ac. 6 sm
Sarah	F	64	Libanesa	Solteira	-/-/-	3º grau	Médica	Jogo de cartas	Ac. 6 sm
Vera	F	63	Ucraniana	Casada	4/6/1	4ª série	Cozinheira/ bordadeira	Dança folclórica ucraniana	1 sm
Zanoni	M	80	Polonesa	Casado	6/6/4	3º grau	Médico	Imagem e som	Ac. 6 sm

Para a pesquisa foram realizadas entrevistas com seis participantes. Além destas, foi realizada uma entrevista piloto com um senhor, mecânico, de 58 anos. A mesma objetivou testar o instrumento que seria utilizado no decorrer da pesquisa, a fim de verificar a necessidade de ajustes e modificações. Algumas modificações ocorreram no instrumento de coleta de dados. No bloco “Finalização” foram acrescentadas duas perguntas: Recomeçaria sua vida profissional da mesma forma? e Gostaria que seu filho(a) seguisse a mesma profissão? Teve também o objetivo de testar o equipamento de gravação e não foi, portanto, alvo de análise para fins da pesquisa propriamente dita.

⁸ Dedicatória escrita no livro “Planejamento de Pesquisa: Uma introdução”, por ocasião da aquisição do mesmo pela autora deste trabalho.

Inicialmente os sujeitos a serem entrevistados foram localizados por meio de trabalhos memoriais de alunos de um curso de Psicologia da rede privada de ensino superior. No entanto, alguns desses sujeitos não foram prontamente localizados, enquanto outros, a partir da mesma caracterização foram sendo reconhecidos e sendo contatados para as entrevistas sobre os sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado.

Todos os entrevistados concordaram com o uso do gravador. Diferentemente de Neide, que se mostrou à vontade ao longo de toda a entrevista, Nelson se mostrou formal durante todo o tempo, parecendo ter se preparado para falar de sua vida de trabalho. Somente ao final, já na porta, mostrou-se relaxado, grato e até carinhoso ao mostrar o carro que ganhou do patrão no dia em que completou sessenta anos de trabalho. Os outros sujeitos se mostraram formais no início da conversa e, aos poucos, foram ficando mais descontraídos, demonstrando satisfação em falar de sua vida pessoal e profissional.

Os sujeitos foram entrevistados em suas residências, sendo que os horários dos contatos foram marcados segundo suas disponibilidades de tempo. As entrevistas realizadas com Nelson e Vera tiveram em torno de uma hora de duração. Com Ivo, Neide e Sarah, o contato foi mais prolongado, passando de duas horas com cada um deles. O tempo de duração da entrevista com Zanoni foi de uma hora. Além do período de entrevista, mais uma hora de conversa aconteceu em seu estúdio, espaço que ele fez questão de mostrar.

Para o tratamento dos dados as entrevistas foram transcritas na íntegra e decompostas em conformidade com os blocos temáticos, reunindo neles as respostas de cada sujeito entrevistado. Em seguida foi realizado o processo de análise e categorização do material obtido (intra e inter discursos) por meio de diálogo com a literatura especializada. Após a transcrição das fitas, as mesmas foram ouvidas e foram feitas anotações nas transcrições, assinalando pausas e acentuações na voz, fluência nos relatos, bem como risos, choro e outras entonações importantes para a análise do discurso dos sujeitos. Na seqüência foi feita a análise das respostas e por último a relação entre o material fornecido pelos sujeitos entrevistados com a literatura revisada e especializada sobre o assunto.

Nome	Sexo	Idade	Etnia	E.Civil	F/n/b	Escol.	Profissão	Hobby	Renda
Ivo	M	82	Alemã/polonesa	Casado	4/9/0	1ª série	Reparador de fogões	Colecionar de antiquidades	1-3 sm

Ivo, o “pequeninho”, o conserto de fogões e o acervo de antiguidades

A primeira entrevista foi realizada com o senhor Ivo⁹, que se ocupa da reparação de fogões à gás e à lenha, com renda mensal entre um e três salários mínimos, somando o que recebe consertando fogões e aposentadoria. Nascido na região sul do Estado do Paraná, em 1921, casado, reside atualmente com sua esposa. Os quatro filhos já casados residem dois deles na mesma cidade dos pais, uma filha em Goiás e outra em São Paulo. Ivo tem dez netos. Professa o catolicismo ortodoxo ucraniano, a mesma religião de sua família de origem com a qual conviveu até a idade de vinte e nove anos.

O mesmo foi contatado por meio de sua sobrinha Renata, aluna do curso de Psicologia, localizado em cidade vizinha à de sua residência. Esta fez seu trabalho memorial baseado na vida de seu tio Ivo por admirá-lo como exemplo de vida, mas sobretudo pelo grande carinho que dedica à sua pessoa.

Em junho de 2003, como parte das atividades acadêmicas, tivemos na disciplina Terceira Idade, da qual a sobrinha de Ivo é aluna, a apresentação de dança do grupo de terceira idade da comunidade ucraniana. Na ocasião tive a oportunidade de conhecer Ivo, pois o mesmo acompanhava sua esposa, que era participante do referido grupo. Conversamos por algum tempo nesse dia e ele me contou passagens de sua vida com orgulho e emoção. Interrompemos nossa conversa ao ser dado início à apresentação de dança, mas antes formulei o convite para uma entrevista em data que viria a ser marcada oportunamente.

Quando da aproximação da data do início das entrevistas para a realização da dissertação de mestrado contatei sua sobrinha nos corredores da faculdade onde estuda e lhe solicitei o endereço do tio. Ela me forneceu o número de seu telefone e, no dia seguinte, telefonei para sua casa, solicitando que me concedesse uma entrevista. Ele concordou e perguntei quando e onde poderíamos nos encontrar. Ele disse que poderia ser naquele dia mesmo, pois estava chovendo muito e, em dias assim, ele não trabalha.

Na hora combinada, me encaminhei à sua residência e, ao encontrar a rua, não foi difícil descobrir qual era a casa. Pela descrição da pessoa do tio no trabalho memorial de Renata e pela conversa que tive com ele um ano antes, foi fácil identificá-la. A casa, localizada em um terreno alto, a última de uma rua sem saída, onde é difícil manobrar o carro por ser muito estreita, não deixava visível o número. Um portão de ferro dá acesso à rampa que conduz à residência, e em uma árvore está fixada uma placa redonda feita com cuidado: “Não fume cigarro Dá Câncer.

⁹ Os nomes mencionados são fictícios para preservação da identidade dos sujeitos entrevistados.

Ame a vida, pois na vida alguém te ama”. Bati, mas não fui atendida. Abri o portão e entrei. Chegando ao final da rampa, ouvi um assovio baixinho. Ele estava trabalhando no porão da casa, onde fica seu “museu”. Entrei e lá estava Ivo, em pé, sob uma lâmpada acesa em meio ao espaço do porão que é ocupado por inúmeros e antigos objetos de seu acervo: máquinas de costura, ferros de passar roupa, abajures, fogões, geladeiras, aparelhos de som, instrumentos musicais, ferramentas e muito mais. Cumprimentei-o, apresentei-me e li a carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido. Pedi a ele que me falasse sobre sua vida de trabalho. A princípio um tanto formal, Ivo foi relatando fatos de sua vida profissional desde sua infância. Em muitos momentos foi possível perceber a emoção e a dor que a lembrança de alguns acontecimentos suscitava, como quando ele conta que foi afastado da escola assim que aprendeu a “assinar” seu nome: *“Meu pai me tirou da escola e me colocou no cabo do arado”*.

Característica marcante de Ivo é a aparência: pele rosada, olhos azuis, baixa estatura, que ele atribui ao fato de ter começado a trabalhar ainda criança. Durante a entrevista não reconheci o senhor com quem conversei no ano anterior, um homem entusiasmado com a vida e muito falante. Nas duas horas de conversa, nas quais permanecemos em pé, falava de acontecimentos marcados pela dor e pelo sofrimento no lugar de quem não escolheu o rumo de sua vida. Ao falar de seu ingresso na escola pareceu vislumbrar possibilidades e alternativas que não conheceu ao ser afastado da mesma ainda no primeiro ano.

Tem orgulho e ciúmes dos objetos de seu museu, cujo acervo está muito bem guardado e é conhecido por poucos. A limpeza e a ordem dos inúmeros objetos chamam atenção. Prende-os com correntes e desconfia das pessoas que não conhece e que se aproximam de suas preciosidades, conforme palavras suas.

Muitos pontos ficaram obscuros durante a entrevista com o Ivo, sendo necessário o retorno, para verificação dos mesmos buscando mais esclarecimentos. O retorno também foi necessário para que ele assinasse o termo de consentimento que ficou pendente, pois disse que não queria assinar. Disse-lhe que poderia assinar em outro momento e que pedisse à sua sobrinha que lhe explicasse e aconselhasse se devia assiná-lo ou não.

Ao encerrar a entrevista, Ivo me convidou para subir até a cozinha de sua casa, para falar com sua esposa. Lá chegando, ela começou a relatar os problemas do grupo de terceira idade do qual participa e tomou conta da conversa. Ivo não mais falou e, quando o fez, parecia novamente aquele homenzinho afável e sorridente que conheci no ano anterior.

No contato para o retorno da entrevista, fotografei a placa com a advertência contra o cigarro e combinamos nova data para as complementações necessárias. Nesse dia Ivo se mostrou alegre e despreocupado como no dia em que o conheci.

Nome	Sexo	Idade	Origem étnica	Est.civil	f/n/b	Escolaridade	Profissão	Hobby	Renda
Nelson	M	78	Francesa	Viúvo	5/21/8	2º grau	Industriário	Fotografia	Ac. 6sm

Nelson e o trato solene do trabalho

A segunda entrevista foi com o senhor Nelson, de 78 anos, que trabalha em uma empresa madeireira há cinquenta anos, como administrador de almoxarifado, com renda mensal acima de seis salários mínimos. Nascido em 05 de novembro de 1926, ao norte do Estado de Santa Catarina, viúvo, católico, reside com uma senhora, sua governanta, que conviveu com ele e sua esposa desde o início de seu casamento, tendo criado todas as suas cinco filhas, das quais tem 21 netos e oito bisnetos. Nelson saiu muito jovem de casa – não menciona a idade exata - para estudar em colégios internos em centros maiores, nos quais cursou até nível médio.

O contato com esse senhor deu-se por intermédio de outra aluna do curso de Psicologia, que, sabendo do meu trabalho com idosos, informou desse seu colega, pessoa querida e admirada por todos no seu local de trabalho. Conversei com Nelson por telefone, mas a data para a entrevista não foi marcada de imediato, pois o mesmo não dispunha de tempo, uma vez que receberia em casa parte de sua família que mora em outra cidade. Assim que foi possível, ele voltou a fazer contato e a entrevista foi marcada para o feriado de Corpus Christi, no mês de junho, às 9 horas da manhã.

Na hora marcada cheguei em sua casa e fui recebida por uma senhora que julguei ser sua esposa e que me encaminhou para a sala de estar. A casa muito arrumada, em estilo clássico, está mobiliada com móveis cuja madeira foi serrada pelo próprio Nelson, como ele relatou na entrevista. Fotografias em porta retratos e quadros estão em todo o espaço das salas de estar e de jantar, contíguas. Conforme ele falou, fotografia é seu *hobby*, mas também uma “obrigação” suas festas de família e de trabalho.

Após alguns minutos, Nelson chegou e demos início às formalidades iniciais da entrevista, com a leitura do documento do Comitê de Ética. A assinatura do termo de consentimento foi feita após o término da entrevista, quando Nelson fez questão de me presentear com a caneta com que o assinou, com a marca da empresa onde trabalha: *Esta é das boas!*, disse

ele ao me entregar o presente. Nelson se orgulha da empresa em que trabalha. É preciso ser dito que a mesma possui em seu quadro trabalhadores idosos que são especialmente valorizados pessoalmente pelo diretor presidente. Sabe-se na comunidade que esse diretor, ao contratar trabalho especializado em recursos humanos oriundos de um grande centro, na década de 1990, avisou de antemão aos especialistas que eles podiam fazer na empresa as modificações que achassem necessárias, mas com uma condição: “Não mexam com meus velhinhos!”

O contato transcorreu marcado pela formalidade e até mesmo pela superficialidade, pois o entrevistado parecia estar pouco à vontade para falar livremente, ainda que disponível e atencioso para responder as perguntas do roteiro apresentado. Mesmo assim, a impressão que ficou de sua pessoa é a de quem viveu muito bem as etapas de vida pelas quais passou. Na juventude, as viagens, a aventura de sair pelo Brasil pelo puro prazer de conhecer outros lugares, iniciaram-no no mundo do trabalho, uma vez que, para sobreviver longe de casa, precisava providenciar seu próprio dinheiro. Em seu discurso sobre a vida de trabalho, destacam-se o gosto e o senso de responsabilidade com que se dedica aos funcionários, empreendimentos e acontecimentos da empresa como se fosse sua. Na vida familiar, o trauma pela doença e falecimento da esposa há quatro anos, fato ainda não superado por ele. Parece tratar-se de uma pessoa que não se eximiu de viver o que a vida lhe apresentou, fato que talvez seja o responsável pela imagem de realização que ele transmite.

No mês de agosto de 2004 fiquei sabendo que Nelson esteve hospitalizado, tendo que se afastar do trabalho, coisa que nunca fez nem mesmo para tirar férias. Vânia, sua colega e minha aluna, disse que ele não demonstrava vontade de falar sobre o assunto. Ao lhe ser perguntado como estava de saúde respondia laconicamente sobre seu afastamento e logo perguntava como estava o trabalho e o dia a dia da empresa, deixando claro que não estava interessado em levar adiante a conversa que preocupava os colegas.

Nome	Sexo	Idade	Origem étnica	Est.civil	f/n/b	Escolaridade	Profissão	Hobby	Renda
Neide	F	70	Italiana	Viúva	4/7/0	Pós-gr	Professora	Pintura e bordado em ponto de cruz	Ac. 6 sm

Neide, a doce senhora e eternamente professora

A entrevista seguinte foi com Neide, uma senhora de 69 anos, nascida ao norte do Estado de Santa Catarina, no dia primeiro de junho de 1934, mas registrada em quinze de dezembro do mesmo ano. Professora, formada em Pedagogia e Matemática, com especialização em Matemática Superior, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 1980, tem renda mensal acima de seis salários mínimos. Ela é mãe de quatro filhos, sendo três homens e uma mulher, esta falecida há três anos, Neide tem sete netos, é viúva, mora só, tendo convivido com sua família de origem até os dezesseis anos de idade, quando casou.

O contato se deu por meio de outra professora, colega sua na Faculdade quando consultada sobre pessoas de mais de sessenta e cinco anos, ainda em exercício profissional. Ao ter acesso ao seu telefone fiz o contato e prontamente ela concordou. Marcamos a entrevista para o dia seguinte.

Mais uma entrevista acontecia em dia de chuva intensa. Cheguei à sua casa às 17 horas. Toquei a campainha e ela demorou a aparecer. Achei que não tinha ouvido e, quando fui tocar novamente ela, apareceu com uma toalha na cabeça. Veio reclamando da chuva e dizendo que precisava se cuidar, pois estivera acamada durante os dias anteriores, com gripe e tosse. A cena descrita pode deixar a impressão de mau humor ou azedume, mas, ao contrário, vinha falando calmamente e com um leve sorriso, sua marca, já minha conhecida. Procurou a chave, que guarda ao lado do portão, e o abriu para que eu entrasse. Encaminhou-me para uma porta, mais aos fundos, enquanto falava de sua gripe. Ao abrir a porta da copa para entrarmos, comentou que achava que entrou um gato em sua casa e que não entendia como isso pode acontecer, pois ela, assim como sua empregada, fecham tudo muito bem, justamente para evitar que ele entre. Ela não falou claramente, mas parecia muito aborrecida com isso. No entanto, não entendi se era por medo ou por higiene, ou simplesmente por achar inadmissível essa invasão.

Entramos e sentamos à mesa da copa, onde tantas vezes ela deu aulas para grupos de crianças, adolescentes e até adultos e conversamos um pouco sobre trivialidades. Como ela visivelmente gosta de conversar, fui encaminhando o assunto para o objetivo de minha visita, a entrevista. Ela demonstrou gostar de ter sido lembrada e falou o tempo todo com muita satisfação e desenvoltura. Por várias vezes durante a entrevista pôs-se a dar explicações de operações matemáticas e de como elas são simples quando bem entendidas e acessíveis aos alunos quando bem explicadas. Escreveu em folhas de papel que guardei e me mostrou como faz para ensinar desde alunos das faculdades de Biologia e Matemática, para os quais leciona, até professores do

ensino fundamental e do Programa Alfabetização Solidária¹⁰ do qual participa com envolvimento e satisfação, passando por candidatos a concursos públicos que a procuram para aulas particulares.

Em meio à conversa, que transcorria de modo acalorado e já há uns 20 minutos, senti mexer a toalha da mesa e não consegui imaginar o que poderia ser aquele movimento. Neide estava do outro lado e, evidentemente, não foi ela quem mexeu com a toalha. O fato chamou minha atenção e perguntei o que estava acontecendo. Ela não percebeu nada e continuou falando. Voltei a falar no assunto e descobrimos o gato. Ele realmente havia entrado e permanecera invisível até aquele momento. Interrompemos a conversa e Neide saiu à procura de uma vassoura. Encaminhou-se à porta da sala para fechá-la, evitando assim que o gato fosse para os outros aposentos. Tudo em vão, pois o animal, mais rápido que nós duas, já estava embaixo de uma cama e lá ficou. Neide disse que ia telefonar para a empregada e pedir a ela que viesse retirar o gato lá de dentro. Porém, assim que fechou a porta, ainda envolvida com a conversa, pareceu esquecer o assunto e então pudemos dar continuidade à entrevista.

Após o término das respostas aos temas abordados no roteiro, a conversa continuou e por várias vezes voltei a ligar o gravador para registrar relatos de acontecimentos que me pareceram importantes e que ela ia lembrando como os contatos com professores do Programa de Alfabetização Solidária.

Neide se diferencia pela forma carinhosa de falar, de se referir às pessoas e ao trabalho ao qual se dedica há tanto tempo. Mesmo quando se refere à sua família de origem e à contrariedade de sua mãe quanto às suas escolhas, o tom é de carinho e compreensão. A ausência absoluta de incentivo por parte da mãe não parece ter marcado negativamente a trajetória profissional de Neide. Ouvi-la falar de seu trabalho é o mesmo que ouvir alguém que ainda está em início de carreira. Seu gosto e dedicação ao trabalho e a forma como acredita e ama o que faz imprimem tal entusiasmo à sua ação que mais parece uma colegial recém-formada em busca de alunos, muitos alunos para a saciar seu gosto de ensinar.

Nome	Sexo	Idade	Origem étnica	Est.civil	f/n/b	Escolaridade	Profissão	Hobby	Renda
Vera	F	63	Ucraniana	Casada	4/6/1	4ª série	Cozinheira/ bordadeira	Dança folclórica ucraniana	1 sm

¹⁰ Programa do governo em que há intercâmbio entre professores e alunos de Faculdades do Sul e de comunidades do Nordeste do Brasil

Vera e a graça e a alegria da dança folclórica

A próxima entrevista foi com Vera, que nasceu ao sul do Estado do Paraná, onde estudou até a quarta série do ensino fundamental. Morou com sua família de origem até os dezesseis anos quando se casou. Atualmente reside somente com o marido, mas tem quatro filhos, todos casados, dos quais tem seis netos e um bisneto. Sua religião é católica ortodoxa ucraniana, comunidade da qual participa ativamente. Dedicase à confecção de massas, atividade que lhe rende em torno de um salário mínimo por mês e bordado ucraniano, que faz mais esporadicamente.

O contato foi realizado por intermédio do pároco da mesma comunidade, que indicou seu telefone. Ele informou que sua atividade profissional é a confecção de *perohê*¹¹, um prato típico da cozinha ucraniana, como também bordado da mesma etnia. Telefonei para ela e perguntei se ela tinha *perohê* para pronta entrega e me dirigi à sua casa. Lá chegando, fui recebida com naturalidade e simpatia, o que não me surpreendeu, pois Vera é habituada a vender seus produtos em sua própria casa. Tão logo entrei na cozinha, para a qual me conduziu, eu lhe disse que queria comprar seus pastéis, mas que minha visita tinha também uma segunda intenção. Ela me olhou interessada e perguntou qual era. Coloquei-a a par do meu trabalho e ela concordou em participar concedendo entrevista, mas disse que somente completaria 65 anos em 2005. Isso me preocupou, pois sua condição fugia do que havia pensado inicialmente. No entanto, sua disponibilidade e boa vontade, como também meu desejo de entrevistar alguém com suas características, me deixariam realmente constrangida se não a incluísse entre os sujeitos entrevistados. A entrevista foi realizada e, em contato posterior com a orientadora da pesquisa foi discutido que o fato não destoaria dos objetivos do trabalho e decidimos que a mesma seria incluída entre os entrevistados.

Vera iniciou sua atuação profissional remunerada depois de ver seus filhos crescidos, já trabalhando e casados. Isso se deu por volta de 1983. Diz que, no início, sua freguesia era bem maior do que atualmente, quando poucas pessoas se dedicavam profissionalmente a fazer *perohê*, mas que gosta do que faz e pretende continuar até que não possa mais trabalhar. No entanto, seu gosto maior é o folclore ucraniano, do qual participa como membro do grupo de terceira idade “Zoriá”, que significa estrela no idioma ucraniano. Os encontros semanais são seu *hobby* e sua grande motivação. Participa do grupo de danças da terceira idade, o único no Brasil da etnia. Ela conta que o grupo se apresentou na Rede Vida de Televisão, em agosto de 2003. Ao falar desse

¹¹ Pastel de massa cozida, recheado com requeijão e batata.

acontecimento ela se entusiasma e diz que foi um momento gratificante, do qual nunca vai esquecer e que gostaria de repetir. Dedicada participante do “Zoriá”, Vera diz que antes de entrar para o grupo nunca havia dançado e que isso é um bom remédio para sua saúde e para afastar os problemas da vida.

Como todos os outros sujeitos que participaram das entrevistas, Vera é uma pessoa ocupada em quase todos os dias da semana, tendo sido necessário agendar com antecipação o contato.

Em agosto de 2004 participei da comemoração dos treze anos de independência da Ucrânia dos domínios soviéticos, realizado pela comunidade ucraniana. Um momento de emoção marcou-me. Foi quando, após o hasteamento da bandeira brasileira e durante o hasteamento da bandeira ucraniana evidenciaram-se as vozes dos velhos entoando o hino da Ucrânia. Entre eles, na primeira fila, a presença de Vera, com um ramo de flores nas mãos.

Nome	Sexo	Idade	Origem étnica	Est.civil	Escolaridade	Profissão	Hobby	Renda
Sarah	F	64	Libanesa	Solteira	3º grau	Médica	Jogo de cartas	Ac. 6 sm

Sarah, atenta e ativa em todas as idades

Sarah é uma senhora de baixa estatura, ativa em seus movimentos e em seu modo de falar. Nasceu no norte de Santa Catarina, no Sul do Brasil, em 1939. Solteira, médica, mora só, com renda mensal acima de seis salários mínimos. Conviveu com os pais até o ano de 1985, quando sua mãe faleceu. Foi educada na religião Metodista, sendo que considera de grande importância professar uma crença, qualquer que seja, pois é fator de orientação necessária ao ser humano. Filha de comerciantes libaneses, sempre acompanhou a atividade dos pais, mesmo durante as férias escolares, quando ajudava nas tarefas domésticas e na loja dos pais, da qual lembra detalhes, situações e pessoas que relata com vivacidade, como se ainda vivesse entre eles.

O contato com Sarah aconteceu por indicação de seu sobrinho, meu colega na faculdade onde leciono e atuo na clínica-escola. Em um encontro rápido perguntei se ele conhecia alguma pessoa que se enquadrasse na caracterização dos sujeitos de minha pesquisa. Prontamente ele respondeu que tinha duas tias, gêmeas, com mais de setenta anos e que, com muito gosto, me concederiam entrevistas. Demorei a fazer o contato, pois ainda tinha outras entrevistas, já marcadas, para realizar. Para agendar a entrevista, telefonei para o seu consultório e fui atendida pela secretária que me informou que Dra. Sarah estava em consulta domiciliar de emergência e não havia hora prevista para seu retorno. Pediu que eu voltasse a telefonar para marcar uma hora.

Poucos minutos depois dessa tentativa frustrada, Denis, seu sobrinho, entrou em minha sala e eu lhe relatei o acontecido. Ele disse que faria o contato para mim e que ela não estava em consulta, mas sim em campanha eleitoral, pois é candidata a vereadora em sua cidade natal. Pegou o telefone e marcou o encontro para aquele mesmo dia.

No final da tarde cheguei em sua casa, um apartamento bastante simples, no qual fui recebida na sala de jantar. Após as apresentações e leitura da carta para obtenção de consentimento livre e esclarecido, demos início à entrevista. A princípio formal, Sarah falava como alguém acostumada a dar entrevistas, falar em microfones e dar declarações. Aos poucos foi se tornando mais à vontade e a conversa tomou um rumo mais fluente e pessoal, terminando somente depois de três horas, durante as quais fomos interrompidas por duas vezes pelo toque do telefone. Nas duas vezes, eram pessoas solicitando conselhos e para as quais ela dispensou atenção necessária, mesmo usando de objetividade ao interromper o interlocutor e voltar à entrevista à qual parecia estar dando grande importância.

Por *hobby* costuma jogar baralho com as amigas, às quartas-feiras a partir das quinze horas até quase meia-noite. Diz que se fosse homem não sairia dos clubes e ficaria jogando o quanto quisesse, mas como é mulher tem que se contentar com um dia só da semana e na casa das amigas. Em resposta a isso eu lhe sugeri, em brincadeira, que ela, tendo sido pioneira em tantas coisas em sua vida e na vida de nossa cidade poderia dar início também a mais essa atividade voltada para as mulheres. Ela riu e disse que seu pai jogava sempre nos clubes, mas que sua mãe permanecia no trabalho, atrás do balcão da loja durante todo o expediente diário.

Sarah chama atenção pela determinação e objetividade com que enfrenta situações diversas e mesmo adversas, percorrendo, com sua tenacidade, desde o pioneirismo feminino na medicina e na política de seu local de nascimento e domicílio, como o trato com questões polêmicas como aborto e planejamento familiar *versus* religião. Se ela se destaca por essas características também surpreende pela sensibilidade e afetividade que demonstrou ao relembrar a senhoria do pensionato em que residiu enquanto cursava a Faculdade de Medicina, em Curitiba. A mesma sensibilidade se evidenciou ao final da entrevista, pelo reconhecimento de sua participação na vida social e política, deixando entrever um lado amoroso de mulher idosa que gosta de receber atenção e vê-se reconhecida em sua vida de tantas ações voltadas à comunidade.

Nome	Sexo	Idade	Origem étnica	Est.civil	f/n/b	Escolaridade	Profissão	Hobby	Renda
Zanoni	M	80	Polonesa	Casado	6/6/4	3º grau	Médico	Imagem e som	Ac. 6 sm

Zanoni e o desafio irreverente aos obstáculos

Como último entrevistado, uma pessoa difícil de caracterizar, tal a natureza dos adjetivos que lhe podem ser atribuídos: excêntrico, diferente, esquisito, como ele mesmo diz. Certamente querido pela população que se beneficia de seu trabalho em três turnos diários, Zanoni é um senhor de 80 anos de idade. Militar reformado, atualmente médico, clínico geral e oftalmologista, reside em cidade do sul do Estado do Paraná, nos confins de um bairro popular, para distanciar-se de barulhos e “azucrinas”, como ele mesmo diz. Viveu com sua família de origem até os dezessete anos de idade, quando foi servir o exército. Ao terminar seu período de trabalho obrigatório, decidiu seguir a carreira militar. Mudou-se para o Rio de Janeiro para cursar medicina e não mais voltou a residir com a família. Pessoa conhecida na cidade, Zanoni costuma dar festas todos os anos por ocasião de seu aniversário. Foi assim que fiquei sabendo que ele havia completado 80 anos.

Pela lista telefônica fiquei sabendo de seu número e telefonei para perguntar se poderia participar de minha pesquisa, concedendo-me uma entrevista. Ele disse que seu tempo era curto no consultório e que me daria quinze minutos entre uma consulta e outra. Como achei que esse tempo seria insuficiente quis saber se poderia me receber no plantão do SUS (Sistema Único de Saúde) ou em sua casa. Marcamos a data e a hora da entrevista e ele pediu que eu telefonasse antes de sair para combinarmos o local. Assim foi feito e, ao telefonar, ele achou que uma hora era muito tempo, duvidava que encontrasse alguém que dispusesse de tanto tempo para conceder uma entrevista e que eu não encontraria nunca alguém para entrevistar. Argumentei que faria o trabalho no menor tempo possível, mas que se lhe fosse muito difícil ele poderia não concordar em me receber. Ele voltou atrás e disse que eu podia ir, pois no momento estava sozinho. Concordei, dizendo que se chegasse alguém, como ele insinuou que podia acontecer, interromperíamos a entrevista e eu voltaria e a terminaria em outro dia, caso ele aceitasse. Depois de mais alguma negociação, desliguei o telefone e me dirigi à sua residência, que fica bem distante do centro da cidade.

Com alguma dificuldade e perguntando para as pessoas que encontrava pela rua, cheguei ao seu endereço. Toquei a campainha e fui recebida logo em seguida, na sala de visitas, onde havia uma nuvem de fumaça de cigarro. Entrei e ele deu continuidade ao assunto relativo ao tempo da entrevista que havia começado por telefone. Novamente lhe assegurei que se não fosse de sua vontade eu me retiraria sem problema algum. Ele disse, não sem resmungar mais um pouco, que poderíamos dar início à entrevista. Ao lhe fazer a primeira pergunta ele se referiu à sua voz, que estava rouca e pouco audível, “ridícula” e que sua voz não era assim. Perguntou

também se o gravador captava o som àquela distância. Afirmei que sim e seguimos com as perguntas do roteiro previamente preparado. Zanoni respondia a tudo olhando para frente, como que consultando um arquivo invisível. Poucas vezes me olhou enquanto conversávamos. Ao mesmo tempo em que me causou impressão de fraqueza e debilidade física - passou o dia anterior na cama, com febre - deixou evidente a força de quem vive intensamente e está acostumado a recomeços. Recomeçou profissionalmente, quando deu início ao curso superior, que ainda não tinha, aos 38 anos; afetivamente nos três casamentos que teve e, materialmente, quando passou seus pertences aos filhos do primeiro casamento e, posteriormente, em 1983, quando da maior enchente da história da cidade onde reside, em que sua casa ficou com o andar térreo debaixo d'água, por mais de um mês. Nesta ocasião construiu um barco para sair de casa e ir para o trabalho. Era o “Barco da Solidão”, como o batizou, para caracterizar o drama daquele momento em que, além de estar na enchente, ficou sem sua segunda esposa.

O decorrer da entrevista foi marcado por seu jeito claro e afirmativo de falar, contando, relembrando e entretecendo episódios atuais e passados com a lucidez e orgulho de quem recomençaria tudo novamente e acredita que derrotas são motivações para o crescimento de uma pessoa.

Seu *hobby* é o que ele chama de som e imagem. Ao término dos relatos, disse que gostaria de me mostrar uma gravação da apresentação de dança da filha adotiva que tem com a atual esposa, que não estava presente por estar em campanha política como candidata a vereadora. Fomos até o quarto onde estão os aparelhos de televisão e o vídeo e assistimos a gravação. Terminado o filme, falou para que eu juntasse minhas coisas, pois me levaria até o outro lado da casa a fim de ver seu material de filmagem. Juntei minhas coisas e fomos para o interior da casa. Passamos pela cozinha e adentramos um pátio interno, com piscina e churrasqueira. Encaminhamo-nos para uma escada que leva à parte superior desta churrasqueira, da qual se descortina uma vista ampla e bonita de parte da cidade. Debaixo de um toldo, a porta de uma sala ampla e de uma grande surpresa: seu estúdio de imagem e som. Monitores de tv e aparelhos com inúmeros botões e comandos em uma parede. Em outra, um sem fim de filmes, discos, cds, etc. Minha surpresa e admiração era total pela quantidade e organização do acervo e, evidentemente, ele percebeu isso. Perguntou-me se eu lido com fitas cassete. Falei que sim, que tenho algumas. *Quantas?*, ele quis saber. *Umaz dez*, respondi. Ele disse que tinha mais que eu e abriu três gavetões que ficam sob suas poltronas, repletas até o topo com mais de seiscentas fitas de áudio. Mostrou-me os aparelhos e esclareceu que são equipamentos profissionais que utiliza para fazer a

edição dos filmes que grava. São mais de duzentos filmes de tudo o que ele participa: festas de aniversário, apresentações, enchentes, desfiles, casamentos, viagens, excursões.

Nos lados da porta de entrada dois arquivos de memórias. À direita, em local de honra, uma estante sobre a qual está seu álbum de fotografias da formatura em medicina, seu quepe de capitão do exército e um troféu. Do outro lado, outra estante, esta pequena, com os objetos que salvou da enchente de 1983, sobretudo livros e discos. Em um canto, sobre os discos de vinil, uma pilha de cadernos de capa dura, com o nome de cada um dos discos de vinil e de acetato, cds e filmes, fitas cassete nos quais estão escritos em cada folha o título e a respectiva relação de tudo o que cada item possui.

Fico me perguntando em que momento ele se dedica a essa atividade tão absorvente, rica e detalhadamente catalogada, uma vez que trabalha três períodos por dia e diz que somente há três anos diminuiu sua jornada diária de trabalho. Senti imensamente ter guardado minhas coisas como ele ordenou. Naquele aposento e naquele momento desejei estar não só com o gravador ligado para nomear tudo o que ali estava preservado e também para ouvi-lo contar sobre seu entretenimento, bem como com uma máquina fotográfica para registrar tantos e tão surpreendentes objetos e relatos.

O tempo passava e chegou o momento de ir embora. Já era quase hora do início de seu plantão e eu ainda tinha uma reunião na faculdade. A despedida foi difícil. Como dizer a ele *obrigada, sua participação foi muito importante?* e virar as costas? Eu saí dali acrescentada, admirada, enriquecida, agradecida e me sentindo privilegiada pelo contato com tão interessante e rica pessoa. Sua forma de ver o mundo, o trabalho, o modo como vive e aproveita sua vida são evidências da capacidade de superação e de sublimação do ser humano. Despedi-me dizendo do privilégio de tê-lo conhecido, do agradecimento por ter colaborado com meu trabalho e por ter escolhido nossa cidade para morar, quando tantas percorreu antes de aqui se fixar. Agradei muito a ele também por isso.

Cada um dos sujeitos entrevistados deu sua contribuição única à pesquisa. No entanto, muito mais do que isso aconteceu. Cada um deles com sua história e com seu universo de experiências foi motivo de admiração, carinho e aprendizado para mim, aluna atenta à recomendação do mestre Luna, transcrita na epígrafe desta secção: *o sujeito da pesquisa faz parte do processo. Curta-o...*

3

TRABALHO - O QUE EFETIVAMENTE SE FAZ OU SE FEZ

	Ivo	Neide	Nelson	Sarah	Vera	Zanoni
O que se faz	Reparador de fogões	Professora de matemática	Industriário almoxarife	Médica	Cozinheira e bordadeira	Médico
						Carpinteiro; office-boy; Mecânico;
O que se fez	Agricultor; ferreiro; mecânico	Serventuária da Justiça	Armazenista; escriturário	Vendedora autônoma; transcrição de trabalhos acadêmicos	Empilhadeira de lâminas; balconista	ferreiro; soldado; cabo; tenente; enfermeiro; pintor.

3.1. Trabalho atual e progresso

A história do trabalho dos sujeitos entrevistados apresenta diversidades e aproximações e partem de três formas de inserção. Uma orientada pela escolha e tendo a formação acadêmica como propulsora e preparadora para a profissão, como é o caso de Sarah e Neide que iniciaram sua vida profissional em outras atividades, mas que construíram suas carreiras, tendo como mediadores os cursos de formação superior que fizeram; outra como decorrência de circunstâncias impostas por um período de sua vida familiar, como Zanoni, que precisou trabalhar aos treze anos de idade por motivo da separação conjugal dos pais, sendo necessária sua ajuda para a sobrevivência da família e, Ivo, que foi colocado no trabalho pelo pai para substituir os irmãos que fugiram de casa; e, outra como decorrência natural da atividade profissional da família de origem, como ocorreu com Nelson e Vera, que permanecem ainda nas mesmas ocupações.

Em alguns casos, no entanto, essas formas de inserção se sobrepõem, como ocorreu com Zanoni e Ivo, que iniciaram sua vida de trabalho em ofícios já exercidos por seus pais, mas que,

uma vez adultos e de posse de recursos próprios, passaram a se dedicar a ocupações escolhidas por si mesmos, Zaroni por meio da formação em medicina e Ivo por meio da ajuda técnica e incentivo de um colega. Para eles, o trabalho, a princípio foi significado como tarefa. O termo tarefa aponta para a atuação em um determinado serviço, mas com desejo de vir a realizar, no futuro, outro tipo de trabalho (Davidson e Cadwell, 1994, in Mourão e Andrade, 2000). Também na forma de significação inicial do trabalho como tarefa, Sarah seguiu a profissão de irmãos mais velhos, mas antes experimentou outras ocupações, sendo que o que hoje exerce o faz por escolha.

Alguns sujeitos vieram de famílias nas quais a educação formal dos filhos é legado imprescindível, como é o caso de Sarah; outros vieram de famílias residentes no meio rural, no qual a educação formal era algo distante e de importância secundária ou mesmo não significada, como Ivo e Vera. Para Neide a escolarização foi proibida, enquanto para Nelson ela foi proporcionada pelos pais, mas não com objetivos profissionais específicos. Zaroni providenciou para si a formação acadêmica quando já tinha recursos para isso e este foi significado pela família, pelo gosto do pai em ver o filho estudando. Ivo não completou sua escolarização, tendo sido retirado da escola antes de completar as séries iniciais

Os participantes da pesquisa se expressam por meio do trabalho vivenciado com objetivos extrínsecos, ou seja, o trabalho é significado como importante à medida que os trabalhadores vêm nele possibilidades de melhorar os outros aspectos de sua vida, seja a melhoria para a família, para o lazer ou para atender a comunidade (Mourão e Andrade, 2000). Essa forma de significar o trabalho revela o desejo e a necessidade de manterem-se ocupados, pois sentem-se em condições de saúde e com disposição para isso. Haddad (1986) entende que um dos motivos para a permanência no trabalho por parte dos aposentados é o fato de sentirem-se realizados e produtivos. A expressão dos sujeitos por meio do trabalho, no entanto, não apresenta as características de centralidade apontada pelos autores, pois os entrevistados colocam a atividade profissional em patamar de importância semelhante ao da família e dedicam-se com igual envolvimento a outras atividades que são seus hobbies.

A história de trabalho de cada sujeito pesquisado retrata um pouco da vida familiar em que foram educados, como é o caso de Ivo, que trabalha no conserto de fogões a lenha e a gás. Aos vinte e nove anos ele começou a trabalhar como ferreiro, depois como mecânico e, por último, com o conserto de fogões, que é, de todas as que experimentou, a ocupação de que mais gostou, mesmo dizendo que é um trabalho ruim e por isso ninguém quer fazer o que ele faz. Diz

que as lâminas de metal que utiliza nos reparos o cortam, mas ele não pára por causa disso. Ele lava o sangue dos ferimentos e continua trabalhando:

Meu trabalho é ruim, é ruim mesmo. Tanto fogão a gás, quanto fogão a lenha é ruim. O serviço mais péssimo que tem em tudo que é serviço, refugado por todo mundo. Eu já procurei por aqui algum lugar onde consertem e não tem ninguém que faça isso. As lâminas cortam meus braços, o rosto e até a testa, mas eu não ligo. Lavo com água e sabão e continuo trabalhando.

Para Ivo, por um lado, o trabalho é percebido como sacrifício (Dollarhide, in Mourão e Andrade, 2000). Ele ilustra o que foi apontado também por Haddad (1986) como impossibilidade do idoso prescindir do trabalho que o sacrificou durante anos anteriores de sua vida, por depender dele para sobreviver. No entanto, em entrevista recorrente, Ivo fala de modo diferente sobre o seu trabalho, ou seja, o do gosto pessoal, sendo que afirma ser essa, entre todas as que já exerceu, a ocupação de que mais gosta e na qual recomeçaria se necessário fosse: *Pois olhe....Acho que de reforma de fogão eu não mudava mais.* (Ivo, 82 anos, reparador de fogões).

Quando se aposentou pela previdência social foi aconselhado por um funcionário desse órgão a continuar trabalhando por ser bom para a saúde. Vendo-se autorizado a isso disse que continuaria sim: *... como me deram ordem que... pode continuar trabalhando... eu continuo com esse serviço que me aposentei. Conserto, trabalho, mecânica, o que me aparecer eu fico.* (Ivo, 82 anos, reparador de fogões). O que Ivo recebeu como conselho ou “autorização”, a Haddad (1986) pareceria uma expressão do discurso gerontológico de aparente defesa da velhice, mas que é, a seu ver, defesa de interesses do Estado, preocupado com o número crescente de velhos que, inativos, sobrecarregariam o sistema previdenciário. Outro motivo para Ivo continuar trabalhando é que além da remuneração, da sobrevivência e do gosto, o trabalho é também uma forma de ajudar as pessoas: *Eu não ia deixar de trabalhar porque muita gente merece ajuda e de muita gente eu não cobro nada. Há muitas pessoas que eu faço por um preço pra não deixar de cobrar, se a pessoa precisa, não pode pagar, não tem jeito, então eu não cobro.* (Ivo, 82 anos, reparador de fogões).

Ivo foi retirado da escola assim que aprendeu a escrever seu nome e o início de sua vida profissional foi doloroso, sem possibilidade de escolha: *Ih, eu comecei a trabalhar... quer ver uma coisa... eu tinha sete, oito anos quase, quase oito.* (Ivo, 82 anos, reparador de fogões). Esse

início coincidiu com a fuga de casa de seus dois irmãos mais velhos. Quando isso aconteceu o pai o chamou e disse que agora era ele o mais velho e, sendo assim, tinha que assumir o trabalho na propriedade rural:

... um irmão foi embora, fugiu. Depois foi o outro. Eu, de homens de casa, era o mais velho com oito anos, aonde que meu pai disse assim: - Ivo, agora é tua vez que você vai assumir a carroça, os animais, o que pertence pra trabalhar com os animais agora fica contigo.

Ele fala sobre isso de modo pausado e seu relato é permeado de lembranças dolorosas a respeito do pai, pessoa “ruim”, calada que não respondia às suas perguntas e não reconhecia sua condição física de criança para desempenhar trabalhos pesados, no cabo do arado, carregando carroças e sendo responsável pela alimentação dos animais:

... Então, tanto saí com carroça, carregar carroça, descarregar, quanto pra ir com a grade, gradear chão, arar a terra. Com oito anos... que tipo de força eu tinha? E eu tinha que ir. Ele não queria nem saber, ele não ia junto, mandava: - Ó em tal lugar você tem que passar o arado e fosse o que fosse tinha que agüentar.

De toda a narrativa de Ivo esse foi o momento em que se percebeu maior densidade de memória, fenômeno que Barros (1997) descreve como sendo de evocação de vivências marcantes na vida dos sujeitos. No caso de Ivo, a lembrança é de um acontecimento marcado pela dor e frustração de se ver retirado da escola, da qual gostava e à qual nunca mais voltou. Esse fato o marcou de tal forma que se faz perceber na emoção com que relata o acontecimento. Como fator de constituição de sua personalidade o afastamento da escola mudou o rumo de uma vida que teria outro encaminhamento, não fosse a imposição do pai, uma vez que seu gosto pela escola pode ser dimensionado pela frustração que revela quando dela é afastado.

Quando Ivo foi colocado no trabalho o pai produzia carvão para ferros de passar roupa e este era vendido para os alfaiates de uma cidade vizinha. Para essa parte do trabalho, ele e uma de suas irmãs, tinham que levantar à noite para verificar as condições de segurança do trabalho. Ivo admirava o que produziam:

Nós cortava árvore, montava uma pilha, acendia numa ponta e daí cobria com capim e daí quando pegava fogo na ponta, aí cobria com mato e daí fazia uns furos em cima, uns dois, quatro furo pra sair a fumaça. Aquilo ficava fumaceando durante a noite. Eu mais uma minha irmã, nós tinha que levantar umas duas vezes por noite pra ver se não formava um vulcão no meio, porque se formasse um, ele explodia o fogo pra fora... Uma semana levava aquele monte queimando permanente. Quando parava de sair fumaça e nós abria aquele monte todo, olha, dava carvão tão lindo, graúdo, daí nós ensacava e trazia pros alfaiates.

Esse carvão era vendido também para vapores que faziam a travessia do rio Iguaçu:

E outra... naquele tempo, funcionava três vapor de Porto Almeida até porto Amazonas pelo rio Iguaçu. Então, eu e meu pai fornecia carvão pras máquinas. Para ele funcionar. Então ia de Porto Almeida até Porto Amazonas.

A vivência do trabalho era constante em sua família e parecia não haver separação entre viver e trabalhar, sendo os afazeres tão presentes e inerentes ao cotidiano que nem mesmo se falava sobre o assunto. Essa referência retrata o que Harpaz, citado por Mourão e Andrade (2000) traduz como sendo o trabalho algo inseparável da natureza e das necessidades humanas. Assim, em sua família não se falava em trabalho, apenas trabalhava-se: ... *o pai e mãe não falavam nada. Só, caso assim... a gente levantava cedo, de madrugada, tomava chimarrão e cada qual, sempre ia unido, em bloco trabalhar na roça. Nós ia junto.*

Por desavenças com um vizinho em relação à divisa de terrenos, o pai resolveu abandonar, com tudo que possuía, ou seja, a propriedade rural na qual viviam. Esse é um episódio da vida que Ivo lembra com emoção, chegando a chorar ao término do relato. Em mais essa situação de abandono surge novamente a memória da dor de deixar para trás uma vida construída com o trabalho de todos. Ivo chora ao falar da chegada em São Paulo, quando pais e irmãos ficam doentes:

Nós tinha vinte alqueires de chão, mas o vizinho avançava na divisa. O pai pediu para o engenheiro da cidade medir. Demarcaram, mas não adiantava: o homem arrancava a estaca e avançava no terreno. Daí o pai desanimou da vida e abandonou todo o terreno, a casa, cozinha, um paiol, tudo que pertencia dentro de casa, ficou tudo, tudo. Fomos embora pra Estado de São Paulo. Chegando lá, bateu maleita em todo mundo [chora].

Em seu novo domicílio Ivo trabalhou como barqueiro, utilizando um bote para fazer o transporte de pessoas de um lado da fronteira estadual para o outro:

Daí eu me livrei do cabo de arado. Então, o meu serviço lá era levar passageiros. O rio Itararé era igualzinho ao Rio Iguaçu, de grande. Eu tinha um bote bem grande e tinha muita gente que bem naquele trecho queriam passar do Estado de São Paulo pro Paraná e daqui pra lá. Então o meu serviço era quase o dia todo navegar.

A vida de Ivo esteve atrelada à do pai até a idade de vinte e nove anos, quando passou a trabalhar fora dos domínios de sua família. Ao se referir ao começo de seu trabalho remunerado, Ivo expressa submissão quando diz que só começou a trabalhar fora da lavoura quando o pai o libertou e o aconselhou a voltar à sua cidade. Ele aceitou o conselho e, ao voltar, deu outro rumo para sua vida de trabalho: ... *comecei trabalhar na mecânica. Mas primeiro fui trabalhar na ferraria. Trabalhei três meses grátis pra aprender, pegar prática. Depois, já comecei ganhar, mas o serviço era difícil pra chuchu...*

Nos primeiros anos de vida e de trabalho, Ivo sofreu uma forma de imposição que o marcou, como é perceptível em seu relato, pois ele parece ainda sentir o esforço, o peso do trabalho forçado sem que fosse considerada sua pouca idade e suas condições físicas para o desempenho das funções designadas pelo pai.

As marcas de dor aparecem em seu tom de voz sofrido e, conforme ele mesmo refere, em seu corpo, uma vez que atribui ao trabalho pesado sua baixa estatura, em mais uma referência ao trabalho como sacrifício (Dollahide, in Mourão e Andrade, 2000), diz que o chamam de “pequenininho” e não se importa com isso, pois se sente feliz. Ele acha que quem o chama assim tem razão:

Muita gente me apelidou de pequenininho, mas com razão. O serviço pesado não deixa desenvolver o físico da pessoa, porque os ossos são macio né, então o serviço pesado vai desgastando, não deixa crescer. Eu não ligo pra isso, pois sou feliz assim mesmo.

Silva (2003) refere-se a aspectos relativos ao trabalho infantil, do qual Ivo é exemplo vivo. Entre eles está a apropriação do corpo produtivo infantil para a produção de mais valia para outrem, no caso, o pai autoritário tantas vezes referido por Ivo. Esse aspecto destaca, por um lado, que o corpo da criança trabalhadora explorada é adulterado, domesticado e submetido ao

sofrimento, dor e fadiga. Por outro lado, o mesmo autor afirma, citando Dejours (1994) que, nessas condições, a criança vive uma infância precária e de curta duração, pois seu corpo é, desde cedo, utilizado para o trabalho, podendo desencadear problemas somáticos de natureza psíquica e clínica, além de diminuir o tempo que seria dedicado à brincadeiras nos primeiros anos de vida.

Quando chegou à vida adulta e já livre do pai, duas possibilidades de escolha de Ivo ocorreram. Uma com indicação de afastamento do trabalho pesado que fazia por preocupação com a própria saúde e, outra, como incentivo para dar início a uma nova ocupação. O esforço para exercer o ofício de ferreiro, ainda um eco do esforço que precisou despende no início de sua vida de trabalho fez com que Ivo aceitasse a ajuda do colega:

Trabalhei dois anos lá na ferraria. De repente apareceu um médico, não sei que médico foi, e assim por vontade dele examinou ele e examinou a mim e disse assim pra nós que se nós continuasse trabalhando nesse serviço, pesado assim, sem máquina, tudo a muque, arrebentava a veia porque a veia aparecia que nem lápis por baixo do couro [pele], assim engrossava muito, crescia a veia.

Ao falar isso, mostra a marreta que estava em um canto do museu, com a qual trabalhava na época e completa: *Então, eu logo tratei de sair de lá, abandonar a ferraria e o outro ferreiro ficou mais dois anos e deu problema nas veias mesmo e morreu.* Mais uma vez Ivo se refere ao trabalho como fator de sacrifício e mutilação, mencionado por Silva (2003) e por Dollarhide (in Mourão e Andrade, 2000). Esse sacrifício, além do esforço, podia abalar sua saúde e por si mesmo procurou outro emprego, desta vez como mecânico e ainda na mecânica foi incentivado por um colega a aprender um novo ofício: *... aprendi trabalhar com serviço de fogão porque um colega... fora das horas [do expediente] ele dizia pra mim: Ivo, você quer aprender o serviço de conserto de fogão a gás, fique comigo depois da hora e você me ajuda e aprende. Eu fazia isso, depois da hora eu ficava com ele, até hoje eu tô lutando com conserto de fogão à gás.*

A significação de sacrifício imputado pelo trabalho é uma evidência que o acompanha Ivo através de sua vida. O começo, com esforço físico superior às possibilidades de seu corpo de criança, e, a vivência hoje, de um ofício que qualifica de “ruim” e que o machuca fez com que a associação entre trabalho e sofrimento tenha se naturalizado na percepção de Ivo, tanto que, na ocasião da aposentadoria, preferiu continuar trabalhando, em vez de livrar-se dele.

Outro sujeito entrevistado foi Nelson, industriário que tem formação em supervisão de segurança e contador, mas não exerce estas funções. Ele caracteriza seu trabalho como generalizado, pois controla a entrada e saída de mercadorias, notas fiscais, peças de uso e faz

contato com todos os envolvidos nesses segmentos, integrando o setor de produção, escritório e diretoria, providenciando o necessário para o andamento do trabalho na empresa:

Meu trabalho ali é generalizado, né. É controlar notas fiscais de recebimento, peças de uso, manter contato com todos. É a participação entre indústria, escritório e diretoria, né. Também eu sou o supervisor de segurança e contador, mas não ocupo esses cargos, porque distancia...do trabalho de supervisão que estou fazendo.

Nelson descreve um pouco mais sobre o trabalho e como fez para tornar-se apto a executá-lo, enfatizando a necessidade de experiência para chegar ao grau de desempenho de hoje: *A minha atividade é diversificada, vamos dizer assim, mas isso é só o tempo, não é?! São cinqüenta anos [nessa atividade]. Eu trabalho fazem sessenta, já, mas estou lá na madeireira há cinqüenta anos. Já sou aposentado, desde 1978.*

Sobre a experiência proporcionada pelo tempo de vida dedicada ao trabalho Neri (2000) afirma que em comparação com os jovens, o trabalhador mais velho tem uma bagagem maior que provavelmente lhe possibilita estabelecer estratégias de administração de vida, além de ser mais seletivo, estruturando melhor sua vida e metas de trabalho. A autora propõe ainda que trabalhadores mais velhos podem ser educacionalmente importantes como modelos e mentores, especialmente em organizações que avaliam a transmissão cultural de conhecimento de trabalho efetivo e processual, valores organizacionais e convicções. Essa importância é notória em Nelson, que se faz presente em todos os setores da empresa, espaços onde é estimado e respeitado por todos.

Nos seus sessenta anos de trabalho Nelson atuou também em outras funções. Ele conta como foi o início de sua vida de trabalho, na juventude, em meio a uma aventura que viveu com um colega do colégio interno em que estudava. Ele e o amigo resolveram conhecer o Brasil e saíram viajando pelo país. A primeira parada foi na cidade de Goiânia, onde providenciou sua carteira profissional e começou a trabalhar como armazenista e, posteriormente, como escriturário numa empresa prestadora de serviços de engenharia. Este início se deu porque começou a faltar dinheiro para continuarem a viagem:

Comecei como armazenista, fui escriturário, nas cidades em que passamos quando fizemos nossa viagem, eu e um amigo, na juventude, em 1945. Onde acabava o dinheiro a gente parava e trabalhava para arranjar dinheiro.

A viagem durou dois anos, ao final dos quais Nelson voltou para sua cidade, onde começou a trabalhar na serraria do pai. Não especifica qual função exercia, mas disse, rindo, que fazia de tudo, pois era filho do dono: *fui trabalhar com meu pai, na serraria. Daí eu não voltei mais a estudar porque ele estava sozinho, né. Aí fiquei com ele aqui. Lá eu fazia de tudo também. Eu era o filho do dono [ri]. Em 1947 servi o exército e de 1948 até 1953, mais ou menos, eu fiquei lá, na serraria.*

A lembrança da viagem relatada por Nelson expressa o que Barros (1997) denomina densidade da memória, quando as emoções revividas pela evocação se intensificam e deixam entrever a importância atribuída ao acontecimento pelo sujeito entrevistado. É evidente o prazer com que Nelson conta sobre essa parte de sua vida. Em todo seu relato esse foi o único momento em que ele demonstra ter feito algo para si mesmo, quando, distante da vida em família, experimentou a autonomia, tendo que decidir e providenciar o custeio de sua aventura. A partir de então ele se põem a serviço do pai no trabalho da empresa de sua propriedade, em cuja ocupação ainda permanece.

Em 1954, ano em que se casou, a empresa foi vendida e ele passou a trabalhar na madeireira de amigos da família e antigos clientes do pai, na qual permanece até hoje: *Mas, depois foi vendida a serraria. Daí, um dos primeiros donos da empresa onde trabalho, me convidou pra madeireira, em 1954, né, que foi quando eu casei. Fui lá e fiquei até hoje, né, trabalhando na parte administrativa.*

Para Nelson a vida profissional poderia ter outro rumo caso morasse em outro lugar. Acredita que as possibilidades de trabalho em âmbito regional não deixam muitas opções para quem reside em sua cidade. No entanto diz que refaria o caminho que fez até hoje: *faria o mesmo trajeto que foi feito nesses cinquenta e tantos anos, né.*

A maior parte da semana Nelson passa no trabalho e fala disso com orgulho e satisfação: *Mesmo nos domingos e feriados eu vou na firma olhar como estão as coisas por lá. Não que eu precise ir, mas me habituei.* Essa atitude de Nelson é referida por Siqueira e Gomide Júnior (2004) como doações espontâneas à empresa, em decorrência de seu comprometimento afetivo¹²

¹² Referência a comportamento organizacional afetivo, vínculo no qual o indivíduo se identifica com uma organização e com seus objetivos e nela deseja manter-se. Siqueira e Gomide Júnior (2004).

com a mesma. Sobre o mesmo, Neri (2000) aponta que muitos estudos informam que trabalhadores mais velhos apresentam baixa taxa de absentismo e níveis mais altos de satisfação no cargo do que trabalhadores jovens. Os trabalhadores mais velhos parecem sentir-se mais motivados por meio de recompensas intrínsecas, enquanto os mais jovens são dirigidos mais pelos fatores extrínsecos ao trabalho. Essa colocação aparentemente reporta ao motivo de Nelson fazer-se presente com assiduidade e gosto na empresa, mesmo fora dos horários e dias de expediente de trabalho.

Ao contrário de Ivo, Nelson viveu sua infância distante do trabalho e sua juventude dentro de condições sócio-econômicas que lhe proporcionaram educação formal em colégios tradicionais. Seu ingresso no trabalho se deu em idade adulta e ele foi, de certa forma, preparado para o trabalho administrativo nos colégios onde estudou, além da convivência com as atividades laborativas da família, antes de dar início à sua vida profissional. Nelson não escolheu seu rumo profissional, sendo que passou a trabalhar com o pai como uma seqüência natural que entende ser comum às famílias de sua condição sócio-econômica e de sua geração. A maneira comedida e, de certa forma, resignada como Nelson relata sua inserção no mundo do trabalho deixa uma dúvida sobre sua real satisfação com o trabalho que até hoje exerce. Dejours (1994, in Codo, 2004) aponta o uso de estratégias defensivas por trabalhadores para protegerem-se do sofrimento e que estas, ao mesmo tempo que os alienam os afastam de sofrimentos relativos ao trabalho. No entanto, a compreensão de como foi produzido esse sofrimento proporciona condições de superação do impasse entre sentir-se protegido e alienado. Parece que tem sido essa compreensão a força de sustentação de Nelson no trabalho por todos esses anos, pois mesmo dizendo que o trabalho é sua vida, a colocação é mais de dever cumprido do que de realização pessoal, que talvez tivesse atingido, se tivesse se formado em medicina e se especializado em oftalmologia, como ele diz ter achado bonito na infância: *E o outro tio meu que era oftalmologista, meu tio (...), aquilo que eu achava bacana, um médico...*

Para Nelson, como para Ivo, as características presentes na época de sua inserção à vida de trabalho permanecem. Para Ivo o sacrifício, para Nelson, a generalidade e uma certa distância do trabalho em si mesmo e a tônica na necessidade e no prazer de estar ocupado. Nelson relata que “fazia de tudo um pouco” quando iniciou sua vida de trabalho na empresa do pai. Ao falar de seu trabalho de hoje diz que é “generalizado” A forma de vivenciar o trabalho para ele é generalista ainda que não superficial, pois dedica-se com gosto e assiduidade notáveis, quase devoção, à empresa em que permanece há cinqüenta anos.

O trabalho de Vera, 63 anos, é confeccionar pastéis de massa cozida, o *perohê*¹³, que aprendeu em casa, com a mãe, como é habitual entre as meninas de sua época e de sua etnia: *O que eu faço é o perohê... Dizem o “pirogue” ou então o “varenik”, né..., que é o mesmo prato, né. Ele vem lá da Ucrânia. Aprendi com a minha mãe, né... e depois assim, bastante coisa a gente aprendeu trabalhando com os outros, assim como outros aprendem comigo. Eu não fiz curso nenhum.*

Vera aperfeiçoou sua produção de massas a partir de erros e tentativas: *Assim, fui desenvolvendo: se hoje uma coisa não deu certo, amanhã eu tentei fazer diferente, né. Tanto é que agora os congelados que eu faço dos perohê muita gente aprendeu comigo.* Além do recheio tradicional de requeijão Vera diz que podem existir variações: *Pode variar, até se quiser fazer alguma coisa assim de legumes, né, pode.*

A rotina de trabalho de Vera é distribuída entre as atividades de bordar e sua participação no grupo de terceira idade. Trabalha um dia por semana na confecção de massas e recheios, os quais congela para ter sempre à disposição da família e dos fregueses: *Então quando elas [as filhas] querem qualquer coisa, correm aqui em casa. Eu nunca fico sem perohê. Porque os meus fregueses vêm buscar quando querem. Eles já nem perguntam, nem ligam, nem nada, porque dificilmente eu não tenho no freezer no fim de semana.*

Vera trabalha há mais de vinte anos. Aos 45 anos, depois de ver os filhos adultos e casados e percebendo-se com tempo disponível, quis ocupar-se fazendo o que já sabia e foi assim que resolveu fazer dessa atividade uma fonte de remuneração: *Comecei a trabalhar depois que os filhos começaram a vida deles, que a gente já sabia que tinha um pouco mais de liberdade em casa, porque enquanto as crianças são pequenas é difícil você querer fazer alguma coisa diferente.* (Vera, 63 anos, cozinheira e bordadeira). Ela diferencia a natureza de sua atividade entre antes e depois da remuneração, quando diz que, depois que os filhos cresceram resolveu “se mexer” e fazer alguma coisa, demonstrando não reconhecer seus afazeres anteriores como trabalho: *E então, quando eles cresceram, daí que eu... que eu me mexi e resolvi fazer alguma coisa.*

Além da confecção de pastéis, Vera também faz bordado ucraniano para os grupos infantil, juvenil e de terceira idade de dança folclórica, que utilizam roupas típicas para suas

¹³ Pastel cozido, típico da culinária ucraniana, recheado tradicionalmente com requeijão, batata e temperos verdes.

apresentações: *então na época que o Kalena¹⁴ começou o grupo deles, as primeiras blusas que eu bordei foram para o Kalena.*

O início do bordado como profissão se deu há vinte e cinco anos, quando, estando impossibilitada de trabalhar na confecção de massas e nos afazeres domésticos devido a uma cirurgia, Vera aceitou bordar toalhas para a igreja, substituindo as irmãs religiosas do colégio ucraniano:

Levei tempo sem poder trabalhar, aí eu procurei as irmãs do colégio, que elas sempre faziam os bordados para o altar da igreja. E foi uma oportunidade e eu me adaptei a mais um trabalho, o de bordado. Elas [as irmãs] bordavam, mas naquele momento não podiam fazer. Então eu peguei e fiz. Bordei, acho, que uma toalha de, mais ou menos, uns cinco, seis metros de comprimento. E depois outras peças menores e assim eu fui pegando a prática e gostando do trabalho e estou bordando até hoje...

Sobre a comercialização das massas Vera diz que já vendeu bem mais do que atualmente, pois quando começou a comercializar, poucas pessoas o faziam. No entanto, seus fregueses continuam fiéis: *naquela época que eu comecei não tinha quase ninguém que fazia isso. Agora tem bastante gente fazendo, mas meus fregueses são fiéis e sempre tenho em casa para vender.*

Quando solteira trabalhou em uma casa de bordado e chama de “diferentes” os bordados que não são ucranianos: *Eu estive trabalhando numa casa de bordados, mas eram bordados diferentes, não como os que faço hoje.*

Também relata que trabalhou em madeireira, com lâminas: *Trabalhava com madeira, com lâminas. Levava, puxava as lâminas, deixava na tesoura pra cortar, deixava na coladeira pra juntar, pra colar. Então essa era o nosso trabalho de... de fábrica, né.*

Por gostar de seu trabalho, Vera pretende continuar trabalhando enquanto puder, enquanto tiver saúde: *Ah, eu já tô preocupada... o dia que não puder trabalhar mais nisso. Então eu gosto, eu adoro trabalhar com massa, bordar.* Ela diz que recomeçaria a trabalhar do modo como ainda vem fazendo. No entanto parece ter passado por seus pensamentos outras possibilidades, que não menciona: *Faria de novo. Eu acho que sim.* Diz ter pensado em outro trabalho: *Pensar a gente pensa, mas é difícil você resolver, né, começar com ele né...*

¹⁴ Grupo juvenil de dança folclórica ucraniana.

Coury (1993) e Siqueira e Gomide Júnior (2004) abordam a satisfação no trabalho e citam Locke (1969) e sua proposição de que a satisfação depende das necessidades¹⁵ preenchidas, sendo que estas podem mudar de indivíduo para indivíduo e para um mesmo indivíduo em diferentes épocas da vida (Maslow, in Coury, 1993). Para Nelson e Vera, tanto o ingresso no mundo do trabalho como sua permanência no mesmo depois da aposentadoria parecem estar ligados ao que Mourão e Andrade (2000) e Coury (1993) definem como necessidades extrínsecas, ou seja, mesmo gostando de sua ocupação, o principal motivo de sua permanência seria manter-se ocupado e produtivo (Haddad, 1996).

Vera decide transformar as atividades com as quais teve contato desde sua infância em atividade remunerada depois de ver cumpridas as tarefas de esposa, mãe e dona de casa. Ela começou a trabalhar de forma remunerada quando, em geral, as pessoas completam seu tempo de serviço e se aposentam. Em seu relato deixa claro que agora o faz por si mesma, ainda que forneça à família das filhas e sobrinhas as massas que produz. Vera alia o prazer de trabalhar no que gosta à necessidade de manter-se ocupada no tempo que hoje lhe sobra, fazendo-se assim dona de seu tempo e provendo a si a remuneração que, antes dos quarenta e cinco anos não conhecia.

Professora de matemática em cursos de nível superior, Neide, 70 anos, mostra entusiasmo ao falar de seu trabalho e das funções que exerce: *Eu dou aula no quarto ano de matemática, duas disciplinas: Estatística e Didática da Matemática. Dou aulas no terceiro ano de Pedagogia. Estatística e Didática da Matemática no quarto ano e nos dois primeiros anos de Biologia eu dou Estatística.*

Professora dedicada, além de preparar para as provas em concursos públicos, Neide, algumas vezes, é solicitada e aconselhar seus alunos. Ela conta que, certa vez, um de seus alunos foi aprovado para dois concursos públicos na mesma época e, em dúvida, perguntou a ela pelo qual optar: - *Professora, eu passei na Petrobrás e no Banco do Brasil. Onde que a senhora acha que eu devo ir?* Ao que Neide responde: - *Olha, meu filho, se você não tivesse mãe, eu te orientava, mas você tem mãe e pai e eu acho que você deve pedir um conselho pra eles e não pra mim, né.*

¹⁵ Requisitos objetivos para a sobrevivência ou bem-estar de um organismo (Locke, 1969), citado por Coury (1993).

Também a família solicita seus préstimos: *Eles já sabem o dia que eu não tenho aula à tarde e daí me chamam para dar aula para os netos do meu irmão, sabe?*

Neide sente-se realizada e reconhecida em seu trabalho e não pensa em parar, ainda que sua família a aconselhe a fazer isso:

Então eu já tinha tempo de serviço, eu dei 25 anos de aula na FACE [Faculdade de Administração e Economia]. Daí meus filhos disseram: - Mãe, chega. Fique só numa, que daí, pra senhora é gostoso e a senhora não se maltrata tanto. Porque na FACE, além de dar aula eu trabalhava pela manhã como supervisora do Colégio Técnico.

O diretor da faculdade onde ainda leciona, não pensa como a família de Neide, que ri ao relatar esse fato: *Cheguei para o diretor e disse: - Acho que esse ano eu aposento, professor... Ele respondeu: - O quê que você vai fazer em casa? Fica... continua conosco. Então, eles gostam do meu trabalho e eu adoro trabalhar e vou continuar, se Deus quiser.*

Neide, incansável, trabalhou também em casa, reunindo grupos de alunos para dar aulas particulares: *Às vezes às cinco da manhã eu já tinha gente aqui. Em outras, terminava a aula perto da meia noite.* Essas aulas, que tinham lugar na mesa da copa de sua casa, eram para escolares, mas também para candidatos a concursos de empresas estatais, como Banco do Brasil, Petrobrás, Tribunal de Justiça: *Concursos públicos sempre... eu trabalhei, ajudei bastante gente.*

Neide sempre gostou de trabalhar, o que, para ela, foi conquista e desafio. Sua mãe achava que mulheres não deviam trabalhar e nem mesmo estudar e sim se prepararem para o casamento. Pensando assim impediu que Neide saísse de casa e a proibiu de continuar estudando. Em vista disso, somente depois de casada ela voltou a estudar e, já grávida do primeiro filho, deu início à vida profissional: *Eu gostava de estudar e estudava bastante. A mãe até me surrava, porque... eu era muito magrinha, sabe? E ela dizia que era porque eu estudava muito e que não era mais pra estudar. Aí, ela me disse, quando a gente ficou mocinha, né, que eu precisava casar! Porque naquela época moça não trabalhava.*

Seu primeiro trabalho foi no cartório do irmão, como serventuária da justiça, inicialmente como escrevente juramentada e, posteriormente, como oficial maior:

Antes de ser professora. Eu fui serventuária da justiça, trabalhava no cartório, sabe? Naquela época era diferente, você escrevia tudo no livro. Hoje em dia é no computador,

mas na minha época era à mão, não era com essas canetas [esferográficas]. Eu gostava muito do serviço e nas horas vagas fazia protestos, porque nós acumulávamos a função, fazíamos protesto e procuração e registrava e ia num cartório, reconhecia firma. Eu trabalhei bastante, mas sempre gostei, sabe?

Ainda trabalhando no cartório foi convidada para trabalhar no magistério: ... depois comecei a fazer a faculdade, a primeira já, e quando eu estava já no segundo ano fui convidada pra dar aula e daí eu gostei demais e pedi exoneração do meu serviço.

A proibição de estudar e trabalhar não inibiu o gosto de Neide pelo trabalho e pelo estudo. Além da formação em pedagogia e da especialização em matemática superior, que fez em Belo Horizonte, Neide fez outra faculdade: *Na minha época, pedagogia dava registro em matemática. Então eu comecei lecionando matemática e gostei muito. Daí, depois eu fui fazer matemática. Fiz o curso de matemática, na cidade de Mafra.*

Entre as funções que desempenhou no magistério inclui-se a de responsável pela área de matemática e ciências na equipe de ensino do Núcleo Regional de Educação de sua cidade, cargo no qual permaneceu por nove anos e meio. Mesmo aposentada, continua trabalhando em outra instituição de ensino superior, onde, por mais de uma vez, foi chefe de departamento: *... quase sempre sou a chefe do departamento [ri]. Só saio quando completa aquele tempo que tem que sair, né, que não pode ficar mais.*

Pela instituição em que ainda permanece trabalhando, ela viajou algumas vezes para o Nordeste do Brasil, onde atuou com gosto e dedicação: *a nossa faculdade tem um convênio com a Alfabetização Solidária¹⁶, então nós vamos dar aula lá, eu já fui três vezes.*

Para Neide, que gostou tanto do trabalho no cartório como do magistério o recomeço ocorreria nas duas profissões: *No cartório e no magistério, eu recomeçaria...*

A observação e o gosto, talvez necessidade, de esclarecer e explicar, dar sentido lógico às coisas esteve presente na forma de agir e de interagir de Neide desde criança. Ela prestava atenção aos favorecimentos da mãe à irmã menor na divisão dos alimentos entre os irmãos e, tão logo encontrou argumentos para corrigir isso, os colocou em prática, explicando à mãe que estava agindo errado. Essa atuação permanece de maneira formal em sua prática profissional, mas

¹⁶ Programa de alfabetização do Governo que funciona com convênio entre escolas do nordeste e faculdades do sul do Brasil.

também para além dela, pois em situações do cotidiano, com as pessoas de seu relacionamento, com colegas de trabalho e até mesmo durante a entrevista Neide não perde oportunidade de explicar, de esclarecer de dar sentido às operações que muitos fazem, mas nem sempre entendem, como ocorreu com ela antes da vida acadêmica à qual ainda se dedica.

Sarah, 64 anos, médica, sempre trabalhou. Essa é a impressão que ela passa ao falar de sua vida. Mesmo aposentada no serviço público Sarah continua trabalhando diariamente em sua clínica ginecológica, sendo que nas primeiras horas da manhã atende gratuitamente: ... *praticamente a minha clientela é sempre o pessoal pobre da cidade*. Ela já foi vice-prefeita e vereadora e está, novamente, em plena campanha eleitoral. Diariamente sai pelos bairros, de casa em casa, incansável, às vezes gentil, às vezes brigando, pedindo votos, se esquecendo das dores nas costas causadas pela artrose. A irmã gêmea se preocupa e lhe diz que não acredita em suas doenças, pois parece cheia de saúde quando sai para a campanha. Preocupa-se também com os ambientes por onde a irmã anda pedindo votos, referindo-se a bairros habitados por população de baixa renda. Acha que ela não deveria ir a esses lugares com seu carro de uso habitual, mas sim com um “fusquinha velho”. Sarah não leva isso em consideração e comenta: *se você não puder circular em sua cidade com o carro que usa habitualmente, então o que está fazendo aqui?* Sua proposta de trabalho na Câmara de Vereadores é a criação do serviço de pronto-socorro e melhoria do serviço de saúde pública do município. Com seu engajamento político Sarah contradiz frontalmente o que Novaes (1996) designa como um dos mitos do envelhecimento que fazem parte de conceitos, ou melhor, de preconceitos em relação à velhice, ou seja, o do desligamento e ausência de compromisso com a vida. Sarah sente-se não só compromissada, mas entusiasmada com a possibilidade de proporcionar melhoria às condições de saúde da população de baixa renda de sua cidade. Seu senso de cidadania se faz perceber em seu discurso e em sua prática e no empenho com o qual se dedica à campanha eleitoral.

Sua jornada profissional como médica começou em 1966, quando terminou seus estudos na faculdade de medicina. Já em 1967, juntamente com os irmãos, também médicos, abriu uma casa de saúde. O movimento deste hospital era intenso, segundo ela, em decorrência de ser ela a primeira e única médica na região na especialidade de obstetrícia e ginecologia:

Eu vim pra cá em 1966 e em julho de 1967 nós abrimos a Casa de Saúde. Em um ou dois anos, tínhamos um movimento que os outros hospitais antigos juntos não tinham. Nós dobrávamos o movimento obstétrico, em decorrência de eu ser uma mulher... e naquela

época muitos homens queriam que as esposas consultassem com uma mulher... Inicialmente trabalhava em consultório e na maternidade local junto com os médicos antigos da cidade... e tínhamos que fazer praticamente de tudo. Então eu comecei como anestesista e fui pioneira aqui na cidade no serviço de anestesia, depois fiz o curso de Medicina do Trabalho, em 1976.

Além do trabalho no hospital, Sarah ingressou no serviço público, por concurso para o INAMPS¹⁷ no ano de 1972, onde atuou duas especialidades. Relata que seus empregos sempre foram por concurso, nunca por indicação: *Em 1972 teve um concurso pro INSS¹⁸, INAMPS na época, de Obstetrícia e Ginecologia. Eu passei nos dois, nas duas especialidades. Nunca tive emprego de indicação nenhuma, todos os empregos que eu tive foi com concurso público, né. (Sarah, 64 anos, médica).*

Em 1982 foi para São Paulo fazer um curso de radiologia, em vista da necessidade de utilização, pioneira na cidade, de ultra-sonografia em sua prática clínica:

Aqui, ninguém fazia o ultra-som... eu fui a São Paulo, fiz o curso, lá no Hospital de Clínicas durante três meses. Fui pioneira aqui nesse serviço. Tinha situações dramáticas que você tinha que resolver na hora, não podia mandar pra Curitiba... um sangramento, era uma emergência né, pra ver se o embrião, o feto estava vivo ou não pra decidir, né.

A história da vida de trabalho de Sarah não se resume ao exercício da medicina. Desde criança trabalhou na casa de comércio dos pais. No período letivo, depois do horário de aula, ajudava a mãe no serviço doméstico, fazia as tarefas escolares e, assim que terminava, dirigia-se à loja, que vendia confecções, calçados, chapéus:

Depois da escola normal eu ia pra loja trabalhar. Então dentro da loja você fazia as coisas que a mãe fazia ou dava uma folga pra ela descansar um pouco, que era também atender os fregueses, ajudar nas compras, né. Então nós estávamos envolvidos com a atividade da loja o dia inteiro.

¹⁷ Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social

¹⁸ Instituto Nacional de Seguro Social.

Nas férias, o turno de trabalho era mais extenso, pois a disponibilidade de tempo era maior. *Eu nunca saí tirar férias, mesmo na faculdade. Nós vínhamos, eu e a minha irmã, todos sempre dentro do comércio trabalhando, na loja.*

Conta com vivacidade e prazer, com toques de saudade e doçura na voz, a rotina de vendas da loja. Lembra de pessoas e peculiaridades de clientes, como a mulher que costumava roubar quando ninguém estava olhando. Quando ela chegava Sarah tinha que vigiá-la para evitar que roubasse. Disse que ela pedia uma peça de roupa e quando a mãe se virava para apanhar, a cliente aproveitava para colocar alguma coisa na bolsa: ... *Então a mãe falava em sírio. Quando a mulher entrava a mãe falava em sírio e a gente ficava do lado dela, porque ela vinha com uma sacolinha...*

Sarah gostava de vender e lembra das mercadorias da loja, das quais, hoje, muitas nem existem mais, como galochas...:

Então se vendia muito estas coisas e, tava lá, gostava do mercado. Nós tínhamos calçados, roupas feitas, naquela época não tinha Pernambucanas, nem nada. Então, tinha tecidos, tinha tudo né, se vendia muito bem. Eram poucas lojas, né. Nós tínhamos tudo, era, eu lembro que se vendia muita galocha, hoje você não ouve mais falar em galocha, vendia muitas sombrinhas, se vendia muita mortalha de criança, umas coisas que me chamavam muito a atenção. Se vendia muita mortalha e se vendia... porque antigamente eles faziam caixão em casa. Antigamente vendia muita lã para tricô; aqueles panos xadrez pra fazer camisa pro pessoal do interior; brim, pra fazer calça de brim, né; tecidos daqueles... hoje você compra pronto né.

Nos tempos de faculdade não foi diferente. Sarah trabalhou também. Dividiu apartamento, despesas e mesada com os irmãos, estudantes como ela. Com tudo o que tinham que pagar sobrava uma ínfima quantia para gastos pessoais:

... Então ia o dinheiro contadinho pra nós. Nós pagávamos na pensão dois, seria dois reais, daí sobrava cinquenta centavos, vamos supor. Desses cinquenta centavos, eu pagava no diretório, sobrava duzentos [vinte], vinte centavos, então estes vinte centavos

tinham que durar o mês inteiro, pra eu ir e vir da faculdade. Quando acabava o dinheiro vinha a pé, né. Então a gente nunca exigiu a mais.

Para obter dinheiro Sarah gravava aulas e as transcrevia a fim de vender para outros acadêmicos. Para isso contava com um colega que passava as transcrições no mimeógrafo, quando então Sarah negociava esse material com os colegas: *então nós gravávamos as aulas, eu gravava, transcrevia, reproduzia e, no dia seguinte, vendia para os colegas.*

Outro meio de sobrevivência era a venda de mercadoria contrabandeada que o mesmo colega trazia para ela: *eram canetas, lenços... tudo que é bagulhada que ele trazia e eu vendia na escola para faturar um pouquinho mais também...*

Sarah sente-se realizada na profissão. No entanto, a infância e adolescência vividas na loja dos pais a marcaram com o gosto pelas vendas e diz que não se sentiria frustrada se tivesse sua vida de trabalho dedicada ao comércio: *Olha se não... se eu não conseguisse passar em medicina... a gente foi criado dentro de uma loja, né, então também era atraente, né.* (Sarah, 64 anos, médica). Ao longo de sua vida teve contato com vários tipos de trabalho, mas prefere a medicina e nela recomençaria: *Se eu tivesse que voltar... eu não acredito em encarnação, mas eu voltaria acho que médica, de tanto que eu gosto.*

A forma dedicada e o interesse principal no trabalho demonstrados por Neide e Sarah caracterizam a dimensão de centralidade apresentada por Mourão e Andrade (2000), na qual é verificado a importância atribuída ao trabalho quando comparada com outras áreas da vida humana, como família, lazer, religião e comunidade. Ainda que seus interesses sejam também direcionados à família e lazer, fica evidente que a motivação maior é o trabalho. Mesmo tendo percorrido trajetórias diferentes, em razão da realidade regional, social, histórica e familiar que as marcaram, Neide e Sarah são exemplos para as quais a dimensão de centralidade no trabalho fica evidente.

A natureza ativa de Sarah manifestou-se desde sua infância, quando mostrava-se atenta às atividades dos adultos, sejam elas lúdicas, domiciliares ou profissionais. Na vida adulta e no trabalho pós-aposentadoria, além da atuação em seu consultório, ela transcende o âmbito profissional e doméstico e insere-se na comunidade com franca participação política, tendo sido eleita e já colocando em prática suas promessas de campanha.

Incansável e ativo em seus movimentos e em seu cotidiano Zanoni, 80 anos, médico, tem carga horária total de trabalho, pois abrange os três períodos do dia e também a madrugada, em plantões:

De tarde eu faço clínica médica no Pronto Atendimento Municipal e à noite eu faço plantão no Pronto Socorro. De manhã eu faço a otorrino e oftalmo. Na Clínica Médica eu faço Clínica Geral e no Pronto Socorro é atendimento de todas as clínicas né, Ali você atende de tudo: emergências e principalmente urgências.

Zanoni considera sua jornada diária de trabalho atual mais leve do que quando era anestesista. São três os seus horários de trabalho, em três locais, mas mesmo assim, para o volume de trabalho a que estava habituado, acha que está folgado e pensa que já está na hora de diminuir sua carga horária:

Agora está folgado, né. Eu já trabalhei 24 horas por dia, quase, em hospitais. O tempo em que eu fazia anestesia no Hospital, trabalhava dia e noite como anestesista. Agora cortei a metade das minhas obrigações. Agora é calma a vida. Tá na hora de parar um pouco, de diminuir o trabalho. Diminuí depois que eu cheguei nos 80 [anos] eu, daí comecei diminuir.

Em sua vida de trabalho Zanoni teve também outras ocupações:

Trabalhei em oficina mecânica, pintura, carpintaria, fui boy... entregar pacotinho... loja, fiz de tudo, fui soldado, cabo, sargento, oficial, fiz o curso de oficiais médicos, tudo. Fui militar vinte e seis anos também. Trabalhei como médico e também fui médico do exército.

De família de baixa renda, somente aos trinta e oito anos Zanoni formou-se em medicina:

Eu me formei com trinta e oito anos. Até vinte e seis anos nem ginásio eu tinha completo. Com vinte e seis anos fui estudar ginásio ainda, fazer científico. Daí vestibular, fui fazer medicina. Depois é que eu fui pro exército, aí é que eu entrei pro

exército. É, porque eu já era formado em enfermeiro de alto padrão, em 1942. Como eu já tava dentro da profissão fui fazer medicina que eu sempre quis fazer né, mas só fui fazer depois de velho.

Da vida no exército e de estudante até chegar a morar na cidade em que hoje está estabelecido, ele diz ter rodado muito: *Rodei muito. Em Alegrete [RS] eu era capitão médico lá e me aposentei. Em Curitiba, lá eu fiz o curso de anesthesiologia, fui anestesista do Hospital de Clínicas, depois vim para cá.*

Tendo percorrido uma trajetória profissional extensa, Zanoni foi abrindo caminhos por onde passava. Desde os treze anos de idade, passando por diversos lugares e em diversas ocupações, diz que faria tudo de novo sem mudar nenhuma etapa de sua vida de trabalho: *não ia faltar uma vírgula, eu acho que... eu faria a mesma coisa, não tô arrependido de nada do que eu fiz. Nada, nada, nada, nada.*

O trabalho na infância foi vivenciado por Ivo e Zanoni, porém cada um deles o experienciou de uma forma diferente. Enquanto que Ivo traz entonações de amargura em sua fala e percebe em si (*sou pequeninho*) as marcas da exploração de seu corpo produtivo¹⁹ (Silva, 2003), Zanoni vivenciou o trabalho com a responsabilidade de ajudar a sustentar a família, mas também com ludicidade, ao criar e brincar com os materiais que utilizava nas oficinas e marcenarias onde trabalhou. Segundo Silva (2003) ele, além do corpo produtivo, utilizou também o corpo brincante, que proporciona ludicidade e relaxamento. Esses fatores o diferenciam do Ivo sofrido, uma vez que as marcas da duplicidade exploração/brincadeira, para Zanoni se concretizaram de forma integral no seu cotidiano adulto de dedicação ao trabalho e ao lazer em igual intensidade. Sua aparência jovial, o uso da gíria em seu vocabulário mostram que a natureza descontraída do menino atrevido que foi permanecem em sua maneira de ser.

Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004) referindo as concepções de Dejours (1994) sobre o destino das aptidões construídas desde a infância, apontam que aquilo que é constitutivo do sujeito a partir de sua história pode manter-se, aperfeiçoar-se ou deteriorar-se. O sofrimento que marca o ingresso no trabalho para Ivo ainda se revela em seu relato. Zanoni, ao lembrar de seu início precoce na vida laborativa, no entanto, o faz com humor e sofrimento, este último com nuances de orgulho, de quem enfrentou o desafio de “se virar sozinho” e obteve resultados positivos. Ele retrata aqui o que os autores referem como sofrimento criativo, ou seja, o que ele

¹⁹ Termo utilizado para designar o corpo que trabalha com o fim de se manter e satisfazer necessidades, produzir capital, realizar mais valia, entrar em circulação, tornar-se mercadoria para o lucro de outrem. (Silva, 2003)

fez foi transformar o que poderia ter significado sofrimento em criatividade, fato que favoreceu sua identidade, marcada, ao mesmo tempo, pela severidade e irreverência, com que se posiciona diante da vida.

Neide, Sara e Vera são exemplos do que Neri (2000) define como envelhecimento próspero, ou seja, com padrões de envelhecimento comparável ao de pessoas mais jovens, sem apresentarem perda em termos de motivação para aprender e criar, comportamento criativo, interesse por informações, envolvimento em atividades físicas. Segundo a autora esse é um ideal social procurado por várias gerações, mas atingido em maior escala somente nas últimas décadas. De modo geral, os demais participantes, também revelam as características de envelhecimento próspero, pois em nenhum deles se verificou declínio em termos de qualidade de vida. O que se verifica em seu cotidiano é o gosto pelo trabalho e o tempo dedicado com igual ou maior gosto às atividades extras das quais não prescindem e que conferem mais significado aos seus dias.

3.1.1. Situações gratificantes e situações frustrantes no trabalho

A vida dos sujeitos entrevistados é permeada pelo gosto e pela satisfação com o trabalho. Prova disso é que, para nenhum deles, o trabalho significa meramente sobrevivência. Todos dizem que não se vêem longe de seus afazeres e ressaltam a importância de permanecerem em atividade, mesmo depois de cumprido o tempo de serviço que lhes dá o direito à aposentadoria. Ao longo de sua vida profissional, momentos de gratificação e de frustração aconteceram. Nem todos, porém, relacionam a gratificação com as tarefas que desempenham, mas com o relacionamento com os funcionários e com o sistema de funcionamento da empresa, do qual se orgulha, como ocorre com Nelson, 78 anos, industriário: *Gratificante é o lugar bom onde eu tô trabalhando. Nós temos mil e tantos empregados, sistema de vida bom, tranqüilo. Todo mundo recebe o seu pagamento no dia certo, recebe seu adiantamento no dia certo, isso é uma grande coisa... Gratificante!*

O vínculo que Nelson construiu com a organização em que trabalha é caracterizada por Siqueira e Gomide Júnior (2004) como comprometimento organizacional afetivo, no qual ele se identifica com os objetivos da organização, dispõem-se a se esforçar e manter-se afiliado a ela, por aceitar, além de seus objetivos, seus valores, nos quais percebe reciprocidade e preocupação com o bem-estar dos funcionários.

Para Sarah e Zanoni, ambos médicos, a satisfação vem do reconhecimento de colegas e de pacientes, mas também das vidas trazidas ao mundo e das vidas salvas que são os principais motivos de gratificação em sua prática profissional. No entanto, ao mesmo tempo em que se gratificam com essa prática, passam por momentos dolorosos:

Cada vez que nascia uma criança através da cesárea ou de um parto normal, aquele choro, a alegria dos pais... É. Eu acho que é muito gratificante. Nada paga esse tipo de alegria que você vê nas pessoas, né. Como também às vezes você tinha que aprender a conviver com a morte, né. São situações bem diferentes, né.

Gratificante para ela também é ser lembrada pelo “Dia do Médico”, alegria proporcionada por uma amiga e por uma antiga professora: ... *Então ela [amiga] chegava todo ano com o bouquezinho de orquídeas dela, lembrando que o dia do médico existia... Outra que sempre liga no dia do médico foi minha professora no 4º ano. Ela lembra sempre e liga pro meu consultório.*

As situações frustrantes para Sarah se relacionam com as atitudes dos colegas. Ela fala das mágoas que ficaram por ver as portas dos hospitais fechadas quando ela e os irmãos venderam o próprio hospital. Diz que ajudou muitos médicos da região quando da chegada deles à cidade, mas que para ela não foi assim: *Depois que fechamos o hospital, os hospitais todos fecharam as portas para nós. Nenhum hospital me deixou atender. Quando chegavam médicos novos aqui, eu abria o hospital para eles começarem. Comigo ninguém fez o mesmo.*

Para Zanoni a frustração vem dos pacientes, que nem sempre reconhecem o que ele faz. Ele relata ter tido muitas situações gratificantes em sua vida de médico, mas parece inevitável relacioná-la com situações frustrantes:

Ah, têm muitas... E quantas vidas eu salvei, na sala de operação então, quantas vidas eu salvei quando trabalhava como anestesista... ? E quanta gente que eu salvei nesta vida, quanta gente que já ajudei, que trabalhei de graça sem receber nem “muito obrigado”... É. Tem mágoa? Não, o povo é ingrato mesmo, eu acho o povo ingrato, o povo só sabe pedir, os doentes só sabem pedir, mas não sabem dizer muito obrigado. Tinha um programa antigamente que se chamava “Obrigado doutor”, na Rádio Nacional. O doente quando reconhecia o trabalho do médico dizia “obrigado doutor”. Hoje em dia

não tem nem obrigado. Hoje em dia eles vão consultar no Posto de Saúde, dentro do consultório, saiu dali ele vai embora e não te olha mais na cara.

Também para Neide a gratificação vem do reconhecimento de alunos e colegas, como aconteceu quando foi escolhida para ser paraninfa ainda no início de sua carreira:

... Eram três turmas, mais de cem alunos, eu só não ganhei um voto. Todos votaram em mim e era o primeiro ano que eu estava dando aula ali. Mas esta não foi a única vez que Neide foi homenageada: ... isso continua que, eu tenho, anos seguidos, sempre, nome de turma. Outra situação também foi quando eu fui convidada pra trabalhar no Núcleo de Educação, né. É... esta foi uma situação gratificante dentro da carreira.

O gosto de elucidar, de explicar, de facilitar também lhe trouxeram gratificação. Ela lembra de quando uma colega entendeu o *Teorema de Pitágoras*, algo que em sua vida de estudante não havia conseguido: *... daí expliquei pra ela, né, como é que era, montei, fiz ela montar. Ela repetiu a oitava série por causa desse teorema, sua mãe contratou professor e ela entendeu só agora, comigo. Então são coisas, né que a gente fica feliz, né.*

À pergunta sobre uma situação frustrante, Neide pensa e responde: *Eu acho que não...* referindo-se a não lembrar de nenhuma. E volta a falar das situações que a gratificam, como a vez em que uma professora batizou a filha com seu nome quando esteve no Estado do Piauí pelo Programa de Alfabetização Solidária: *uma professora me homenageou, disse que ela nunca teve uma professora assim como eu e ela pôs o nome na filha, ela colocou meu nome...*

Também para Vera, o reconhecimento e o contato com as pessoas são motivos de gratificação: *...a conquista das pessoas né, dos fregueses que eles aprovaram, né, o trabalho da gente que gente faz né, do que a gente fez e vai fazer ainda, muita coisa boa pode acontecer.* Também os jantares para muitas pessoas lhe são motivo de gratificação: *Fiz vários pratos, vários almoços, até fiz por duas vezes, uma vez nós fizemos completo lá na FRICESP²⁰. Lá no Clube Concórdia, fizemos um jantar aqui na Associação da COPEL²¹, fizemos um almoço. Então a gente teve muitas situações gratificantes.*

A frustração para Vera não está relacionada com a profissão, mas com uma situação adversa na época em que completou 25 anos de casamento: *Ah... não gosto de lembrar meus 25*

²⁰ Feira Regional da Indústria, Comércio e Serviços Públicos.

²¹ Companhia Paranaense de Energia Elétrica.

anos de casada, porque nós estava flagelado, na época da enchente de 1983. Nós morava aqui, daí até ficamos ali no prédio da Faculdade o mês inteiro. E a gente lembra disso e dá uma tristeza... (Vera, 63 anos, cozinheira e bordadeira).

Ivo faz um prolongado silêncio ao ouvir a pergunta sobre uma situação gratificante de seu trabalho: *Não lembro de nenhuma situação.Olha, não tenho na idéia. Se tivesse uma coisa... não lembro uma coisa assim [gratificante].* Mas ser tratado com gritos é algo que atinge e causa reações violentas em Ivo e ele considera isso uma situação frustrante. Geralmente calmo, ele reagiu com exaltação ao relatar uma situação frustrante em sua vida profissional. Ele não gosta de ser tratado com gritos. Ao falar isso lembra de uma em vez que o patrão o acusou de roubo:

- Ivo... eu tô achando que você está me roubando... Eu dei risada dele, do patrão... O senhor tá comparando a mim com o senhor? Porque o senhor tá roubando de todo mundo nas caderneta, então tá achando que todo mundo é ladrão? [ri] Eu disse assim pra ele! A minha conta que eu forneci [comprei] não era essa e o senhor aumentou pra o dobro. Ele viu que era verdade e ó... [fazendo sinal de que o patrão se afastou]. Eu de bicicleta... posso roubar o quê seu?

De modo geral, as situações gratificantes relatados pelos participantes da pesquisa são decorrências que reportam ao que Bastos (2000, In: Siqueira e Gomide Júnior, 2004) define como comprometimento unilateral com a profissão, ou seja, comprometimento maior com a profissão do que com a organização propriamente dita. O comprometimento com a profissão nesse caso está intrinsecamente ligado com reconhecimento e trocas sociais (Siqueira e Gomide Júnior (2004), nas quais não existem regras explícitas que as normalizam, mas que deixam espaço para que cada parte envolvida avalie os benefícios e prejuízos ou frustrações que advém de uma relação social. Para os entrevistados as satisfações se sobrepõem às frustrações inevitáveis que marcaram, mas não abalaram suas vidas de trabalho, pois permanecem ativos e satisfeitos com suas ocupações e pretendem dar continuidade à vida de trabalho.

3.2. Hobby

	Ivo	Neide	Nelson	Sarah	Vera	Zanoni
Hobby	Música/museu	Pintura em	Fotografia	Jogo de	Grupo	Imagem e

porcelana	baralho	terceira	som
		idade/dança	
		folclórica	
		ucraniana	

Um aspecto que se destaca na vida dos entrevistados e é notadamente mediado pela gratificação é o que se pode chamar de segunda ocupação ou *hobby*. Cada participante com o seu *hobby* aponta a importância de outros meios de realização pessoal, além do trabalho diário. A relevância e o gosto com que se dedicam a essas atividades é percebida nos relatos alegres dos participantes da pesquisa que, mesmo gostando do trabalho que realizam, demonstram mais leveza nos gestos, mais alegria no tom de voz e maior fluência nas palavras quando falam de seus afazeres extra profissionais.

Alguns dos sujeitos falam dessas atividades não só com alegria, mas com solenidade, como é o caso de Ivo, que coleciona antiguidades e mantém, no porão de sua casa, um verdadeiro museu, o qual é conservado com zelo e perfeccionismo. Mas a música também o encanta e ele já se apresentou em um asilo de idosos com sua gaita de boca, alegrando e emocionando os presentes:

Até gaita de boca, olhe quando nós com o pai vinha aqui pra cidade vender carvão, tinha uma loja que vendia objetos de antiguidade, coisa bonita, até que eu entrei lá. Nunca fiquei sem gaitinha de boca. Agora eu tenho umas quatro ou cinco. Um dia fui até o asilo e lá toquei para os velhinhos. Até a irmã [responsável pelo asilo] dançou quando eu toquei [chora].

Quanto ao acervo de antiguidades, muitas são suas funções. Uma delas é o gosto pessoal:

Não tinha nada aqui antes, fui acumulando, fui trazendo... sempre quando eu tava como mecânico eu ia pra lá traz uma coisa e pra cá outra coisa, eu sempre via coisas que me interessava eu adquiria, colocava aqui. Aí eu comecei a renovar, a deixar bonito o que vale a pena...

Alguns objetos do acervo foram trocados com clientes, como é o caso de um aquecedor a gás que uma senhora levou para ele consertar. Ele achou que o aparelho era muito perigoso e a convenceu de não levar de volta:

Esse aquecedor, chegou pra consertar, por causa de um cano que já veio da fábrica meio, assim, frouxo. Eu nunca arrisquei acender, porque o bujão fica aqui dentro... E aqui existe vida. Aí, a mulher chegou aqui e eu expliquei: se a senhora quiser usar isso aqui a senhora arrisca ficar sem a casa e morrer todo mundo. A mulher disse ... Ivo, fica com ele! Aí consertei o fogão a gás dela sem cobrar, ficou em troca dele.

O museu de Ivo é conhecido na cidade e ele diz que até alunos das faculdades recorrem a ele quando querem apresentar objetos antigos em trabalhos escolares: *Olha, as pessoas pra poder pegar nota boa na faculdade pedem emprestado coisa antiguíssima. Não sei depois o que ele faz com o objeto lá, depois no outro dia me trazem de volta pra mim.*

Com o prazer que demonstra ter em seu trabalho não pareceria estranho se Neide se ocupasse somente dele, porém semanalmente deixa os cálculos e os materiais didáticos que tanto utiliza e se dedica à pintura e também ao bordado em ponto de cruz. Neide gosta de falar de suas pinturas e diz que essa atividade é sua distração e que nunca vendeu nada do que pinta:

Eu faço pintura em porcelana, mas é mais pra uma distração. Sabe? Mas, nunca vendi uma peça, não vendo porque eu faço aula ainda. Porque o forno é uma coisa que só a professora tem, né. Então eu já vou lá, um dia por semana eu pinto, já deixo no forno e, sabe... Outra coisa que gosto de fazer é bordado em ponto de cruz.

Além da pintura e do bordado, Neide faz conservas, sucos e doces com frutas da época. Essa atividade ela dedica aos filhos, netos, noras e amigos. Aproveita as férias de final e início de ano para se dedicar à confecção desses alimentos. Com isso recebe e presenteia as pessoas da família e do seu convívio mais próximo: *Eu fiz, do início do ano, suco de 400 Kg de uva pra eles, sabe? Eles levam o engradado cheinho de garrafas. Faço as geléias, faço tudo. Faço sempre pra eles, sabe?*

O prazer de Sarah é visível na expressão facial descontráida que revela quando fala de seus encontros com as amigas para jogar cartas toda semana. Mas seu desejo vai além. Ela afirma

que gostaria de jogar mais e que, se pudesse, faria parte de um clube, mas que isso é só para homens, como seu pai, que diariamente ia até o clube jogar com os amigos:

Ah, eu adoro jogar baralho, eu acho que se eu fosse homem eu não saía do Clube Concórdia. Eles faziam joguinho lá em casa, eu ficava acordada, nós tínhamos uma escada, onde eu ficava escondidinha olhando o pessoal jogando baralho, quando minha mãe chegava e fazia a gente correr pra dormir, mas eu adorava descer e ficar “peruando” assim, né, adorava jogar baralho, ver jogar baralho. Eu... se eu pudesse eu não saía do clube, por exemplo se eu morasse numa cidade maior, por exemplo em São Paulo que as mulheres tem aquele clube sírio-libanês, lá elas jogam.

Como ocorria em sua infância entre os adultos, semanalmente ela se reúne com um grupo de amigas para jogar e diz que não marca compromisso nenhum nesse dia para não atrapalhar seu jogo:

Eu tenho um grupo de senhoras que nós jogamos, toda semana às quartas-feiras. Cada vez é na casa de uma e é feito um lanche. Pra você ter idéia, eu sou a mais nova do grupo né, com 65 anos, quase. Quarta-feira é um dia sagrado pra mim. A gente começa às três e meia e vai até a meia noite. Daí joga a dois reais a partida, então fica a noite inteira, às vezes pra ganhar dois reais ou perder, só pelo prazer de confraternizar.

Além do jogo, o encontro inclui a culinária árabe apreciada pelas amigas e também um gosto para Sarah: *Quando o jogo é aqui em casa, eu já sei que tem que fazer quibe, tem que fazer esfíha, grão de bico, né, que elas gostam. Por sinal eu cozinho muito bem. Eu adoro cozinhar. As coisas que eu faço, faço bem. Principalmente comida árabe.*

Nelson, circunspecto, associa seus *hobbies* com as prerrogativas da idade ao dizer que ao ficar velho passa-se a tirar fotografias dos netos, das pessoas e que o jogo de loteria, no qual aposta semanalmente, também é “coisa de velhos”. É com prazer que ele fala dessa atividade e, já é tácito que, nos eventos familiares e da empresa, o fotógrafo é ele: *Eu gosto muito de tirar fotografia. Barbaridade, o que eu tiro de fotografia você nem imagina. Aqui em casa e lá na fábrica.*

Coincidentemente, Nelson mora em uma casa onde antigamente funcionava um estúdio fotográfico:

Essa casa aqui, era de outro fotógrafo, era do Foto Miguel. É. Aqui eu comprei em 1983, quando a minha casa anterior pegou água pra cima da janela. É. Ah, eu gosto muito, fotografia. Ah, é aquela velha história, dizem que quando a pessoa fica velha eles gosta de bater fotografia e cuidar dos netos. Deve ser, né? Cuidar dos netos, fazer jogo... Eu, por exemplo, não sei sair da fábrica sem ir lá fazer o jogo [loteria].

Os encontros com as amigas do grupo de terceira idade é a alegria da vida de Vera. Neles, as atividades são diversificadas e todas prazerosas. No entanto, a grande alegria nesses encontros é a dança folclórica. Ao falar da dança, Vera se transforma, se descontraí e revela vivacidade, leveza, orgulho. Sua vida mudou depois que entrou para o grupo de terceira idade e afirma que a dança melhorou sua saúde:

Ah, o meu divertimento é o nosso folclore. A parte de dança e temos o nosso encontro da terceira idade nas terças-feiras. Esse é sagrado. Temos palestra, com uma irmã que faz uma parte espiritual, né. Aí a gente joga bingo, conta caso, piada [ri] e dá risada e assim a gente passa a tarde. Já participo há... acho que já faz cinco anos.

Mesmo exigindo ensaios constantes, a dança significa descontração:

A dança exige bastante da gente, tem ensaios semanais e até diários? Nunca tinha dançado antes, somente em bailes, casamentos, a gente dançou bastante, né. Para mim a dança significa esquecer da vida [ri]. Esquecer das preocupações, das coisas mais pesadas, que lá [na dança] você não tem tempo de pensar em nada [ri]. É só se divertir, se concentrar bem nas coisas.

Vera, com essa afirmação revela o que Todaro e Jacob Filho (in Diogo, Neri & Cachioni, 2004) ao citar Feldenkrais (1984) lembram, ou seja, o fato da qualidade de vida estar relacionado com a qualidade dos movimentos corporais e que as mudanças na percepção cinestésica e na auto-imagem proporcionam mudanças em outras dimensões da vida humana.

Pioneiro, o grupo de Vera se apresentou na televisão, ocasião especial e motivo de satisfação para ela e todas as participantes:

Um momento especial foi quando nós fomos gravar em Curitiba, na PUC²². Foi muito lindo, muito... como é que se diz, caloroso. A gente se sentiu importante porque nós somos os primeiros que fizemos essa gravação. Batalhamos muito com isso, que é uma coisa que exige muita, muita informação, um currículo completo. Nós mandamos fitas nossas para eles verem. Foi muito gratificante pra nós. Foi a melhor coisa que nós fizemos... Nós ficamos muito orgulhosas, então [ri]. Vamos continuar lutando pra frente ainda, nós ainda queremos mais. [ri] .

Vera, que nunca tinha dançado como agora, com seu entusiasmo e planos de melhorar a performance, juntamente com as demais participantes do grupo de danças, desmente um dos mitos do envelhecimento descritos por Novaes (1996), o mito da inutilidade do viver, que contrasta com o desejo e a necessidade do velho de descobrir e desenvolver novas potencialidades e contribuir com a comunidade.

O bordado é fonte de remuneração, mas também permeia as atividades de lazer às quais se dedica, juntamente com grupos folclóricos de outras gerações e de outras cidades: *Estou bordando essa blusa para a apresentação em Prudentópolis. Vai ter vários grupos participando. E que vai ter aí em novembro também eles vão fazer o festival de dança na cidade vizinha.*

A centralidade no trabalho (Mourão e Andrade, 2000) está acompanhada de perto pelo lazer, pois tão interessante e tão importante quanto o trabalho para Zanoni é o seu *hobby*. Seu interesse é diversificado: música, teatro – como escritor e ator, tendo sido até premiado nessa atividade:

Eu já trabalhei em teatro, já escrevi peça de teatro, ainda em Curitiba. Tem até prêmios que eu recebi naquela ocasião. Em Curitiba eu “pintei e bordei”, fiz muita coisa. Eu admiro muito o teatro ainda, a música clássica, mas não me fale em rock, não me fale em música americana que vai brigar comigo, eu nunca gostei de música americana, o refrão inglês pra mim... não serve.

Nos últimos anos, limitou sua atividade extra profissional ao estúdio de imagem e som que montou em sua residência. A expressão de Zanoni ao falar de seu *hobby* é de realização e

²² Pontifícia Universidade Católica.

gosto, por uma atividade que é cultivada com requintada dedicação, visível desde a catalogação e ordem do acervo de imagem e som até o local diferenciado que o estúdio ocupa no espaço onde mora, ou seja, no andar superior, isolado do resto da casa, onde passa seu tempo quando não está trabalhando:

Sempre tive meu hobby... Sábado, domingo, feriado, de madrugada... Eu sou doído por som, por fotografia, por filmagem, basta dizer que na enchente perdi uma média de 12 a 15 álbuns de fotografia e de slides, 50% da aparelhagem que eu tinha. Perdi devido à umidade. Depois eu mudei pra cá e trouxe o que sobrou e montei e o meu hobby é filmagem, é montagem de filmes. Mas eu só faço pra me distrair. Toda vez que minha filhinha vai dançar, lá vou eu filmar porque a mãe quer. As festas eu filmo, tenho tudo filmado, monto os filmes. Eu gravo de fita cassete. Então esse é meu hobby.

Trabalho realizado pela equipe MOW²³ e mencionado por Mourão e Andrade (2000), relata resultado de pesquisa em que os entrevistados indicam em escalas ordinais de importância cinco esferas da vida, ou seja, trabalho, família, lazer, religião e comunidade. Os sujeitos da presente pesquisa revelam em seus relatos a importância atribuída às suas ocupações de lazer em diferentes graduações em relação à esfera do trabalho, mas relacionam sua satisfação com a vida em um tripé invariável: trabalho, família, lazer. O lazer tem características específicas que envolvem ocupação não obrigatória, livremente escolhida, com valores que contém elementos de recuperação psicossomática, de desenvolvimento pessoal e social (Parker, 1976). Essas características são mencionadas ao longo dos relatos dos entrevistados como fazendo parte de suas vidas na prática de seus hobbies. Vera fala claramente de sua melhora em termos de saúde depois que começou a dançar. Sua alegria ao referir os ensaios de dança a ilumina. Em ocupação semelhante à de Vera, ou seja, participante de um grupo de terceira idade, Ivo relata seu contato social com os demais participantes, fato verificado também nos encontros para os jogos de cartas das quartas-feiras de Sarah, dos quais ela fala com visível prazer.

Ivo e Zanoni tratam seus hobbies com solenidade e orgulho e não poupam tempo para dedicarem-se a eles. Alguns dos muitos objetos que eles guardam em seus museus refletem o que Morin (in BOSI, 2004) denomina “objetos biográficos, que envelhecem com aquele que os possui e representam uma experiência vivida, uma aventura afetiva na vida do morador”,

²³ Meaning of working international research team.

como a bicicleta, ainda reluzente, com que Ivo competiu na mocidade e da qual não se separa e ocupa lugar de destaque em seu “museu”. Mas existem também os objetos de status, como o quepe e o álbum de fotografias de Zanoni, colocados também em lugar de destaque, ação designada pela autora como *visada intencional*, ou seja, a mostra desses objetos tem a intenção de exibir a distinção, a superioridade de seu dono. Outro autor, Mauss, citado por Bosi (2004), se refere à natureza espiritual que alguns objetos adquirem na história das pessoas. São propriedades sagradas que não se vendem e não se doam, como os fogões, as máquinas de costura e os abajures enfileirados do acervo de Ivo, aos quais o tempo acresce valor. Nessa categoria também podem ser incluídos os móveis da sala de jantar da casa de Sarah, que pertenceram à sua mãe e os de Nelson, dos quais ele fala com orgulho e carinho que são feitos com madeiras que ele mesmo serrou.

Todaro e Jacob Filho (in DIOGO, NERI & CACHIONI, 2004), citam Neri (1995) lembrando que a velhice pode ser favorecida por oportunidades educacionais e pela participação em ambientes favoráveis e freqüência em atividades de lazer, como ocorre com Vera e Ivo nos grupos de terceira idade e também para Sarah, com seu grupo de jogos, como também pelo desenvolvimento de novas habilidades artísticas, verificadas em Neide e Vera, além de atividades físicas, às quais, novamente Vera se dedica.

Insuspeitos, os hobbies dos sujeitos entrevistados causaram surpresa e admiração tal o envolvimento que cada um deles tem com sua ocupação de lazer. Perplexidade indevida, talvez, pois os participantes marcam por sua qualidade de vida, em sua dimensão de independência, com boas condições de saúde e de autocuidado, que mantém seu estilo de vida e têm diante de si opções alternativas de vida (TORRES, SÉ, QUEROZ, in: DIOGO, NERI & CACHIONI, 2004).

As atividades extras às quais os entrevistados se dedicam evidentemente são expressões de suas personalidades. Essas expressões crescem vivacidade e distinção em suas maneiras de ser para si mesmos e para as comunidades em que vivem, como é o caso de Ivo, Nelson e Vera. Ivo com seu acervo de antiguidades utilizados por acadêmicos de cursos superiores e pelos colegas, funcionários e familiares de Nelson em suas atividades festivas e comemorativas para as quais solicitam seus préstimos de fotógrafo. Vera empresta sua graça e alegria para o grupo de danças ucranianas, o qual se apresenta em sua cidade e em comunidades vizinhas.

A maneira como os sujeitos entrevistados vivem seus dias, suas vidas, com atividades que permeiam a vida pessoal, familiar e profissional demonstram uma forma plena e integrada

de viver aos interessados em descobrir o que fazer com o tempo a mais de existência conquistado pelos velhos do século XXI, no qual, sabe-se pelas tendências demográficas, uma nova vida começa quando antes muitas terminavam. Eles participam da construção da realidade de sua geração com a marca da vida ativa, na qual, não só o trabalho, mas outras ocupações são parte de seus cotidiano e contribuem com a ludicidade, com o prazer de utilizarem seu tempo com atividades que os gratificam e realizam.

3.3. Trabalho na família de origem – mediações e ditos familiares sobre trabalho

Trabalho na família de origem

Ocupação	Ivo	Neide	Nelson	Sarah	Vera	Zanoni
Pai	Agricultura/ confeção de carvão	Sapateiro e comerciante	Contabilista Industrial	Sapateiro e Comerciante	Torneiro e ferroviário	Mecânico, serralheiro e carpinteiro
Tios paternos	Não tem informações	Professora	Comerciantes	Não tem informações	Agricultura	Func. de empresas privadas e públicas.
Mãe	Agricultora	Auxiliar sapatária do marido	Do lar	Comerciante/ do lar	Agricultura/ do lar	Do lar
Tios maternos	Agricultura	Agricultura	Comerciantes	Militar (tio); do lar (tias)	Agricultura	Agricultura
Irmãos	Pintor (irmão); costureira (irmã); dos outros irmãos não tem informações	Advogado (irmão); bancários (dois irmãos); do lar (irmãs)	Industriário/co merciante (irmão); Não menciona atividade profissional das irmãs)	Médicos(3 irmãos); advogada(irmã gêmea); professora de piano(irmã); comerciantes (irmão e irmã)	Ferroviário (irmão); funcionário madeireira (irmão); motorista (irmão); doméstica (irmã); do lar (irmã)	Func. de empresas privadas e públicas.

O quadro demonstra o trabalho na família de origem dos entrevistados, que é constituído de ocupações que exigiram diferentes níveis de qualificações. Com exceção de Nelson e Sarah, todos os outros vieram de famílias em que a atividade principal era a agricultura, ou por parte do pai ou por parte da mãe, como Neide, descendente de imigrantes italianos, que diz que seus familiares maternos eram “colonos”²⁴: ... *mais colono, sabe, na lavoura. Eram italianos, né?. O*

²⁴ Referência regional aos trabalhadores rurais.

pai de Nelson era madeireiro e contador: *meu pai tinha serraria, e também exerceu a profissão de contador.*

Os pais de Neide e de Sarah tiveram ocupações semelhantes, sendo que ambos confeccionavam sapatos e eram auxiliados pelas esposas. Diz Neide: *meu pai foi sapateiro. Ele tinha sapataria aqui na cidade. Meu pai tinha uma loja grande e ele fazia calçados, sabe?* E Sarah comenta: *o meu pai veio aqui pro Brasil ele era sapateiro.* Para ambas, a atividade de suas mães foi qualificada como de “ajudantes” dos pais e não como uma ocupação delas em si mesmas: *... quando o meu pai era vivo e fazia os calçados, era minha mãe que costurava os calçados, mas depois que o papai faleceu ela não fez mais ... aí ela só era doméstica, né. Nós éramos muito pequenos e ela não sabia lidar com as coisas, ir em banco, essas coisas. E daí ela vendeu tudo.* Sarah expressa sua admiração pelas atividades da mãe, mas também a considera ajudante do pai:

A minha mãe... é interessante! Ela veio aqui pro Brasil, meu pai veio pra cá em 1923... e ela veio mais tarde. Casaram em 1927, daí ajudando meu pai no serviço. Meu pai cortava os sapatos e minha mãe costurava né. A minha mãe é uma pessoa sábia, sabe, não tinha escolaridade nenhuma, a minha mãe aprendeu ler e escrever, fazia contas de cabeça. Eu ficava impressionada com ela... cuidando dos filhos, parindo os filhos, cuidando da loja, né... Trabalhando junto com o meu pai, né...

Também Ivo vê o trabalho da mãe de forma diferente de como vê o trabalho do pai. Como Nelson, ele menciona a nacionalidade da mãe ao falar de sua ocupação. Ivo diz que ela nunca teve profissão: *ela não tinha profissão. Ela veio da Polônia e casou nova. Toda vida trabalhou na lavoura. Toda a família trabalhou na roça.* Os afazeres domésticos da mãe não são mencionados e ele diz que o trabalho dela era na roça, junto com a família. Nelson entende a ocupação da mãe como trabalho e fala com orgulho: *... ela que queria fazer tudo. Se vinha empregada fazer o serviço em casa, quando a empregada chegava, ela já tinha feito tudo pra não deixar a empregada fazer... Era daquelas que levava a roupa toda para o fundo do quintal pra ferver ainda. Era fabulosa! Ela veio com quinze anos da Alemanha.* Ao contrário de Nelson, Zanoni desqualifica o trabalho da mãe: *coitada da minha mãe. Era uma polaquinha analfabeta, coitada... só cuidava de lavar roupa e fazer comida.*

Quanto ao trabalho dos familiares dos pais, as atividades aparecem mais diversificadas no caso dos familiares paternos. Sarah, Ivo e Nelson não tem informações sobre as atividades na família paterna. Sarah diz: *não sei muito sobre o que eles faziam... meu avô era padre ortodoxo,*

né, porque lá [no Líbano] eles casam, os padres ortodoxos, eu acho que era operário, num sei assim detalhes maiores e... comerciante. Para Ivo não é possível falar sobre a atividade profissional da família do pai, como é difícil falar de outros aspectos de sua vida, por distanciamento que o próprio pai impôs: *Se fosse da parte da mãe eu falava... todos eram da lavoura, mas na parte do pai, ele não respondia, não contava nada por própria conta, nada...* Nelson fala do trabalho do pai, mas não sabe das atividades de seus familiares: *O papai foi o único que veio pro sul. Ele exerceu a profissão de contador e já tinha serraria.* O pai de Neide tem apenas uma irmã e sua profissão era o magistério: *Ah, eu só tinha... o meu pai só tinha uma irmã que era professora também.* Os familiares paternos de Zanoni trabalhavam, mas não tinham formação técnica e nem profissão definida, como ele enfatiza: *Não existia atividade principal, não. Todo mundo era... ou era funcionário público ou era empregado de alguma indústria ou oficina. Profissão mesmo ninguém tinha não, profissão determinada, com formação técnica, não, não tinha ninguém, não.*

No caso dos familiares maternos surge novamente a agricultura como a principal atividade nas famílias dos sujeitos da pesquisa. *Todos eram da lavoura na família da mãe, uns primos, alguns foram embora pra Curitiba, não sei o que fazer.* Descendente de família de imigrantes sírio-libaneses Sarah conta: *Da minha mãe, eu sei que ela tem um irmão que era militar lá na Síria e o resto mulheres casadas, viravam dona de casa, né, eram serviçais porque a mulher árabe é muito submissa né, criadas neste sistema.* Também na família materna de Zanoni a atividade profissional era a lavoura: *Eram do interior, colono, a lavoura. Colono de interior, ninguém tinha diploma de coisa nenhuma, nem estudo não tinham. Sabiam tocar a carroça, só.* A família da mãe de Vera morava em cidade vizinha à qual ela hoje reside e dedicava-se à lavoura: *eles eram de Mallet, né. O pessoal da família trabalhava na lavoura.*

Nas famílias das mães de Nelson e Sarah as ocupações profissionais diferem dos demais entrevistados. No caso de Sarah, os parentes eram militares. Nelson não tem informações precisas sobre a história de trabalho da família de sua mãe. O que sabe é que vieram da Alemanha e trabalhavam no comércio: *quando vieram da Alemanha, a atividade principal era comércio.*

Os pais de todos os entrevistados dedicaram-se a mais de uma ocupação, sendo elas predominantemente de natureza manual, como agricultura, confecção de sapatos, tornearia, mecânica, serralheria, carpintaria.

Os pais de Ivo dedicaram-se à agricultura e à confecção de carvão para ferros de passar roupa e também para a locomoção de vapores. Ivo não se reporta aos familiares paternos, apenas

comenta sobre o que o pai fazia, sendo que o ajudava na produção e também no transporte do que produziam da colônia para a cidade: *Eu e meu pai fazia carroçada de aipim e aqui era leitaria. Ali tinha só a lavoura... [ao] mesmo tempo nós fazia carvão pros alfaiates daqui da cidade. Então eu e meu pai... cada semana nós trazia carregado carvão de ferro*²⁵. (Ivo, 82 anos, reparador de fogões). O pai de Vera exercia duas profissões: *Meu pai era torneiro, daqueles antigos da Rede Ferroviária. Ele era ferroviário, mas torneiro, né.* (Vera, 63 anos, cozinheira e bordadeira). O pai de Zanoni era mecânico de máquinas pesadas, mas também serralheiro e carpinteiro. Ele fala abertamente da condição do pai: *meu pai era semi-analfabeto, coitado. Ele trabalhava como técnico de máquinas de carpintaria, de serrarias, consertava as máquinas de indústrias em geral, era mecânico de máquinas pesadas.*

Entre as características e os ditos de família a respeito do trabalho quatro aspectos distintos foram evidenciados nos relatos dos sujeitos entrevistados. Um aspecto se refere a esses ditos como algo que a família comentava naturalmente, mas com conotação prescritiva, como no caso de Nelson e Neide, mesmo havendo a restrição de trabalho fora de casa para as mulheres. Nelson teve um desenrolar de vida que pode ser chamado de tradicional para seu padrão sócio-econômico e da época, seguindo o modelo que a família lhe indicou. Ele teve seu tempo de estudo bem delimitado e, quando jovem, saiu de sua cidade para estudar em colégios particulares em centros maiores. Seu ingresso no mundo do trabalho ocorreu, aparentemente sem questionamentos, aceitando como condição natural seguir os passos já traçados pelo pai na empresa, só saindo dali quando esta foi vendida. Mesmo assim continuou em outra empresa, com o mesmo tipo de atividade. Nelson não parece ter escolhido o trabalho a que se dedicou. De uma forma mais suave, mas não menos pregnante do que o ocorrido com Ivo ele foi absorvido pela atividade profissional do pai e nela permanece por mais de sessenta anos. Em sua família, ditos de trabalho e ação se misturam, principalmente no que se refere à mãe. Ele ouvia falar sobre trabalho e o via o acontecendo no cotidiano familiar de modo fluente, mas com tom de prescrição. Assim, Nelson entende que ditos e exemplos de trabalho na família estão interligados: *Minha mãe era dedicada ao lar. Ao marido e aos filhos, isso era inegável. Mas, trabalho, ah, tinha que trabalhar, tinha que trabalhar, tinha que saber do resultado, tinha que ter resultado para seguir, ser seqüência na vida, né?* Sua escolha não foi percebida como algo permeado pela mediação familiar, mas como decorrência de uma seqüência natural, pois na vida todos têm que

²⁵ Ferro de passar com tampa móvel, aquecido com carvão aceso para o aquecimento da chapa que alisa a roupa.

trabalhar: *é... aquilo foi uma coisa muito normal, é... hoje pode ser que tenha uma influência, uma influência maior, mas naquele tempo... foi uma seqüência, né?. Se você... se você... se falta algo existe um caminho pra você poder seguir pra resolver ou não, ou sim ou não, né. Mas, não houve assim, a influência... a influência é que naquele tempo todo mundo trabalhava, não é? Trabalhava e tinha que trabalhar.*

O terceiro aspecto era o trabalho, do qual se falava e incentivava declaradamente, seja para incentivar ou para proibir, situação ocorrida com Neide, que se enquadra também no quarto aspecto, o da restrição quanto a trabalhar fora do ambiente doméstico, com a exceção da profissão de professora, que era permitida às mulheres.

A situação de restrição ao trabalho fora do âmbito doméstico vivenciado por Neide retrata fielmente as palavras de Rago (in Del Priore, 2001) quando afirma que a hostilidade ao trabalho feminino fora do lar começava dentro da família. O que os pais queriam para suas filhas é que conseguissem um bom casamento, que lhes assegurasse o futuro. A mesma autora corrobora as palavras de Neide quanto à permissão apenas para a profissão de professora às mulheres por volta do ano de 1920: “... temos um grande número de mulheres que trabalham. Os pais já deixam as filhas serem professoras.” (pg. 586).

Na família de Sarah os ditos sobre trabalho eram muito claros, mas talvez eles nem fossem necessários, uma vez que o labor era intenso em seu meio familiar, seja no âmbito doméstico, seja na loja de confecções e calçados conduzida pela mãe. Sarah tem clareza de que seguiu um rumo em sua vida que não era o comum entre as mulheres de sua época e atribui isso também à sua mãe que a incentivou em seus estudos: *Minha mãe disse: - Filha, eu trabalho pra vocês estudarem. Tanto é que quando saiu o resultado do vestibular eu disse: - Oh, mãe, passei! E ela respondeu: - Filha, eu só estou trabalhando pra você estudar. Então realmente é... é o que ela fazia, é o trabalho, né. Então nunca queixou, sempre trabalhou.*

Sobre o trabalho sua mãe disse:

Não adianta eu deixar bens pra vocês se vocês não souberem tocar, né... Trabalho é tudo na vida, né. Então a gente sempre tinha no trabalho uma coisa gratificante, que dignifica o ser humano, o trabalho. Se você não conseguir achar o teu rumo na vida através do trabalho, não adianta, né, tocar sua vida. Então, o que a gente via em casa era o trabalho, trabalho...

A pregnância da vida laborativa na formação de Sarah é notada tanto no período anterior ao seu ingresso formal na vida profissional, como no pós-aposentadoria, etapa em que se dedica à política e ao consultório de maneira intensa e engajada.

Como na família de Nelson, a atividade profissional na casa de Sarah era referida como sendo do pai, mas os relatos de ambos mencionam predominantemente a mãe:

A gente ia pra escola, voltava e a mãe ainda na loja, então o trabalho fazia parte do dia-a-dia e a gente participava dessa atividade, se criou dentro da loja trabalhando... ... porque a gente chegava ia fazer a lição, porque a mãe nunca mandou a gente fazer a lição, a gente fazia, sabia que a obrigação era essa. Chegava punha a matéria em dia, no ginásio, no primário, ginásio, depois da escola normal e ia pra loja trabalhar. Então, dentro da loja você fazia as coisas que a mãe fazia ou dava uma folga pra ela descansar um pouco.

Em outro momento o mesmo fato se verifica. Sarah não se refere ao pai na loja, mas fala de sua vida social, no clube da cidade, dos jogos de cartas que ela também absorveu e pratica com as amigas semanalmente: *Meu pai trabalhava até o começo da tarde e depois ia para o clube, jogar com os amigos.*

De maneira semelhante, em seu relato, Nelson menciona superficialmente o pai falando de trabalho. Sobre as atividades do mesmo, ele enfatiza o aspecto social, a vida no clube, a fundação do clube, mas não exatamente suas atividades profissionais: *Papai sempre teve bom princípio de trabalho, ele trabalhou bastante, teve seus bons momentos na vida... alegre, tranqüilo, social, mas trabalhava. A coisa não... não choca com a outra.*

Nelson refere-se à vida social do pai como um aspecto que o marcou tanto ou mais do que o exemplo profissional do mesmo. Ele o justifica quando diz que mesmo tendo vida social intensa o pai não se incompatibiliza com a vida de trabalho. No entanto ele segue o modelo de dedicação ao trabalho observado no comportamento da mãe. Menciona as atividades do pai, mas enfatiza a dedicação da mãe que trabalhava durante o dia todo e não tinha vida social ou divertimentos significativos ao ponto de serem mencionados. Esse aspecto parece tê-lo marcado de modo peculiar, uma vez que, não costumava tirar férias até poucos anos atrás, separando claramente quem descansava e quem trabalhava em sua família. O período de férias era para a

esposa e para os filhos, juntamente com as famílias de outros funcionários da empresa. Ele os levava para as viagens, mas voltava para o trabalho, somente buscando-os no final das férias.

A “vocação” de Sarah é o trabalho, pois é pessoa atenta, curiosa, ágil a quem tudo diz respeito, a quem tudo interessa. Sendo assim, talvez não seja indevido inferir que, mesmo optando por estudar e formar-se em medicina, ela poderia ter se direcionado a outras profissões, com igual desenvoltura. Ela começou o curso de farmácia, gostava do comércio, formal e informal, transcrevia a matéria para os colegas, mas não desistiu da medicina, mesmo dizendo que não se frustraria no comércio e gostava de farmácia. Se Sarah não tivesse incentivo ou condições culturais e financeiras para a formação acadêmica, provavelmente teria tido o mesmo sucesso naquilo que lhe calhasse, pois, como Neide em relação ao raciocínio matemático, seu encantamento é com a vida e com suas possibilidades de participação profissional, social e política. Ela reconhece a presença da mãe nos rumos de sua vida, uma vez que esta não dava importância à imposição do casamento e da vida doméstica para as mulheres. Mesmo ela sendo de origem árabe, cuja tradição de austeridade na condução do destino das mulheres é prenhe, a mãe não sobrepôs os costumes à vocação da filha para o trabalho:

Mulher, pra sair estudar fora, era um problema. Eu me formei em 1957 e, naquela época, nós tínhamos que fazer escola normal porque toda mulher tinha que ser professora primeiro, né. Mas, a minha mãe nunca teve problema. Quando falei que gostaria de fazer medicina e só tinha em Curitiba, ela disse: - Filha eu tô aí trabalhando só pra vocês estudarem, né. Por isso que eu acho que minha mãe é especial, por ter vindo de lá [Síria] e a cultura do árabe é muito rigorosa, né, ... tinha que casar porque eles queriam. A cabeça da minha mãe era outra ... porque, a época, a origem, né, quer dizer, não fizeram dela uma pessoa fechada e ela incentivava o estudo.

A admiração e o reconhecimento de Sarah pela mãe são revelados mais uma vez. Para ela, se a mãe insistisse na educação tradicional de sua cultura ou se deixasse influenciar pelo exemplo de pessoas da vizinhança, também libanesas, seu rumo poderia ter sido diferente: *...se a minha mãe insistisse... eu tenho de exemplo os vizinhos da frente. Todos foram professores e..., porque os pais tinham uma cabeça muito pequena, eu acho que talvez se elas tivessem chance elas teriam feito outra coisa, né.*

O relato de Neide se assemelha ao de Sarah quanto ao direcionamento doméstico na vida das mulheres de sua época. Em sua casa, seus familiares falavam que o trabalho era uma necessidade. No entanto diferenciavam atividades masculinas de femininas. Diziam: *Pra poder*

viver tinha que trabalhar. Mas, naquela época, moça não trabalhava assim. Moça era em casa, né. Então, o que ainda alguma moça trabalhava era ser professora. Tinha que trabalhar, né, tinha que arrumar um trabalho.

No caso de Neide, os ditos familiares parecem ter possibilitado a construção de uma postura pessoal contrária em relação ao trabalho, pois sua determinação em estudar e dar início à sua carreira profissional foi levada adiante com sucesso. Pelo gosto de sua mãe e pelos costumes da época, ela não teria saído de casa. Sobre isso ela diz:

Ao contrário. Como eu disse, até apanhava pra parar de estudar. Com quinze anos eu comecei namorar. Eu já tinha feito um ano de magistério... e a minha mãe não deixou mais eu ir. Tinha que casar. Quando voltei a estudar eu contei pra ela em um dia em que a visitei, mas já no portão e corri pra rua, porque senão eu apanhava, mesmo depois de casada... porque... onde é que se viu? Mulher não era pra isso, né.

Por outro lado, Neide diz que a mãe que verbalmente a desencorajava, na prática a ajudava nas tarefas escolares:

Minha mãe teve um mês de aula no mato, sabe? Só que ela tinha uma cabeça muito boa. Às vezes a gente tinha aqueles problemas de matemática da oitava série, né, e a gente lia o problema para a mãe e ela não sabia, lógico, montar a operação, mas ela resolvia e te dava a resposta.

A contrário da mãe que proibia, sua tia paterna e incentivou: *Ela era uma incentivadora minha, sabe? Quando eu disse que queria fazer a faculdade, ela me abraçou, ela me beijou e falou: - O que você precisar eu te ajudo. Essa tia, nossa, ela ficou super feliz, meu Deus do céu.*

O incentivo para dar continuidade aos estudos veio também pela compreensão e cumplicidade do marido: *meu marido era uma pessoa muito boa, né, ele colaborava muito, né, então... ele incentivava, ajudava em tudo, no estudo... tudo, sabe? Ele foi muito, muito bom. Então, assim, graças a Deus, né...eu me formei.*

Aparentemente Neide desenvolveu interesse pela matemática também por meio de determinadas observações no funcionamento e nas formas de mediação materna em seu ambiente familiar. Por ignorância, segundo ela, a mãe, praticava uma divisão injusta de alimentos entre os filhos em favor da irmã caçula: *...assim eu me lembro, se tivesse um doce era pra mais nova*

porque ela era menor, tudo que tivesse de melhor, né, se tivesse um bife em casa, era dela, porque ela que era a pequena, né. Nós só olhávamos, né. Ao estudar Psicologia no Magistério, Neide encontrou argumentos para fundamentar sua reivindicação de justiça junto à mãe: depois, eu tive psicologia na escola e expliquei para a mãe que aquilo estava errado, pois tudo tinha que ser dividido em partes iguais entre todos os irmãos. Ela entendeu e passou a fazer uma divisão justa.

Uma outra variação em relação aos ditos de trabalho na família dos sujeitos da pesquisa é da ausência de comentários sobre o trabalho, em famílias nas quais os membros meramente trabalhavam, como se não houvesse percepção, distanciamento entre as dimensões falar e fazer o trabalho, como ocorreu com Ivo e Zanoni. Este foi em busca de sua colocação no trabalho e, para isso, diz não ter sido ajudado pela família e por ninguém. Ainda criança, ele teve que trabalhar para ajudar nas despesas de alimentação em casa. De natureza intrépida e independente Zanoni deu início à construção de sua vida profissional por si mesmo:

Tudo o que eu fiz foi porque eu quis e eu decidi. Ninguém me aconselhou nem nada, não. Ih... já vivia de empregado e tudo o que eu fiz foi porque eu quis, foi porque eu desejei. Porque eu tinha esperança que amanhã eu ia vencer, então de tropeço em tropeço eu ia subindo, fui subindo, eu comecei como aprendiz lá de carpintaria e marcenaria sem ninguém me ajudar.

De família de nível sócio econômico e de escolaridade baixa, Zanoni saiu cedo de casa e foi o único filho que estudou, mas diz que em sua casa não se falava sobre trabalho. Contudo, o pai gostava de que ele estivesse estudando e trabalhando: *ninguém opinava. Meu pai cuidava das oficinas, não opinava em nada, mas ficava feliz de eu estar estudando e aprendendo, mas não dizia: você vai ser isso, vai ser aquilo. Não tinham tempo pra comentar, porque eu não vivi em contato com a família. Eu sempre vivi fora.* Ele diz que seu incentivo foram as dificuldades: *O fracasso é que me empurra pra frente, é o que faz os degraus da escada que eu subo na vida e que me dá ânimo pra levantar pra trabalhar. Quanto mais fracassos, mais eu trabalho. É bom não me elogiar muito porque se começar a me elogiar muito eu fico vadio logo e daí paro de trabalhar.*

Zanoni refere-se ao não incentivo aos seus ideais por parte da família com um misto de mágoa e orgulho. A possível mágoa ele transformou em motivo para buscar seus objetivos, como

deixa explícito ao dizer que se sente “empurrado para frente” ao se perceber fracassado ou desestimulado.

Para Vera os comentários que ouvia sobre o trabalho remetiam ao cansaço e à dificuldade, mas as crianças não opinavam: *O que a gente escutava era que vinham pra casa cansados, um se queixava daqui, outro se queixava dali, né? Era criança, era pequena e ficava só naquela da escuta, né. Era uma coisa difícil, um trabalho que era cansativo, né.*

No entanto, ela ouvia também que sem trabalho a vida não tem graça:

Você deve trabalhar, porque se você não trabalhar a vida não tem graça, né. Mesmo sendo cansativo, puxado, o trabalho... sempre em primeiro lugar. Ainda se pudesse e tivesse saúde, né, o trabalho sempre em primeiro lugar e nunca diziam que o trabalho matasse alguém ou deixasse... defeituoso, né, o trabalho sempre era comentado.

As mediações que a levaram à escolha da atividade atual vieram da observação e participação ativa na vida familiar e regional, pois sua prática profissional está ligada aos costumes domésticos entre os quais ela se criou. Quando decidiu dar início à comercialização do que já fazia no âmbito doméstico recebeu incentivo para prosseguir:

Então quando eu comecei a fazer, me incentivaram, porque achavam que eu gostava do que eu queria fazer. Então eu sempre tive apoio. Me deram força, né e... Tanto ainda que dão porque quando eu preciso de alguma coisa aqui eu não tenho saído, mas meu marido sempre traz pra casa.

Vera, contemporânea de Neide e Sarah, não sofreu restrições quanto a realizar atividade remunerada. É necessário observar que ela não forçou nenhum dos padrões sociais e históricos citados por aquelas, provavelmente por algumas razões a serem consideradas. Uma dessas razões é que sua opção aconteceu quando seus deveres com a família, papel primordial das mulheres contemporâneas suas, já estavam cumpridos, ou seja, depois de ver os filhos crescidos e trabalhando ou morando fora de casa. Outra razão são as próprias atividades, culinária e bordado, reconhecidas e aceitas como pertencentes ao universo das atividades consideradas femininas. Uma terceira razão se refere à realização desta atividade ser compatível com o recinto doméstico, utilizando o mesmo espaço reservado à família. E, uma quarta razão relaciona-se com o período histórico em que se deu sua incursão no mundo do

trabalho, ou seja, numa época em que mulheres trabalhando e providenciando seu próprio rendimento não mais é considerado um desajuste aos padrões sócio-culturais vigentes como ocorria no tempo em que Neide e Sarah começaram sua vida profissional. Esses fatores lhe possibilitaram realizar atividade remunerada sem necessitar abrir um espaço de inserção profissional. O espaço, o lugar de trabalho já era seu. O que mudou foi a categoria da atividade que, de não remunerada passou a ser remunerada e do âmbito doméstico para o âmbito da comunidade.

As mediações familiares e regionais, diretas ou indiretas que levaram os participantes da pesquisa à sua inserção no mundo do trabalho reportam às postulações de Vigotski, sobre a constituição do sujeito. Segundo elas, o indivíduo se constitui num contexto histórico e social por intermédio de relações que o levam a se apropriar ou internalizar os significados do meio, que interagem com sua subjetividade, construindo assim sua identidade. O indivíduo, por sua vez, interage com o meio e também o constrói, ao mesmo tempo em que é constituído por ele, num processo constante de objetivação/subjetivação. Dessa forma, o modo intenso como o trabalho era significado e vivenciado nas famílias dos entrevistados está visível em suas vidas e em seus relatos de maneira marcante e com as peculiaridades que fizeram dessa construção uma miríade de interfaces que revelam aspectos pessoais, familiares, étnicos, regionais, históricos e sociais, que mediarão suas formas de vivenciarem seus trabalhos.

3.4. Atividade Profissional dos filhos

	Ivo	Neide	Nelson	Sarah	Vera	Zanoni
Filho	Foto aérea	Bancário	-	-	Administração de empresas; marcenaria	Não menciona
Filho	Oficina de escapamentos	Contabilidade	-	-	Marcenaria	-
Filho	Mecânica	-	-	-	-	-
Filha	Não menciona	Ministério da saúde	Não menciona	-	Contabilidade	-
Filha	-	-	-	-	Contabilidade	-

A atividade profissional dos filhos dos sujeitos entrevistados é diversificada, mas nem todos especificam suas ocupações. Na seqüência das narrações sobre a profissão dos filhos eles

falam espontaneamente das ocupações e estudos dos netos e até de sobrinhos, como é o caso de Sarah, que é solteira e não tem filhos, mas muitos sobrinhos. Entre estes, uma sobrinha em especial é tratada com carinho e predileção: *...Carina sempre teve muita afinidade comigo e eu também sempre disse que ela é a filha que eu não tive, sabe? Aquela pessoa especial que liga pra você, que lembra que você existe...* Sarah assume sua predileção pela sobrinha e diz que ela é especial: *os outros sobrinhos dizem: - Ah, a senhora é puxa-saco da Carina... e sou mesmo, porque ela pra mim é especial.*

Nelson não fala das ocupações dos filhos, mas, mesmo rindo, demonstra preocupação com os netos, detendo-se em um deles, que parece estar com dificuldades em se decidir sobre seu futuro profissional: *Meus netos são estudiosos. Tenho um neto se preparando para o vestibular. Ele já passou duas, três vezes, em Turismo e Educação Física... Desistiu de tudo. Agora quer medicina...* Nelson menciona o fato achando graça, como se não acreditasse que, depois de tanta indecisão e de tantas tentativas, esse fosse o caminho. Por sua fala dá a entender que o encaminhamento profissional dos netos não está ocorrendo de modo tranqüilo: *... isso não quer dizer que, quem não tem problema que atire a primeira pedra [ri], que tudo é belo, bonito, etc. e tal, mas sempre existem seus problemas, né.* Mesmo não falando diretamente sobre se gostaria que seus filhos seguissem sua profissão, ele diz ter gostado de constatar que a neta vê nele um exemplo a ser seguido: *Eu recebi uma carta outro dia, de uma das minhas netas, contando que o marido está trabalhando, trabalhando bastante, e seguindo os passos do vovô. Eu... essa eu gostei [ri]. Essa eu gostei! Pelo menos um exemplo a gente tem. Aliás, se você não dá exemplo...*

Zanoni, por sua vez, não acha que dar exemplos traga resultados e que a vida de trabalho dos filhos nem sempre está ao alcance dos pais. No seu entender, ele fez tudo o que lhe foi possível para que os filhos estudassem, dando-lhes a condição que ele mesmo não teve, mas nenhum deles chegou à formação superior e, portanto, não poderiam seguir sua profissão. Ao lhe ser perguntado sobre se gostaria que um filho seu seguisse seus passos ele respondeu: *Ah..., você tá brincando comigo. Tá brincando! Meus colegas todos têm filho formado em medicina, advocacia, engenharia... Eu não tenho nenhum filho formado. Dizem que os pais tem que dar exemplo, não tem? Pros filhos? Zanoni está ciente de que deu esse exemplo para os filhos, mas isso não foi suficiente para que eles estudassem: *Eu acho que dei exemplo. Se eu estudei sem ter nada, se eu vim de aprendiz, de soldado a oficial, a médico, ainda precisa ensinar um filho meu que, se eu não largava de livro dia e noite, até...**

Alguns deles gostariam que seus filhos seguissem sua profissão, como Ivo e Neide, esta em relação à filha falecida, mas não desejando o mesmo para os filhos: *Sabe que... os filhos, eu*

acho que não. Eu queria que minha filha fosse professora... Isso eu queria! Mas ela não quis. Ela faleceu funcionária do ministério da saúde em Brasília, né?

Ivo tem quatro filhos e uma filha, mas fala superficialmente de suas profissões, sendo que se detém mais a relatar as ocupações das netas:

Um deles trabalha com foto aérea e o outro tem firma de escapamento [de automóveis]. Márcia tem duas moças. Uma vai ser artista da Rede Globo. A mais velha já é quase médica. O Pedro tem um filho e uma filha, os dois ficam ajudando na oficina de escapamentos, lá. Ele, o neto, está estudando Administração de Empresas e ela está cuidando lá do escritório. Renato, que mora aqui na esquina e é mecânico, tem duas filhas ainda na escola, na parte da manhã. Agora lá, daquele que mora em Ponta Grossa, aquele não sei o que as filhas estudam.

À pergunta se gostaria que um dos filhos seguisse sua profissão ele responde que gostaria, mas que nenhum se interessou: *Eu gostaria, mas nada. Ninguém. Mas se eles precisam dum conserto no fogão à gás eu tenho que ir, porque eles não conseguem fazer nada.*

As filhas de Vera estudaram contabilidade e exercem a profissão, mas o filho, formado em administração de empresas, utiliza essa formação secundariamente:

Pois é, tenho duas contadoras né, formadas em Contabilidade que estão exercendo a profissão, né, e tenho um que é formado em Administração que não exerce assim, mas exerce porque tem marcenaria, né, e fazem móveis e então é isso... acaba utilizando a administração, né. E o outro rapaz começou a estudar, mas daí acabou cancelando matrícula e não voltou mais. Ele trabalha na marcenaria com o pai.

Para Vera seria bom, gratificante, se uma filha ou neta seguisse sua profissão: *Ah, eu gostaria. Mas as minhas netas bordam. Elas aprenderam comigo. As filhas também bordam, mas não que nem a gente, né, profissional.*

A instrução formal está presente na vida dos filhos dos participantes da pesquisa, mas o mesmo não ocorreu com eles próprios. Ivo não se preparou formalmente para o exercício de sua profissão, no entanto, proporcionou estudo a todos os seus filhos. Zanoni e Neide, apesar das dificuldades iniciais para freqüentarem a escola, realizaram seus estudos superiores, ainda que

tardamente, devido à sua própria vontade, ao contrário de seus filhos que não demonstraram o mesmo desejo em seguir suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Vera vê sua descendência dando continuidade ao bordado e à culinária ucraniana, como afazeres domésticos, mas não como profissão remunerada. Nelson preocupa-se com a formação dos netos, mas não menciona as profissões das filhas. Cabe ao pesquisador interpretar tanto a lembrança como o esquecimento (BOSI, 2004). Ao pesquisar sobre sentidos do trabalho é preciso interpretar também as omissões. Essa condição é sinalizada pela autora, quando ela afirma que esquecimentos e omissões, bem como trechos da narrativa são significativos de como se deram os fatos históricos ao longo da vida da pessoa. A forma como Nelson ingressou no mundo profissional, sem direcionar-se por uma escolha pessoal, mas familiar deixa entrever que pode ter dado às filhas exemplo de dedicação ao trabalho, mas não o gosto por uma profissão, uma vez que a escolha profissional foi um aspecto que não experimentou em sua vida. Ele não fala das profissões das filhas e demonstra preocupação com as escolhas profissionais e decisões dos netos, que lhes parecem desorientados para decidir a que profissões querem se direcionar.

Uma evidência se apresenta na diferença de formação acadêmica e profissional dos entrevistados e seus filhos: aqueles ou não estudaram ou o fizeram por sua própria iniciativa; para estes, os pais oportunizaram a escolarização. Os pais encaminharam sua vida ao trabalho antes mesmo de chegarem à vida adulta. Seus filhos e netos, primeiramente passam pelos bancos escolares para então seguirem uma profissão. A obrigatoriedade de escolarização imposta por lei²⁶ veio modificar historicamente a condições educacionais a partir de meados do século XX. Até então, a vida escolar era uma condição proporcionada aos filhos pelas famílias mais cultas e abastadas. Além desse fator a valorização da educação formal na formação individual dos sujeitos é uma realidade estabelecida a partir de então, fato que instalou definitivamente a importância da qualificação acadêmica na constituição do sujeito e sua relação com o trabalho no século XX e início do século XXI.

²⁶ Art. 227, do capítulo VII - Da família, da criança, do adolescente e do idoso, da Constituição da República Federativa do Brasil.

SENTIDOS DO TRABALHO

Somos aquilo que lembramos.

Norberto Bobbio

Norberto Bobbio (1997) diz que “somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos”. Sem exceção, os sujeitos entrevistados confirmam e demonstraram em palavras, em sentimentos e em expressões faciais o sentido e a dimensão existencial que atribuem ao trabalho. O brilho nos olhos e o gosto em falar do que fazem são evidências que demonstram o que ele lhes significa. Para eles a permanência no trabalho é mais do que fator de sobrevivência: relacionam o trabalho à própria vida e não se imaginam vivendo sem trabalhar. Há unanimidade entre eles nessa forma de apreciar e significar o trabalho. No entanto as trajetórias e os motivos pessoais são singulares e revelam suas particularidades, como é o caso de Sarah. O relato sobre sua vida de trabalho a mostra ativa, curiosa, interessada, constantemente em ação desde criança. Ela não menciona a existência de vida social na mocidade. Seu relato é, sobretudo, voltado ao trabalho, do qual gosta e do qual retira o ganho para o pagamento da funcionária e outras despesas. À pergunta sobre o sentido que atribui ao trabalho ela responde: *Feliz com o que eu faço. Meu trabalho é a minha vida. Eu não consigo fazer outra coisa, eu não sei ficar sem fazer nada e mesmo porque o que a gente ganha de aposentadoria não dá nem pra pagar as minhas despesas de funcionária, nem de consultório.*

A vida e o trabalho se entrelaçam e um significa o outro na visão de Sarah, conjunção que traz outros ganhos: *Bom, acho que a vida tem que ser trabalho e dignidade, eu acho que tocando junto estas duas coisas a gente consegue muita coisa, né.*

O gosto de Neide, o prazer e o impulso para continuar, o amor pelo trabalho são aspectos percebidos durante todo o tempo em que fala de sua trajetória profissional. Da mesma forma que Sarah, sua vida é de tal forma preenchida pelo trabalho que lhe parece impossível separar uma coisa da outra. No entanto ela coloca a família em igual patamar de importância: *... eu gosto muito do meu trabalho e é... é uma parte da minha vida, né. Ai, pra mim o sentido... é a vida. O meu trabalho é a minha vida, como meus filhos e netos, né, é a minha vida. Importantíssimo, acho que não viveria sem ele.* Ela não perde oportunidade de explicar, de esclarecer, de demonstrar,

característica sua que ficou evidente na entrevista, durante a qual, muitas vezes, parou para explicar, fazer contas, demonstrar no papel a lógica de raciocínios que tanto lhe fizeram falta:

Eu comecei assim, eu era criança e já meio professora. Ensinava assim, se você tivesse cento e vinte e cinco, menos oitenta e nove. Você ia tirar o nove do cinco. Lógico que, o cinco é menor, não dava e eles diziam empresta um, e o cinco vira quinze. Mas como se emprestar um? Eu sempre pensei: mas porque que vira quinze? E aquilo começou a me instigar, sabe? Eu lembro quando eu estudava no colégio, a irmã desenhava aqueles problemas e a gente não chegava numa solução, assim que satisfizesse, né.

Ela acha que ainda é cedo para parar de trabalhar. De fato, parece que ela mal começou, tal o seu entusiasmo. Sua disposição e encanto com as descobertas têm o tom de uma gostosa e facilitadora novidade que ela quer contar para todos. Assim pode ser definido o sentido do trabalho para Neide.

Ivo relaciona trabalho com sofrimento, o dele e o do irmão, pintor, que morreu porque não se protegeu dos efeitos tóxicos das tintas que usava. Ele entende que não cresceu mais fisicamente por causa do trabalho pesado que fazia quando ainda tinha pouca idade; saiu da ferraria para livrar-se do trabalho pesado depois de ser informado por um médico que se continuasse nesse trabalho, suas veias estourariam. Sua forma de significar o trabalho passa pelo sofrimento e pela associação com o uso da força física além do que ele podia suportar, quando começou a trabalhar ao ser retirado da escola, assim que aprendeu a escrever seu nome. Outro aspecto de sua forma de significar o trabalho é o de servir aos outros. No início, servindo ao pai; ao permanecer no trabalho o fez porque muitas pessoas precisam de seus préstimos e que para muitas que não podem pagar, ele faz o trabalho sem cobrar, cobrando menos ou permutando com materiais para o acervo de seu “museu”. Também pensa o trabalho como fator de preservação da saúde, quando diz que aceitou o conselho dos funcionários da previdência de permanecer trabalhando, por ocasião da aposentadoria, pois parar, segundo eles, “não é bom para a saúde”.

Ivo reclama e se contradiz quando afirma que seu trabalho é ruim, mas que não pode parar porque, sem o trabalho, fica triste. No início da entrevista, quando lhe foi dito que seriam feitas perguntas sobre sua vida de trabalho, Ivo responde, taxativo, que seu trabalho é ruim. Adiante, Ivo não entende a pergunta sobre o sentido do trabalho. À rerepresentação da pergunta ele responde: *Significa que eu fico feliz. Se eu ficar sem trabalhar eu fico triste.* Foi por gostar e por entender que deve ajudar as pessoas que ele não parou de trabalhar quando se aposentou pela previdência

social: *Eu não ia deixar de trabalhar porque gosto e porque muita gente merece ajuda e de muita gente eu não cobro nada. (...) Há muitas pessoas que eu faço por um preço baixinho, só pra não fazer de graça. Aí se a pessoa precisa, não pode pagar, não tem jeito, então eu não cobro.*

Para Nelson, o trabalho é o direcionamento, o rumo diário, sem o qual não vê sentido para estar vivo, pois sente o trabalho como a “própria vida”:

Sem trabalho você não tem... não tem itinerário, você não tem uma finalidade. Não é mesmo? É como eu digo de vez em quando: o trabalho enobrece a pessoa, ou ela cansa, né? [ri]. Eu tenho meu trabalho, eu tenho minha família, tudo isso reverteu também, foi em detrimento do trabalho. A minha família é o trabalho, o trabalho também foi minha família, né.

Mesmo tendo oportunidade de estudar em centros maiores, o trabalho veio como seqüência natural das condições vigentes em sua família e não exatamente como uma escolha ou como decorrência de formação profissional acadêmica. Apesar de ter condições de preparo acadêmico para o encaminhamento profissional parece não ter visto em si autonomia para escolher, tendo se abrigado em ocupação já trilhada pelo pai, da qual não saiu, ou seja, do início de sua carreira até hoje permanece na mesma ocupação.

Nelson já pensa em descansar, mas diz que é difícil imaginar-se longe da fábrica, pois mesmo em feriados e fins de semana ele visita as instalações da empresa. O trabalho para ele é a vida: *O sentido do trabalho? Meu Deus do céu... tem que ter o trabalho pra você participar da vida, se você não tiver o trabalho você vai participar do quê? O sentido do trabalho é vida.* (Nelson, 78 anos, industriário).

Para Nelson o trabalho também consola. Ao falar da doença que deu fim à vida de sua esposa, há três anos, ele demonstra pesar, mas afirma que tendo trabalho e gosto por ele é possível “liquidar” o sofrimento: *... teve os problemas com a doença dela, mas isso é... outros quinhentos... Mas... o problema é você gostar de trabalhar e estar a fim de trabalhar e isso liquida o assunto* [referindo-se a ter perdido a esposa].

Vera ocupou-se, mas não parece ter encontrado, em termos profissionais, o que realmente a realizaria, diferente do hobby que a realiza. Vera se encontrou na dança. Ocupação extra à qual passou a se dedicar depois de ter cumprido o papel de esposa e mãe, o trabalho de Vera, a culinária e o bordado foram se impregnando em seu repertório, em sua vivência e se evidenciou

como possibilidade de atividade remunerada que lhe dá prazer e importância. Vera teme pelo dia em que não mais possa trabalhar, não por sobrevivência, mas por sentir satisfação naquilo que faz. Alegria e prazer estão associados com o trabalho para ela: *Ah, é muita alegria, muito prazer, a gente trabalha com amor, você faz o que você quer, o que você gosta, né. Estou preocupada... o quê que eu vou fazer quando eu não puder mais trabalhar ?*

Talvez seja o seu modo de falar displicente que sugira essa idéia, mas Zanoni parece se relacionar com o trabalho de modo lúdico, como fazia quando era criança. Mesmo sabendo da responsabilidade de auxiliar no sustento da casa, brincava e até arriscava seu emprego retirando, sem permissão, das oficinas onde trabalhava o material para a confecção de artefatos para vender. Para ele o trabalho é consequência da dificuldade e da necessidade de ajudar em casa, como foi seu início por ocasião da separação dos pais: *... meu pai naquela época tava separado da minha mãe e eu tinha que ganhar a vida, tinha que arranjar dinheiro. Então me empreguei na fábrica como aprendiz, pra ganhar uns trocadinhos pra levar pra casa, pra comer, pra ajudar a mãe em casa, foi por isso. Daí que eu entrei como aprendiz e fui subindo.*

Zanoni significa o trabalho como uma necessidade em dois aspectos, um deles como força de vida: *o sentido do trabalho pra mim, é uma necessidade. Pra mim trabalhar é uma necessidade. É trabalhar! Enquanto eu puder levantar eu trabalho.* O outro aspecto identificado no relato de Zanoni é o temor de não obter o ganho para a sobrevivência. Esse aspecto é apontado por Gill (Andrade e Mourão, 2000) e indica o significado psicológico do trabalho, apontando o impacto do desgaste financeiro e do aspecto econômico do trabalho que permite assegurar as necessidades da vida familiar e do lazer. A necessidade de auxiliar no sustento da família que o levou a trabalhar na infância ainda o acompanha e aparece em sua fala: *Ah, se eu não trabalhar eu, eu fico doente. Eu digo, se eu não for trabalhar, parece que vai faltar o pão dentro de casa, parece que vai faltar o dinheiro pra pagar a luz e o colégio das crianças, dos filhos, parece que a família vai morrer de fome.* Além da necessidade e do temor pela sobrevivência, o gosto pelo trabalho: *Sou apaixonado, não é só gostar. Ah, uma maravilha, é a coisa mais linda do mundo, que eu gosto, eu me sinto feliz trabalhando.*

Coury (1993) aborda a possível relação entre satisfação no trabalho e satisfação na vida e cita trabalhos de pesquisadores em que alguns enfatizam a satisfação na vida como promotora da satisfação no trabalho, enquanto que outros afirmam a correlação contrária, ou seja, a satisfação no trabalho possibilitando satisfação na vida. Outros, ainda, apontam para a satisfação no trabalho como fator que depende do tipo de atividade laboral que o indivíduo desenvolve. A satisfação no

trabalho, para Siqueira e Gomide Júnior (in Zanelli, Borges-Andrade e Bastos, 2004), parte de uma concepção social na qual o sujeito satisfeito com o trabalho aumenta suas possibilidades de integração familiar e social, além de bem-estar físico e mental. Causalidade ou não entre esses dois aspectos, os sujeitos entrevistados, com exceção de Nelson, parecem satisfeitos com suas ocupações, com suas vidas e com suas outras atividades, que abrangem as esferas da família, da religião e de atividades lúdicas e recreativas a que se dedicam. As vidas dos participantes da pesquisa são preenchidas pelas suas ocupações e com a satisfação com que as desempenham. Esse aspecto de satisfação com o trabalho e com a vida, de modo geral, remete ao que Kimmel (1986, In: Coury, 1993) chama de relógio ocupacional, em que refere a avaliação que as pessoas, a partir da meia idade²⁷, fazem sobre o que pretendiam e o que efetivamente alcançaram na vida em termos de trabalho. Em outras palavras, ele fala do que o senso comum denomina realização profissional. Os sujeitos da presente pesquisa parecem perceberem-se em dia com seu relógio ocupacional. Esse fator de realização, acrescenta sentido às suas vidas, como verbalizam em seus relatos. Esse aspecto pode ser decorrência do fato de, em suas famílias, o trabalho ser vivenciado como uma dimensão para a qual se encaminharam naturalmente, sem questionamentos, como Nelson e Vera; com sofrimento, como no caso de Ivo; com empenho e tenacidade, como Neide e Sarah; como forma de ajudar no sustento da família, mas com ludicidade, como Zanoni.

Os velhos farão parte da força de trabalho em futuro próximo e essa tendência exige adequação dos sistemas de produção (Grünewald, 1997). Velhos que vivem sua pós-aposentadoria ativos profissionalmente, saudáveis, satisfeitos podem estar redesenhando uma forma de viver e contribuindo para a construção social da velhice, fazendo com os que os idosos, cada vez mais possam viver essa etapa da vida de modo desinstitucionalizado e autônomo. Neri (2000) refere-se a essa realidade quando insere o conceito de envelhecimento próspero e diz que essa forma de envelhecer está ocorrendo em mais pessoas ao mesmo tempo nas últimas décadas.

Alguns aspectos de relevância se evidenciaram na análise dos dados levantados pela pesquisa. Esses aspectos contribuíram de uma maneira ou de outra para a construção dos sentidos atribuídos pelos sujeitos ao trabalho no qual permanecem. Seja para caracterizar a forma como trabalham, seja para respaldar sua permanência no mundo profissional, seja para demarcar traços de personalidade, as mediações e construções levadas a diante ao longo de suas vidas resultaram em significados que não se esvaeceram com a passagem do tempo. São eles: memória, gênero,

²⁷ Entre 40 e 55 anos, segundo o autor.

religião, origem étnica, ocupações extras que impregnam as formas de significar o trabalho, mas também de vivenciar o período pós-aposentadoria de modo diferenciado e com satisfação.

Memória

A memória, processo mental superior e elemento de base para a realização deste trabalho, não se revelou como um aspecto que permitisse análise específica, uma vez que os relatos fluíram de modo contínuo e coerente. No entanto, seu adensamento em momentos marcantes foi percebido, como no momento da inserção no trabalho de Ivo; a aventura turística de Nelson; o sacrifício de Neide para atingir seus objetivos acadêmicos e profissionais; a saudade de Sarah da senhoria do pensionato em que morou na cidade onde realizou seus estudos superiores. A memória manifestou-se de modo peculiar em Zanoni. Como pessoa que superou com tenacidade situações que poderiam ter se tornado traumas (duas separações conjugais, duas perdas de bens materiais por enchentes, distanciamento da família), sua vida pregressa está atualizada, transformada em ações e realizações das quais se orgulha. Ao relatar sua vida de trabalho parecia estar consultando um precioso e invisível arquivo, do qual retirava as informações evocadas pela entrevista e avaliava cada uma delas, ria de algumas, exaltava-se com outras. Com ele foi possível perceber o trabalho da memória, a busca, a evocação e as sensações diferenciadas que cada lembrança provocava e eram acrescentadas ao seu relato.

Gênero

Sarah e Neide trazem em seu discurso referências ao modo como se pensava o trabalho feminino e a saída das mulheres de casa para o mundo do trabalho quando eram moças. Neide, sendo realmente impedida até mesmo de estudar; Sarah, vendo em sua mãe uma mulher que não se dobrou aos padrões da época, a incentivou a buscar formação acadêmica e à construção de sua vida profissional. Sarah foi incentivada à formação acadêmica superior pela mãe, mesmo em uma época em que essa não era uma prática aceita socialmente. Outro aspecto relativo à sua condição de mulher no mundo do trabalho aparece quando ela lembra que foi muito procurada no início de sua carreira por mulheres cujos maridos preferiam vê-las sendo atendidas por uma médica mulher em vez de médicos homens. A força desses padrões vigentes relativos a gênero, no entanto, não direcionaram Sarah que focou seu interesse no trabalho em si e não para profissões preferencialmente femininas. Ela ajudava a mãe tanto nos afazeres domésticos como na loja da

família, como ainda acompanhava o irmão e seu amigo, ambos médicos, nas visitas a doentes dos quais ajudava a cuidar.

A prevalência patriarcal do gerenciamento familiar foi trazida por Nelson e Sarah. O comércio, fonte de sustento da família de Sarah, era do pai, mas ela se refere ao trabalho efetivo da mãe atrás do balcão da loja. Nelson, fala da empresa e do trabalho do pai, mas adensa o relato e demonstra orgulho quando fala de sua vida social, sendo que este foi um dos fundadores do clube mais antigo da cidade. Ambos falam da vida dos pais no clube da cidade. Mas o exemplo de trabalho vem da mãe. Zanoni reporta-se ao trabalho do pai, que tem a mesma escolaridade da mãe, mas a mãe é a “coitadinha” analfabeta que só sabia cozinhar.

Neide traça em sua vida uma trajetória diferenciada se comparada ao modelo tradicional das mulheres de sua época. Sai de casa, trabalha e conta com apoio irrestrito do marido e dos filhos para o desempenho de sua profissão. Em nenhum momento ela menciona dificuldade para o desempenho profissional. Quando grávida e com filhos pequenos diminuiu as atividades por iniciativa própria, por achar que era seu dever atendê-los melhor nesse período. Nos cargos que ocupa nas instituições de ensino superior e nas de ensino médio, ela foi chefe de departamento e diz que sempre ocupa cargos que normalmente são ocupados por homens.

Ivo, em seu início de vida, aos sete anos de idade, foi obrigado a trabalhar por ser o homem mais velho da família. O foco do pai foi sua condição de homem, sendo ignorada sua condição de criança. Aos 82 anos ele é o único homem a participar do grupo de terceira idade que frequenta. Da inserção no *ethos masculino*²⁸ do trabalho braçal ao universo eminentemente feminino dos grupos de terceira idade, ele circula com naturalidade por espaços diferenciados marcadamente por aspectos relativos a gênero.

Vera deu início à sua vida profissional aos 45 anos de idade e não sofreu o peso da observância aos padrões, possivelmente por trabalhar em afazeres eminentemente “femininos” e depois de ter criado os filhos, além de ter começado a trabalhar em um período em que o trabalho remunerado feminino não contrariava mais os costumes, como ocorria na época em que Neide e Sarah começaram.

Ivo, Neide e Sarah parecem não reconhecer os limites relativos a gênero, pois circulam pelos espaços que lhes atraem, não se restringindo àqueles restritos e impostos pelos padrões sociais aos homens e às mulheres.

²⁸ HITA, Maria Gabriela. (1999). Resenha: Masculino, feminino, plural. Em: DEBERT, Guita Grin (org.). *Cadernos Pagu*, (13). Núcleo de estudos de gênero/UNICAMP. Campinas - SP. p. 371 – 383.

Religião

Aspecto que não teve relevância nos relatos de Nelson e Neide, deixaram marcas na visão de mundo de Ivo e de Vera, uma vez que os mesmos viveram sua infância e sua vida adulta em meio à comunidade ucraniana, com claras demarcações religiosas em seu cotidiano. O espaço social de Ivo e Vera é o espaço da comunidade religiosa ucraniana.

Um sentido religioso a mais, no entanto, aparece nos relatos de Ivo. Como homem que viveu e vive em contato com a terra, ele tem familiaridade com plantas e ervas medicinais e faz suas prescrições para familiares e conhecidos e até mesmo para pessoas que vão à sua casa em busca de seu trabalho de consertar fogões. Consigo mesmo ele realizou cura de ferimentos e de cegueira temporária por acidente de trabalho. A fé aliada ao contato com ervas e unguentos já o ajudou em situações difíceis de saúde, quando não havia médicos disponíveis no posto de saúde de seu bairro. Com a demora do médico ele voltou para casa e por si mesmo medicou-se e ficou livre do problema por intervenção própria.

Sarah e Zanoni entendem a religião de modo semelhante entre si e a ela atribuem importância, como freio e auxílio aos pais na educação dos filhos para Sarah e como prática do bem para Zanoni. Os relatos de trabalho deles parecem reportar ou atribuir um poder à divindade e à fé que foge aos seres humanos e ninguém mais indicado para essa percepção do que esses profissionais da saúde. Algumas vezes em sua prática profissional, ao se depararem com a morte, surge a constatação da limitação de seu conhecimento, a presença da fé na família dos pacientes e se impõem a necessidade de ligarem-se a uma força maior que os fazem valorizar a religião e a fé na vida das pessoas.

Zanoni se estende ao falar de religião quando lhe foi perguntado, para fins de preenchimento dos dados de identificação. Ele tem religião definida e em sua opinião o que importa é ter uma religião. Ele acha que religião e a prática do bem são sinônimos e procura fazer a sua parte para ajudar a quem puder.

Origem étnica e trabalho

As mediações familiares presentes em uma região de diversidade étnica revelou a pregnância das características da imigração nas construções e encaminhamentos profissionais dos sujeitos entrevistados. O comércio para as comunidades de origem libanesa; a agricultura e

criação de animais para os imigrantes europeus que habitam a região de domicílio dos entrevistados; a valorização da formação acadêmica para os moradores dos espaços urbanos, cujos filhos foram incentivados à escolarização, ainda que tais aspectos não possam, evidentemente, ser generalizados e aplicados a todos os casos.

A associação entre trabalho e origem étnica mostrou-se, quando não presente efetivamente, mesclada nas verbalizações dos participantes da pesquisa. Sem exceção eles mencionaram as características da origem étnica aos se referirem às atividades profissionais de suas famílias de origem. Esse é um dos aspectos que podem ser objeto de futuras pesquisas.

Trabalho dos filhos e netos

Quando a pergunta era sobre as atividades profissionais dos filhos, os entrevistados, em sua maioria, “pularam” os filhos e filhas e reportaram-se aos netos e netas, numa referência ao seu interesse e mesmo preocupação com o encaminhamento acadêmico e profissional dos mesmos.

Outro aspecto observado foi a presença da escolarização na formação dos filhos dos sujeitos entrevistados, fato verificado maciçamente na população brasileira, sobretudo nos meios urbanos, a partir da exigência legal para essa prática.

Características pessoais, ocupações extras e sentido do trabalho

As características pessoais de alguns dos entrevistados mostraram-se em seus depoimentos desde a infância e desde o início de sua vida de trabalho. As formas de vivenciarem seu trabalho no início são, basicamente, as mesmas de agora, como se vê em Nelson, que usa as mesmas palavras para caracterizar seu trabalho na empresa do pai: “lá eu fazia de tudo” e hoje: “meu trabalho é generalizado”.

De forma idêntica a Nelson, Ivo usa as mesmas palavras para relatar o início e o período atual de trabalho. Ivo, no entanto, utiliza palavras que significam dor, esforço e sacrifício de seu início na agricultura familiar e dos ferimentos que o machucam no trabalho “ruim” a que ainda hoje se dedica.

Neide observava e não aceitava ensinamentos superficiais e incompletos. Curiosa e atenta quando criança, hoje ela esclarece, mostra a lógica de operações obscuras quando lhe solicitam ou não explicações matemáticas.

Vera, menina cresceu dentro de casa com a presença marcante de costumes da etnia ucraniana, trabalha por necessidade na juventude, mas volta para o recinto doméstico ao se casar e nele instala sua confecção de massas, mais tarde, quando cessam suas ocupações de mãe.

Sarah, atenta à movimentada vida dos adultos quando criança transcende o espaço privado e profissional e insere-se na vida comunitária e social por meio da política, em mais uma possibilidade de manter-se ativa e participante.

Zanoni tirou das adversidades forças para progredir profissional e economicamente, transpôs obstáculos impostos pela vida familiar e conjugal e não teme recomeçar, seja na vida material, afetiva ou profissional, na qual desenrolou duas carreiras, a de militar e a de médico.

Em todos eles a permanência no trabalho e os sentidos atribuídos a ele trazem as características da forma como foram sendo constituídos pelas mediações familiares e regionais, pelos exemplos dos pais e pela forma pessoal como assimilaram esse universo de informações. Paralelamente ao trabalho, os entrevistados dedicam-se a atividades extras, que lhes dão prazer e os diferenciam pela escolha pessoal que fizeram ao elegerem seus hobbies. Essa escolha não está presente nas ocupações profissionais de Ivo e Nelson, mas estão presentes nas ocupações não remuneradas, lúdicas que dão colorido às suas vidas. Cada um deles tem prazer nessas atividades e talvez não seja inadequado supor que estas são um suporte de qualidade para o conjunto de realizações que fazem de suas vidas exemplos vivos de envelhecimento saudável e bem sucedido, o envelhecimento próspero, com padrões de comportamento comparável com recortes de faixas etárias mais jovens, com pequena ou nenhuma perda funcional, com a permanência de comportamentos criativos, motivação para aprender, continuidade de envolvimento em atividades diversas, domínio profissional e cognição cotidiana prática.

Este é amplamente um ideal social e individual procurado por várias gerações, mas só nas últimas décadas é possível vê-lo acontecendo em um número grande das pessoas. Este ideal social mencionado por Neri (2000), parece ser uma resposta positiva à pergunta “qual o sentido atribuído ao trabalho nos anos a mais de vida que a humanidade vêm adquirindo”? Está ficando visível não só o aumento do número de velhos na configuração demográfica mundial, mas também o aumento de idosos que vem utilizando seu tempo por meio dessa forma peculiar e inédita em termos populacionais de viver os anos a mais de vida que seus ancestrais não tinham.

Os entrevistados falam das atividades que desempenham, da vida em família, do trabalho, de sua vida social, esferas da existência às quais atribuem sentido e importância em igual patamar. Enfim, eles falam da *vida* e de sua fluência e desenvolvimento contínuos e das possibilidades que,

a cada dia, fazem deles gestores autônomos de sua pós-aposentadoria e autores da construção social da velhice do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. (2003). Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial.
- ARIÈS, Philippe. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. (1981). Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. (1997). Densidade da memória, trajetória e projeto de vida. Em: Revista Estudos Feministas, v. 5, n° 1, p. 140-147.
- BEAUVOIR, Simone. (1990). A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BERQUÓ, Elza. (1996). Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. Anais do primeiro seminário internacional – envelhecimento populacional: uma agenda para o final do século. Brasília, DF.
- BORGES, Livia de Oliveira & YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. (2004). O mundo do trabalho. Em: ZANELLI, BORGES-ANDRADE, BASTOS & cols. Psicologia, Organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed.
- BOSI, Ecléa. (1994). Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, Ecléa. (2003). O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo & ABREU, Antônio Suarez. (1997). O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. Em: Revista ABOP. v. 1, n° 1, p. 5 – 33.
- CALDAS, Célia P. C. (1993). Memórias de velhos trabalhadores. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CECÍLIO, Salua. (1989). Aposentadoria como velhice: um subproduto do culto ao trabalho. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CÍCERO, Marco Túlio. (2002). Saber envelhecer e a amizade. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM.
- CODO, Wanderley et al. (1993). Indivíduo trabalho e sofrimento: Uma abordagem interdisciplinar. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes.

- CODO, Soratto e Vasques-Menezes. (2004). Saúde Mental e Trabalho. Em: ZANELLI, BORGES-ANDRADE, BASTOS & cols. Psicologia, Organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed.
- COURY, Helenice Jane Cote Gil. (1993). Satisfação no trabalho e satisfação na vida: questões teóricas e metodológicas. Em: NERI, Anita Liberalesso (org.). Qualidade de vida e idade madura. Campinas, SP: Papirus.
- DEBERT, Guita Gren. (1997). A Invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. Em: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, nº 34, p. 39-55.
- DUARTE, Lúcia Regina Severo. (1999). Terceira Idade: Senectude: uma questão de idade ou uma mera questão referencial? Uma breve revisão bibliográfica. Em: Revista Psicologia Argumento, ano XVII, n.º XXV, p. 133-146.
- ECKERT, Cornélia. (1997). A saudade em festa e a ética da lembrança. Em: Revista Estudos Feministas, v. 5, nº 1, p. 182.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1999). Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FILHO, Wilson Jacob & TODARO, Mônica de Ávila. (2004). Dança: uma atividade física de corpo e alma. Em: DIOGO, Maria José D'Elboux, NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI, Meire (orgs). Saúde e qualidade de vida na velhice. Campinas, SP: Editora Alínea.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. (1994). Ensino Médio: Desafios e reflexões. Campinas: Papirus.
- GOLDFARB, Delia Catullo. (1998). Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GRÜNEWALD, Virgínia. (1997). Considerações sobre Ergonomia e Terceira Idade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- HADDAD, Eneida Gonçalves. (1986). A Ideologia da velhice. São Paulo: Cortez.
- HITA, Maria Gabriela. (1999). Resenha: Masculino, feminino, plural. Em: DEBERT, Guita Grin (org.). Cadernos Pagu, (13). Núcleo de estudos de gênero/UNICAMP. Campinas - SP. p. 371 – 383.
- MOTTA, Alda Britto da. (1996). Terceira Idade – Gênero, classe social e moda teórica. Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS, no Grupo de Trabalho “Relações de Gênero”. Caxambu, MG.

- MOURÃO, Luciana & BORGES ANDRADE, Jairo Eduardo. (2001). Significado do trabalho: caminhos percorridos e sinalização de tendências. Disponível em: <www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-cor.html>. Acesso em: 20/10/2003.
- NERI, Anita Liberalesso. (1991). Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- NERI, Anita Liberalesso. (1993). Qualidade de vida e idade madura. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- NERI, Anita Liberalesso. Older worker. s.l. s.n. s.d. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/revgeron/aln01.html>>. Acesso em 2004/29/02 refere-se a esse texto como tendo sido escrito em 2000.
- NEUFELD, Carmem Beatriz & STEIN, Lílian Milnitski. (2001). A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. Em: Revista Estudos de Psicologia. V. 18, Nº 2, p. 50-63.
- PARKER, STANLEY. (1976). Sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zaher Editores.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. (1997). Histórias de mais de 60 anos. Em: Revista Estudos Feministas. v. 5, nº 1. p. 148.
- POSNER, Michael I. (1980). Cognição. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda.
- POZO, Juan Ignacio. (1998). Teorias cognitivas da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RAGO, Margareth. (2001). Trabalho feminino e sexualidade. Em: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto.
- SANT'ANNA, Mara Rúbia. (1999). O Velho no espelho: Um cidadão que envelheceu. Florianópolis: Editora da UFSC.
- SILVA, Maurício Roberto da. (2003). As máculas do envelhecimento precoce das crianças trabalhadoras nos canaviais doce-amargos da zona da mata açucareira pernambucana. Em: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). Infância e Velhice. Campinas, SP: Editora Alínea.
- SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias & GOMIDE JÚNIOR, Sinésio. (2004). Vínculos com o trabalho e com a organização. Em: ZANELLI, BORGES-ANDRADE, BASTOS & cols. Psicologia, Organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed.
- SKINNER, Burrhus F. & VAUGHAN, Margareth. (1985). Viva bem a velhice: Aprendendo a programar a sua vida. São Paulo: Summus.
- STUART-HAMILTON, Ian. (2002). A psicologia do envelhecimento: Uma introdução. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. (1998). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes.

ZIMERMAN, Guitte I. (2000). Velhice: Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed.

Anexo 1

Instrumento

Identificação

Nome: (iniciais) _____ Sexo: M F Estado civil: _____
 Data de nascimento: __/__/____. Idade: ____
 Local de nascimento: _____ UF: ____
 Nº filhos: ____ Netos: ____ Bisnetos: ____
 Escolaridade: _____
 Profissão: _____
 Ocupação atual: _____
 Religião: _____
 Com quem reside: _____
 Até que idade morou com família de origem _____

Renda (faixa):

- menos de 01 (um) salário mínimo
- de 01 (um) a 03 (três) salários mínimos
- de 03 (três) a 06 (seis) salários mínimos
- acima de 06 (seis) salários mínimos

Trabalho – Período atual e progresso

Relato sobre trabalho em que atua.

Único trabalho? Gosta do que faz?

Como veio a se interessar pelo trabalho que hoje exerce.

Sentido do trabalho.

Situação gratificante relacionada com seu trabalho.

Situação frustrante relacionada com seu trabalho.

Recomeçaria vida profissional no mesmo trabalho?

Trabalho – Família de origem

Profissão do pai.

Profissão da mãe.

Principal atividade profissional na família de seu pai.

Principal atividade profissional da família de sua mãe.

Trabalho em sua família de origem

Profissões que lhe chamavam atenção quando criança.

Influência da família/outros na escolha.

Contatos iniciais com o trabalho que hoje desenvolve (pessoas, circunstâncias)

Ditos de família a respeito de trabalho

Coisas que a família falava sobre trabalho de modo geral

Comentários/conceitos da família sobre sua futura profissão

Trabalho da mãe - comentários a respeito - pensamentos, sentimentos, percepção

Idem pai.

Idem irmãos mais velhos.

Familiares.

Pessoas da comunidade.

Outras ocupações – Período atual e progresso

Hobby.

Ocupação fora do período de trabalho.

Influências regionais sobre trabalho

Trabalho em sua comunidade/vizinhança

O que pensa a respeito de como o trabalho é significado na vizinhança/comunidade (período atual e progresso).

Comentários (o que pensa sobre o que ouve, o que sente, concorda, discorda - vizinhança, comunidade).

Finalização

Como vê, sente, percebe, significa estar em atividade profissional remunerada até hoje.

Sentido que atribui ao trabalho.

Anexo 2

SENADO FEDERAL COMISSÃO DIRETORA PARECER Nº 1301, DE 2003

Redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem).

A **Comissão Diretora** apresenta a redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem), que *dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*, consolidando as emendas de redação aprovadas pelo Plenário.

Sala de Reuniões da Comissão, em 23 de setembro de 2003.

CAPÍTULO VI DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TRABALHO

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;

II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;

III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.